

Diário de Lisboa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES

DIRECTOR ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEFOS: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: D I B O AREDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOAPROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2EDITOR — J. CHRISÓSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

A CRISE DO TRABALHISMO

O Partido Trabalhista na Grã-Bretanha atravessa uma profunda crise. Esta agravou-se nos últimos tempos em virtude da doença de Aneurin Bevan e do declínio do prestígio do seu chefe, Hugh Gaitskell, junto de correligionários que só com relutância se resignaram a aceitar a sua escolha para o cargo que ocupa. Há, para justificar essa crise, um motivo fundamental e razões acessórias. O primeiro aparece frequentemente obscurecido pelas últimas, o que ilude a sua verdadeira natureza e importância. Nele se filiou a derrota trabalhista na última consulta eleitoral realizada na Grã-Bretanha e é ele que está na origem das divergências que separam os seus dirigentes.

2.ª TIRAGEM

Eisenhower

aceitou o convite para visitar Portugal

WASHINGTON, 12 — O embaixador de Portugal em Washington, sr. dr. Luis Esteves Fernandes, anunciou que o Presidente Eisenhower aceitou o convite do Governo português para visitar Portugal depois da conferência no mais alto nível, que se realizará em Paris, no mês de Maio. — (Reuter).

Desacordo entre os "Sete" quanto à tática a adoptar perante o Mercado Comum

VIENA, 12 — A conferência dos ministros dos países pertencentes à Associação Europeia de Comércio Livre (E. F. T. A.), que ontem se iniciou em Viena, continuou hoje os seus trabalhos, no grande salão de conferências do antigo palácio imperial de Hofburg. Os ministros concluem hoje a discussão dos vários temas abordados ontem e prepararão o comunicado oficial da reunião.

Embora as sessões se realizem à porta fechada, soube-se, em conversa particular com os delegados, que a reunião prosseguia «harmoniosa e sossegadamente» e que não tem havido «incidentes dramáticos».

Os objectivos da conferência são evitar quaisquer medidas que possam levar a um aumento da discriminação no comércio da Europa e tentar reduzir a um mínimo as barreiras alfandegárias e a discriminação. Têm de se evitar quaisquer agravamentos da actual situação, para o que devem ser acautelados os interesses de todas as terceiras partes, dos países membros da G. A. T. T. e dos países ultramarinos.

A Grã-Bretanha atravessa uma fase de transição e adaptação às realidades criadas pela revolução estratégica que, com uma rapidez sem precedentes, modificou a face do Mundo depois da última guerra. As tentativas que tem feito para se adaptar às suas vicissitudes e contingências — entre elas o esforço despendido para ingressar no «club» atómico — não levaram a

(Continua na página seguinte)

(Continua na página seguinte)

(Continua na 14.ª página)

A milhões de quilómetros da Terra será ligado um emissor do «Pioneiro V» que transmitirá durante alguns anos

WASHINGTON, 12 — A Administração Nacional Aeronáutica do Espaço (N. A. S. A.) calculou que às 13,05 (T. M. G.), aproximadamente 24 horas depois de ser lançado, o «Pioneiro V» estará a cerca de 300.000 quilómetros da Terra, deslocando-se à velocidade de 10.500 quilómetros por hora.

A's 22,05 (T. M. G.) de ontem, o

satélite estava a cerca de 135.000 quilómetros da Terra. As entidades oficiais calculam que ele devia estar a 215.000 quilómetros às 5 horas e a 260.000 às 9,05 (T. M. G.). A's 9 horas, a sua posição era sobre o Oceano Índico, a cerca de 400 milhas a Leste de Madagascar.

O novo planeta artificial, que foi lançado ontem de Cape Canaveral,

cinco segundos depois das 13 horas (T. M. G.) é uma esfera pouco maior do que uma bola de praia, contendo 41 quilos de instrumentos de registo e transmissão, passará a cerca de 120 milhões de quilómetros do Sol dentro de 151 dias, encontrando-se então a 74 milhões de quilómetros da Terra. Continuando na sua trajetória, passará a cerca de 10 milhões de quilómetros da órbita de Vénus.

No ponto da sua órbita mais distante da Terra, o planeta artificial estará a 186 milhões de quilómetros de distância, pelo que não será possível captar os seus emissores, que têm um alcance máximo de 80 milhões de quilómetros.

O «PIONEIRO V» TRANSMITIRÁ DURANTE ANOS

Cientistas americanos anunciaram hoje que «tudo corria bem» com o «Pioneiro V», enquanto este percorria o espaço para entrar numa órbita à volta do Sol, na primeira experiência em grande escala de comunicações interplanetárias pela rádio.

Um informador da N. A. S. A. declarou: «A nitidez dos sinais que estão a ser transmitidos para a Terra

(Continua na última página)

A N.A.T.O. sancionou o plano de desarmamento dos «Cinco Ocidentais»

PARIS, 12 — As quinze potências da N. A. T. O. sancionaram o plano de desarmamento ocidental elaborado pelas cinco nações encarregadas de negociar com os países de Leste, no Comité Paritário dos Dez.

No termo da sessão do Conselho Permanente, que se reuniu esta manhã, sob a presidência de Paul-Henri Spaak, secretário-geral da N. A. T. O. e que durou perto de duas horas, o informador da Organização declarou que o Conselho havia patenteado «a sua inteira simpatia» quanto ao plano ocidental.

O general Edison Burnes, representante do Canadá, respondeu aos oradores em nome das potências negociadoras. O informador concluiu que a discussão levou a uma perfeita unanimidade. — (F. P.).

A criminalidade na Inglaterra

LONDRES, 12. — Um relatório apresentado à Câmara dos Comuns indica que houve em 1959, na Inglaterra, 13.875 actos criminosos contra 5.235 em 1949.

Perante este aumento da criminalidade, alguns parlamentares sugerem que voltem a aplicar-se castigos corporais. Estes foram instituídos em 1861, mas, actualmente, só muito raramente são aplicados. — (F. P.).

ESTA SEMANA, DIZ O MÉDICO...

Valor nutritivo do bacalhau

pelo DR. AUGUSTO D'ESAGUY

ENTRE os alimentos que o mar fornece (a água do mar, meio orgânico) conta-se o bacalhau, que se pesca nos mares do Norte, numa zona compreendida entre a Noruega, Escócia, Irlanda, Gronelândia, Islândia e Terra Nova, mares de correntes intensas e águas

batidas e renovadas, em que o fenómeno da fotossíntese se verifica em importantes massas líquidas. Aparece também nas costas atlânticas da América do Norte e Canadá, assim como no Mar do Norte

(Continua na 11.ª página)



O duque de Edimburgo tornou-se membro da «Grande Ordem dos Ratos de Água», constituída por artistas de «music-hall», que lhe ofereceram, para o príncipe recém-nascido, o urso de peluche que admira sorridente.

Nota do dia

AMIGOS E ALIADOS

Depois das suas recentes visitas a Bonn e a Madrid, o ministro dos Negócios Estrangeiros, embaixador Marcello Mathias, deslocou-se a Londres, a convite do Governo britânico. Esta visita está na linha normal do desenvolvimento da nossa política externa, dentro dos princípios que informam os compromissos a que nos obrigamos internacionalmente, e das alianças e acordos que regulam uma política de interesses comuns e de tradicional amizade com diversos países. Na capital inglesa, o ministro português teve conferências com diversos membros do Governo e outras entidades ligadas, quer aos problemas político-económicos, quer ao cumprimento das obrigações resultantes da Aliança Atlântica.

O comunicado final das conversações salienta o tom cordial e amigável em que elas decorreram e afirma que «constituíram uma importante contribuição para o fortalecimento dos laços históricos existentes entre os dois países». Claro que as negociações incidiram, particularmente, sobre problemas que a ambos os países preocupam, como sejam o aumento das tro-

cas comerciais entre Portugal e a Grã-Bretanha e, sobretudo, a «situação nas várias regiões de África onde Portugal e a Inglaterra têm responsabilidades especiais e obrigações nacionais».

A simples enunciação dos problemas debatidos nas conferências que o embaixador Marcello Mathias teve em Londres serve a demonstrar a importância da visita e deixa entrever os resultados positivos que é legítimo esperar do acordo a que os negociadores chegaram e que traduz o propósito decidido de servir a causa da paz sem comprometer a garantia da defesa comum.

VISADO PELA CENSURA

Diário de Lisboa

publica hoje

32

páginas

QUE INCLUEM

MAGAZINE

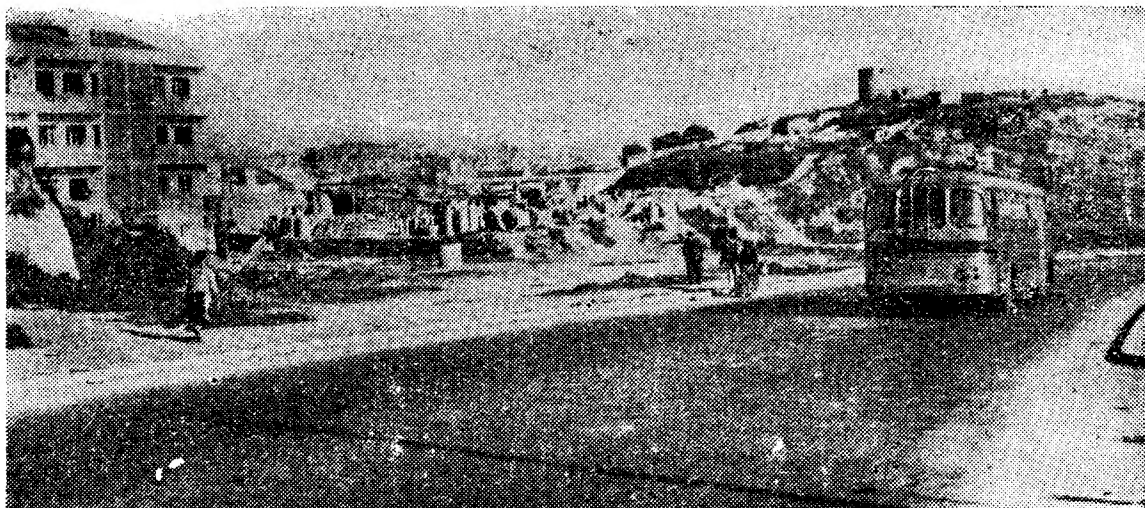
*

JUVENIL

*

DE UMA SEMANA PARA A OUTRA

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.



A direita da gravura vê-se, da nova estrada que parte de Cacilhas para o Sul, o morro de onde os turistas contemplam um soberbo panorama, mas onde se enroscam as barracas que constituem um espectáculo lamentável

Impõe-se o arranjo do largo de Cacilhas onde é indispensável a existência de um posto de turismo

Cacilhas é, por assim dizer, a sala de visitas para as pessoas que atravessam o rio, em viagem para o sul e para vários pontos do concelho de Almada. Os estrangeiros não têm quem lhes dê qualquer informação sobre o itinerário desejado, nem quaisquer indicações sobre as belezas naturais ou os atractivos turísticos da região. Por vezes, deambulam pelos estabelecimentos solicitando indicações em idiomas que ninguém entende.

Como deparam com um morro alto para ali se dirigem. Ficam enlevados ante o admirável panorama e, ao mesmo tempo, com uma desagradável impressão, pois ali se lhes depara um aglomerado de barracas. E logo lhe assaltam as máquinas fotográficas, que recolhem o documento daquilo que tão desagradavelmente os impressiona e tanto nos confrange.

É esta a propaganda que se está a fazer no concelho de Almada — e não se poderá dizer que seja, verdadeiramente, um modelo de propaganda turística...

Ora, se ali existisse um posto de Turismo, como há muito se impõe, evidentemente que seria evitado tal espectáculo aos visitantes, pois lhes proporcionariam a agradável excursão aos locais sugestivos e pitorescos e aos mais belos trechos de uma paisagem admirável.

Não basta fazer propaganda do turismo individual ou officiosamente, sem que lhe sejam facultadas as possibilidades indispensáveis para manter a «sala de visitas» limpa, bem iluminada e pessoal capaz de atender os visitantes.

O Largo de Cacilhas, tal como está, é um espectáculo lamentável, tanto para nós como para os estrangeiros. Já nos temos referido às condições do local, transformado em lodçal, aqui e ali, nos dias invernosos, cheio de moscas e poeira nos dias soalheiros. E passam por ali, diariamente, 900 carros.

Parece-nos que o caso deve merecer a atenção das entidades competentes para a indispensável e urgente solução.

O 67.º ANIVERSARIO da Cooperativa Piedense

Incluído no programa das comemorações do 67.º aniversário da Cooperativa Piedense, da Cova da Piedade, haverá um grande espectáculo de variedades, no qual colaboram elementos da prestigiosa instituição e também da simpática Academia Almadaense.

As comemorações encerram-se amanhã com uma sessão solene, que começa às 16 horas e á qual estarão presentes entidades oficiais, representantes de organizações congêneres e várias colectividades, etc. Serão oferecidos enxovais a todas as crianças nascidas no período das festas (4 a 13 deste mês).

Assembleia Geral

No dia 25 reúne-se a assembleia geral da Parceria dos Vapores Lisboenses, para apreciar o relatório e contas do exercício do ano findo e o parecer do conselho fiscal.

Farmácias de serviço

ALCOCHETE — Gameiro — Largo António S. Jorge, telef. 034100.
ALMADA — Farmácia Algarve — Rua Fernão Lopes, n.º 1.
BARREIRO — Farmácia Central — Avenida da Bélgica, 48 telefone 023207.

COVA DA PIEDADE — Castro Rodrigues — Praça 5 de Outubro de 1910, 62, telefone 070121.

MOITA — Silva Rocha — Praça da Republica, 16, telefone 039029.
MONTIJO — Higiene — Rua José Joaquim de Matos.

SEIXAL — Soromenho — Rua Paiva Coelho, 32, telefone 021580.
SEIMBRA — Lopes — Rua Candido dos Reis, 67, telefone 029028.
SETUBAL — Higiene — Rua F. Agostinho da Cruz, 507, telefone 22408; e Portugal — Rua Camilo Castelo Branco, 34 a 38, tel. 23211.

Cinemas

ALMADA — Academia Recreativa — As 21 horas — «O inspector geral» (12 anos).

COVA DA PIEDADE — Recreativo Piedense — As 21 e 15 — «Miguel Strogoff».

SETUBAL — Salão Recreio do Povo — As 21 horas — «Carga preciosa» (17 anos).

BARREIRO — Cinema Ginásio — As 20 e 45 — «Julia, a Ruiva» e «Pistoleiros malditos» (17 anos).

TRAFARIA — Pavilhão Jardim — As 21 e 15 — «4 espingardas em fumo» e «Ele e as mulheres» (17 anos).

MOITA — Capricho Moitense — As 21 — «Vieram do espaço amazonas» (17 anos).

MONTIJO — Cinema Teatro Joaquim de Almeida — As 21 — «Edie o sedutor» e «Retalhos da vida» (17 anos).

PORTO BRANDÃO — Cinema — As 21 e 15 — «Forte massacre» e a comédia «Onde está o gato?» (12 anos).

A FALTA DE CEBOLAS

Continua a verificar-se grande escassez de cebola no mercado, o que deu origem a que a Intendência-Geral dos Abastecimentos intensificasse a fiscalização, por considerat os preços de venda ao publico exagerados. Nesse sentido as actividades dos grossistas estão a ser atentamente vigiadas e, nalguns casos, têm sido intimados a baixar os preços de venda para 3\$50.

A crise do Trabalho

(Continuação da página anterior)

resultados definitivos. O seu povo reflecte o descontentamento desse malogro que se tornou mais agudo com o desaire do Suez. O regresso da opinião pública britânica a um clima de lucidez colectiva tem sido moroso.

Como de costume os Ingleses saberão vencer esse obstáculo com a magnifica tradição das suas recuperações e a experiência política que, no passado, salvaguardou a Grã-Bretanha dos desastres nacionais irreversíveis. Mas os reflexos do traumatismo provocado pela revolução tecnológica das novas armas fazem-se, entretanto, sentir com intensidade maior nas fileiras do trabalho do que nas dos conservadores, numa época em que o povo inglês está decidido a salvar as suas instituições políticas, a sua saúde económica e o seu equilibrio social das aventuras demagógicas e da tentação totalitária. As razões do fenómeno são simples e filiam-se nas características específicas do socialismo britânico e na sua escola de tolerância e compreensão, inalteravelmente seguida e respeitada.

Em meio século de existência o Partido Trabalhista da Grã-Bretanha superou os trances dolorosos de duas conflagrações mundiais, do fim do império colonial britânico, do aparecimento da Comunidade de nações que recolheu parte da sua herança e da perda da imunidade estratégica que permitiu a Grã-Bretanha desempenhar, praiando na Europa a regra do equilibrio continental, a sua missão civilizadora. As suas estruturas iniciais — a de origem sindical, a dos intelectuais, que a ele aderiram, e a dos cooperativistas — foram abaladas pelo turbilhão dos acontecimentos que se precipitam a um ritmo desconcertante.

A corrente pacifista teve sempre

nas decisões de que dependeu a sobrevivência do trabalho britânico uma influência predominante. Foi ela que obscureceu a visão dos princípios contestados pelo imperialismo alemão nas vésperas da primeira guerra mundial e o impediu de ter nela o papel que normalmente lhe caberia. Nas vésperas da segunda, as suas hesitações contribuíram para precipitar o conflito que poderia ser evitado com uma atitude mais firme da sua parte. Este balanço negativo foi compensado pela incontestável habilidade com que os trabalhistas, no Poder, fizeram a transição da era colonial e imperial para a da Comunidade e impuseram, com sacrifício das convicções profundas de muitos deles, a aliança com os Estados Unidos.

Nos últimos tempos mostraram-se os seus dirigentes incapazes de definir um programa coerente de política externa para corresponder às exigências da nossa época. As suas soluções para os problemas do desarmamento e para a liquidação da guerra pela realização de um tratado de paz com a Alemanha são falhas de realismo e firmeza e nessa carência se filia a crise que o partido atravessa, a qual, segundo todas as probabilidades, o sr. Gaitskell dificilmente conjurará.

Visitantes goeses

Os Goezes que se encontram de visita á Metrópole, percorreram hoje, de manhã, acompanhados do sr. Garcês Pavão, funcionário superior da Agência Geral do Ultramar, o circuito turístico Lisboa-Sintra-Cascais-Estoril, a p's o que visitaram o Castelo de S. Jorge e a Estufa Fria.

Amanhã iniciam uma visita ao Norte, na qual serão acompanhados pela sr.ª D. Hermengarda Marques Pinto e pelo sr. Barreto de Carvalho, daquele organismo.

FEIRAS DA EUROPA



Com a **SABENA** está em boas mãos

5 Serviços semanais

à partida de Lisboa

sempre com correspondências

em Bruxelas

para todos os pontos da Europa

SABENA

LINHAS AÉREAS BELGAS

Av. da Liberdade, 13-1.º D.º e 13-A, Lisboa - Telef. 35572

À UMA,

há cada uma!...

Ligue para Rádio Clube Português.
Porque hoje há uma como
nenhuma!!!

Tagide

M/17 ANOS

LOS TRIANAS

De passagem por Santarém, almoce ou jante no **RESTAURANTE DA CAMIONAGEM RIBATEJANA.**

De ontem para hoje

COOPERAÇÃO PARA BEM DE TODOS

O ciclo das conferências sobre produtividade promovido pelo Instituto de Investigação Industrial tem obtido assinalável êxito. Ontem foi o inspector do Comércio e Indústria de França, sr. François Chapel, que proferiu na Feira das Indústrias lição notável sobre a forma de obter maior eficiência no sector têxtil. Depois de assinalar a situação presente do mercado francês e a melhoria da produção, perante a concorrência internacional, o sr. François Chapel analisou em pormenor os motivos da posição forte da França no sector dos têxteis e disse ser ela devida à cooperação estreita entre operários e patrões e a uma modernização constante do material. O êxito da produtividade na indústria têxtil deve-se, em grande parte, aos esforços de cooperação de patrões e operários numa acção comum. Tal cooperação foi estabelecida em França entre os poderes publicos e as profissões para execução do plano de equipamento e de produtividade, de que nasceu, a pouco e pouco, uma economia concertante, igualmente afastada do dirigismo excessivo e do liberalismo utópico. Esta a política que está actualmente a ser adoptada nas indústrias têxteis europeias, ameaçadas de perigo. A citada cooperação deverá estabelecer-se em plano mundial, para se lutar vantajosamente contra a miséria. A conferência foi uma verdadeira lição, digna de ser escutada e de ser seguida.

FEIXE DE NOTÍCIAS

ERA natural de Albernoa, junto a Beja, o pequenino António Felo Tomás. Tinha 2 anos simples, alegres, inconscientes. Foi-lhe verdadeira madrastra a vida não o deixando desabrochar. Na povoação várias pessoas da família comeram cogumelos. Era fogo e morte que comiam porque eram venenosos. Deram todos entrada no hospital de Beja mas o pequerrucho não resistiu. Morreu a contorcer-se com dores.

* Forte, bruto e de maus instintos o Manuel Inverno, do Pinhal Novo! Pois não querem ver que, por motivos fúteis, se foi ao trabalhador Manuel de Melo Pais, de 18 anos natural de Pousados. Malhou-o a socos e pontapés. Tantos que o matou! Recolheu à cadeia de Setúbal este Inverno desabalado. Lá terá tempo de meditar no respeito que devemos ter pelos outros e, em especial, pela vida deles.

* De A-dos-Francos ia para Casais do Convento, próximo do Bombaral, o sr. Frederico Gomes Saramago, de 33 anos, proprietário. A seu lado, na furgoneta, a esposa D. Adelina Abreu Costa, de 25 anos, e José dos Santos, seu empregado, de 33 anos. Tudo correu bem até o lugar de Palhoça, onde lhe apareceu um peão. Foi para se desviar dele mas apanhou-o uma camioneta. Balanço: morto o sr. Saramago; feridos e internados no hospital das Caldas a sr. D. Adelina e o José dos Santos; ferido e tratado no mesmo hospital, tendo recolhido a casa o peão José Eduardo de Almeida Labareda, de 18 anos.

JORNAL PEQUENO

O sr. Presidente da Republica recebeu no Palácio de Belém os srs. ministro das Comunicações, embaixador Manuel Rocheta, tenente-coronel António Reimão Nogueira e capitão António Neves Graça. Com o sr. Presidente do Conselho trabalhou o sr. ministro da Presidência. O sr. ministro das Corporações concordou, ao abrigo da legislação aplicável, que a Corporação dos Transportes e Turismo constitua uma comissão temporária para proceder ao estudo da revisão dos preços dos serviços das garagens e estações de serviço, constantes da tabela aprovada pela Portaria n.º 11.945, de 16 de Julho de 1947. A referida comissão terá a seguinte constituição: pelo Grémio das Garagens e Estações de Serviço do Sul, o sr. Jaime Portela Pires; pelo Grémio dos Industriais dos Transportes e Turismo, o sr. Teotónio Ferreira de Miranda; pelo Sindicato Nacional dos Empregados em Garagens, Estações de Serviço, Stands de Automóveis e Oficinas Correlativas do Distrito de Lisboa, o sr. Francisco Valente Torráo; pela Federação Nacional dos Sindicatos dos Motoristas, o sr. Mário de Carvalho.

A figura do Infante D. Henrique inspirou uma peça de teatro a um professor da Universidade de Lovaina

No Círculo dos Estudantes Estrangeiros da Universidade de Lovaina, a convite dos estudantes portugueses, o dramaturgo belga Charles Cordier, catedrático de Filologia, faz, na terça-feira uma conferência sobre a sua ultima obra dramática, «Le Navigateur», inspirada na figura do Infante D. Henrique. Será ilustrada com a leitura de cenas escolhidas daquela peça, que será presente ao júri do «Grand Prémio Internacional D. Henrique», instituído pela comissão executiva das comemorações henriquinas. Assistirão o embaixador de Portugal em Bruxelas e professores daquela Universidade.

No Colégio Infante de Sagres

No início das cerimónias que vão decorrer, no Colégio Infante de Sagres, na passagem do V Centenário de D. Henrique, o dr. Carlos de Azevedo, antigo aluno daquele colégio, proferiu esta tarde uma conferência subordinada ao tema «A obra do

MÉDICOS

DO FUNCHAL agradecem ao ministro das Corporações

Os médicos da Caixa Sindical da Previdência do Distrito do Funchal enviaram ao ministro das Corporações, um telegrama assinado pelo seu director clínico, em que agradecem o despacho de 25 de Janeiro ultimo daquele membro do Governo e a comunicação feita recentemente pela Direcção-Geral de Previdência, por concertarem as reivindicações aspiradas pelos médicos e o reconhecimento do ministro pelo concurso da classe médica para o engrandecimento da previdência portuguesa de que o dr. Veiga de Macedo é grande defensor e impulsor.

A CIDADE

Serviçal ferida

sob uma parede que abateu

Cerca das 13 horas, o pessoal da 1.ª Companhia e do Reforço do B. S. B. e da 1.ª e 4.ª secções dos Bombeiros Voluntários acorreram à Rua Tomás da Anunciação, onde caíra parte de uma parede e uma platibanda de um prédio ali em construção. A parte que ruíu, a qual fora construída durante a manhã, tombou sobre o quintal de um prédio contíguo, ferindo gravemente a serviçal Isaura Maria Rodrigues Barbosa, que foi depois internada na sala de observações do Hospital de S. José.

Pelos hospitais

COLHIDO POR UM AUTOMÓVEL—Na Rua Possidónio da Silva, foi colhido por um automóvel o sr. Augusto Marques, de 82 anos, que recolheu à sala de observações do Hospital de S. José.

ACIDENTE NO TRABALHO—Quando trabalhava na demolição de um prédio, na Avenida António Augusto de Aguiar, caiu de grande altura um operário que chegou já morto ao Hospital de S. José.

Quem perdeu?

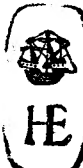
Relação dos achados entregues ontem no Governo Civil de Lisboa: dois porta-moedas; diversas peças de veículos automóveis: uma luva; uma vasilha; uns sapatos e uma mala de senhora; um embrulho; uma boina; um relógio; um alfinete; um lenço; um estojo com óculos graduados; um metro; dois casacos; a licença de velocípede em nome de Manuel Campos Silvestre; um pacote de amêndoas; uma agenda e uma lapiseira; um peugo de lã; um sapato de criança; um capuz de gabardina e diversas argolas com chaves.

No posto policial da Camara Municipal de Loures, também se encontra o seguinte: um óculo com estojo de cabedal, «Kassel», 15x40, achado em Fevereiro ultimo, nos terrenos da Quinta da Várzea-Póvoa de Santo Adrião; e no Sindicato Nacional dos Motoristas encontra-se o seguinte: 8 sombrinhas; 3 chapéus de chuva; um saco de lona; luvas; e um livro.

Caixa de Previdência

de Profissionais da Imprensa de Lisboa

Reune-se no próximo dia 23, pelas 16 horas, em primeira convocação, a assembleia geral da Caixa de Previdência de Profissionais da Imprensa de Lisboa (Casa da Imprensa), para apreciação e votação do relatório e contas da gerência de 1959 e eleição dos cargos vagos dos corpos gerentes. A escrita e a documentação respectiva encontram-se patentes na secretaria da instituição. Se não houver numero de sócios para a assembleia poder funcionar, efectuar-se-á, em 2.ª convocação, no dia 30 do corrente, à mesma hora.



HOTEL EMBAIXADOR

APRESENTA

no «TERRAÇO DAS ESTRELAS»

a expressiva cançonetista

Paula Ribas

e com os seus ritmos cariocas

o «CONJUNTO SEM NOME»

(Maiores 17 anos)

AMANHÃ: «Matinée» com atracções. Chá completo, 25\$00



Linha de SINTRA

O tempo e as culturas

O aspecto vegetativo das árvores de fruto, searas, produtos hortícolas e forragens é regular, para o que muito contribuiu o bom tempo que houve nos primeiros dias da década, segundo informa o Boletim Meteorológico para a Agricultura. As searas, em especial as das terras delgadas, recompuseram-se dos estragos causados pela chuva que caiu anteriormente, havendo em algumas regiões searas de centeio já na fase de espigamento.

Procedeu-se à preparação das terras para as sementeiras da Primavera, à sementeira de milho de regadio, plantação de batata, poda e empa das vinhas, sachas, mondas, etc., trabalhos estes que foram por vezes interrompidos no final da década pela chuva que caiu.

AMANHÃ HAVERÁ

mercado em São Pedro

Amanhã, segundo domingo de Março, efectua-se o primeiro mercado do mês, em São Pedro de Sintra.

ASSEMBLEIA GERAL

de Turismo Sintra Litoral

Foi convocada para se reunir às 15 horas do dia 26 do corrente, na sua sede social, na Praia das Maças, a assembleia geral da sociedade Turismo Sintra Litoral, para apreciar o relatório e as contas do conselho de administração e

o parecer do conselho fiscal relativos à gerência finda em 31 de Dezembro ultimo.

Cinemas

ALGUEIRÃO—Cine Teatro «Chaby», às 21: «O tesouro de Africa» (17 anos).

AMADORA — Recreios, às 21 e 15: «Sorrisos de uma noite de Verão» (17 anos).

CACEM — Cinema S. João, às 21 e 15: «O homem das pistolas silenciosas» (17 anos).

QUELUZ — Queluz Cinema, às 21 e 15: «O terceiro homem» (17 anos).

SINTRA — Carlos Manuel, às 21 e 30: «Desafio ao crime» (17 anos).

VENDA NOVA — Cine Portugal, às 21 e 15: «O arrombador de cofres» (17 anos).

Farmácias de serviço

AMADORA — Campos, Rua Elias Garcia, 185, tel. 930072; Flama, Rua Elias Garcia, 78-B (Venda Nova).

QUELUZ — Gil, Avenida Miguel Bombarda, 4, tel. 950117.

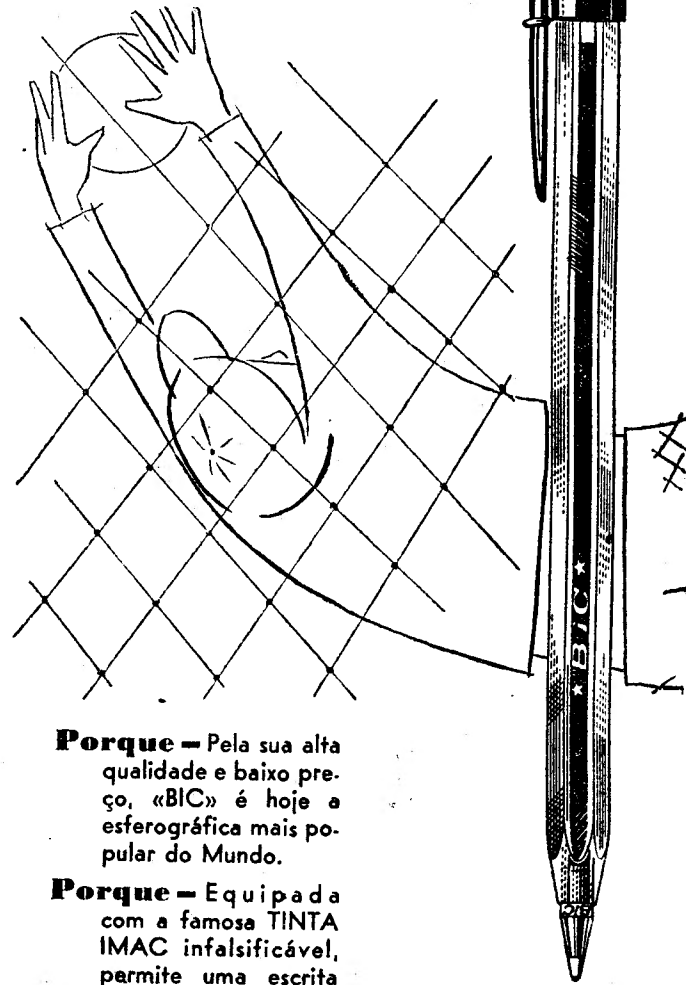
SINTRA — Simões, Rua Heliodoro Salgado, 26, tel. 980832.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELECTRICOS

APA

Popularidade sinónimo de qualidade



Porque—Pela sua alta qualidade e baixo preço, «BIC» é hoje a esferográfica mais popular do Mundo.

Porque—Equipada com a famosa TINTA IMAC infalsificável, permite uma escrita suave, nítida e bela.

Porque—«BIC» é outra coisa



«BIC» escreve mais e melhor

LAFORREST, LDA - Avenida da Liberdade, 140, 2.º

LISBOA

PAGINA 3 * Diário de Lisboa

TEATROS E CINEMAS

Atas do reposteiro

- No Trindade, continua a ensaiar-se a crónica histórica «Leonora Teles» que só deve subir à cena no próximo mês.
- Depois da temporada da companhia do Avenida, no Sá da Bandeira, do Porto, seguir-se-á a do Monumental.
- Estão marcados para depois de amanhã no Avenida, os primeiros ensaios do texto da nova revista, de Nelson de Barros e Fernando Santos.
- A temporada que a companhia do ABC vai fazer no Porto, será de 10 dias.
- No dia 21, o grupo cénico do Círculo de Iniciação Teatral da Academia de Coimbra, leva à cena no Teatro Avenida, daquela cidade, o original de Carlos Selvagem «Dulcinea, ou a última aventura de D. Quixote».
- Está assente que a estreia da companhia de comédias que está no Avenida, na sua digressão a África, se realizará no Nacional Cine-Teatro de Luanda.

No D. Maria II

«A visita da velha senhora», um êxito total

A apresentação, no D. Maria II, da farsa trágica de Friedrich Dürrenmatt «A Visita da Velha Senhora», na versão portuguesa de Olavo d'Eça Leal, constitui um acontecimento de raro nível artístico. E' que não se trata já de um texto de excepção, exibido triunfalmente em todo o Mundo, mas de uma realização cénica de qualidade, que teve a dirigida um grande encenador: Cayetano Luca de Tena, com a colaboração plástica de Lucien Donnat. Além disso, todos os intérpretes — e são nada menos de trinta — estão à altura das responsabilidades que deles se exigem, perfeitamente integrados no espírito da obra. Não só Amélia Rey Colaço, numa inesquecível criação da protagonista, e Erico Braga numa identificação total com a per-

sonagem de «Alfredo Ill», mas também todos os outros souberam responder ao que o encenador lhes pediu, como por exemplo esse admirável coro constituído por José de Castro, Varela Silva, Carlos Duarte e Carlos Gonçalves, e as «forças vivas da cidade», interpretadas por Pedro Lemos, Manuel Correia, Luís Filipe e Paiva Raposo.

Na segunda-feira, haverá espectáculo à tarde, dedicado a artistas e intelectuais e, no sábado da próxima semana, às 15 e 30, realiza-se a primeira tarde popular a preços reduzidos.

No Avenida

Durante mais uma semana «A mala da Bernardette»

O publico é que manda, e «A Mala da Bernardette», a farsa da gargalhada permanente, continua no cartaz do Teatro Avenida, em virtude do êxito alcançado. «A Mala da Bernardette», há cinco meses no cartaz proporciona três horas a rir com as interpretações de Irene Isidro, Henrique Santana, Henrique Santos nos principais papéis, secundados por Maria Helena, Joaquim Miranda, Maria Schulze, Carmem Mendes, Alina Vaz, Rui Luís e Pedro Bandeira.

«A Mala da Bernardette», ainda se mantém no Teatro Avenida, mais uma semana, todas as noites, às 21 e 45 horas, e amanhã, à tarde, às 16 horas.

TIVOLI

Bernard Blier e Michel Vitold vão representar «12 hommes en colère»

Quando Reginald Rose escreveu para a televisão americana a peça que tanto êxito alcançou, foi levado logo a seguir a adaptar a mesma ao teatro e ao cinema.

A peça obteve nos palcos americanos um clamoroso êxito e o filme, uma das mais notáveis criações de Henry Fonda, foi mundial-

mente consagrado pelo publico, pela crítica e finalmente pelo grande prémio do Festival de Berlim.

Mas foi em França, pela adaptação de André Obey, que «12 hommes en colère», encenada por Michel Vitold e magistralmente interpretada, consolidou a sua fama de espectáculo excepcional, obtendo o grande prémio de encenação de 1959 atribuído à excepcional «mise en scène» de Michel Vitold, que é também um dos intérpretes, e entre os quais figura também Bernard Blier.

Tal é o espectáculo que o Tivoli vai apresentar nos próximos dias 18 e 19, à noite e à tarde, prosseguindo assim no seu esforço de oferecer ao publico de Lisboa espectáculos de arte de inegável categoria.

Primeiras exhibições

«O Anjo Azul», no Tivoli

«O Anjo Azul», um filme que há três décadas marcou pela interpretação que Marlene Dietrich e Emil Jannings deram aos protagonistas da novela de Heinrich Mann, voltou à tela com todas as vantagens do cinematocópio e do technicolor, ainda que o realizador de então, Von Stenberg, tivesse defendido a ideia de uma reedição pura e simples. Podemos os que então o vimos não ter esquecido o par e o realizador magníficos, e não concordar com a actualização que ao filme imprimiu Edward Dmytryk, mas os que não o viram então foram, talvez, melhor servidos com a adaptação aos tempos modernos e o aproveitamento dos novos progressos do cinema. A avózinha Marlene, foi substituída pela jovem May Britt, muito ao gosto moderno, ainda que aproveitando a linha, as atitudes e até a maneira de cantar daquela que Paris acaba de aclamar, como a maior de todas, e o tremendo Jannings, com o seu processo Zaccaria, teve como continuador Curt Jurgens, mais sobrio, mais recente, um actor conhecido pelos que o viram agora no Carnaval do Estoril. Poderemos não ter esquecido Marlene na sua canção «Lola-Lola» mas

May Britt dá-nos uma outra, nova e de gosto mais actual, como mais actual é a sua beleza estranha e, enfim, duma maneira geral, resulta o filme talvez melhor para a gente de hoje, e sem perder o interesse apaixonante da tragédia do professor austero que nunca amara e se perde e dece as maiores degradações com o primeiro encontro, com a revelação.

Os complementos são também actuais, desportivos, com um documentário acerca de cavalos de saltos, e saltos de cavalos no Pavilhão das Indústrias, no jornal do S. N. I. — Visor 70.

«A flor que não morreu», no Condes

«A flor que não morreu» — o filme ontem estreado no Condes — agradou sobremaneira. Mel Ferrer mostra, logo no primeiro filme que dirigiu, notáveis qualidades de realizador. Para obter tão assinalável êxito, Ferrer dispôs da invulgar categoria artística de sua própria mulher e da vincada personalidade do jovem Anthony Perkins, além de outros actores de muito mérito, como Lee J. Cobb e Sessue Hayakawa.

A cinematização da fascinante história de amor do imortal romance «Green Mansions» resultou excelente, também, pelo facto de a acção decorrer em locais paradisíacos, mantendo-se desta forma todo o valor poético e dramático que caracteriza esta obra maravilhosa. «A flor que não morreu» foi rodado em cinemascópio e metrocólor — o que aumentou o encanto das paisagens de sonho — e foi musicado pelo falecido compositor Heitor Vila-Lobos.

Completam o excelente cartaz do Condes o jornal «Actualidades Francesas», o desenho colorido «O rato napolitano» (cheio de graça) e o documentário «Diversões em Salt Lake». — Visor 33.

«O Hercules e a rainha», no Eden e no Roma

Filme espectacular, «O Hercules e a Rainha», que ontem foi estreado simultaneamente em dois gran-

des cinemas da capital, o Eden e o Roma, dispõe dos vários ingredientes indispensáveis em películas deste género. Bem ou mal doseados lá estão todas as cenas que esperávamos de movimentada acção e grande violência e outras de tonalidade romântica com a presença de insinuantes belidades. Milhares de figurantes e cenários monumentais reproduziram o ambiente mais ou menos umitológico em que se recordam as personagens interpretadas por Steve Reeves, num poderoso Hercules, e pela atraente Sylva Koscina, agora presente em diversos «écrans» da capital e pela malograda Silvia Lopez.

A qualidade da cor prejudica o filme, em especial, no princípio. Entre os complementos, uma reportagem do Carnaval do Estoril. — Visor 39.

«Music-hall»

Paula Ribas no Casino Estoril

Apresentou-se ontem, à noite, no Casino Estoril, onde actuará até segunda-feira, a simpática cancionista Paula Ribas, nome firmado em discos, na Rádio e na Televisão, e que foi calorosamente aplaudida. De voz bem modulada, doce, comu-

(Continua na 13.ª página)

ABC Só hoje e amanhã!
(Emp.ª Teatral A B C, Lda.)
Tel. 366745
17 ANOS

2 últimos dias

em que José Miguel apresenta a 1.ª fase da grande revista

QUEM SABE, SABE...

que reaparece no ABC, completamente remodelada, com quadros e números novos e alguns novos artistas, na 6.ª-feira 1 de Abril.

MAX
AMANHÃ, ÚLTIMO ESPECTÁCULO À TARDE, ÀS 16 HORAS
HOJE E AMANHÃ, às 20.45 e 22.45

2.ª-Feira 14, no Montijo; 3.ª-Feira, 15, em Cascais; 5.ª-Feira 17, no Teatro Águia de Ouro, do Porto.

HOTEL TURISMO DA ERICEIRA

(Em pleno Atlântico)

PARA FIM DE SEMANA E DIARIAS DE INVERNO — CONDIÇÕES ESPECIAIS

RESTAURANTE
UM BOM SERVIÇO NO MELHOR AMBIENTE
PAELLA DE LAGOSTA

UMA ESPECIALIDADE

INFORMAÇÕES E RESERVA — TEL. 25 e 130 — ERICEIRA

PINGUIM

SALÃO DE CHA
BOITE DE NUIT
TODOS OS DIAS

CHÁS DANÇANTES
DAS 18 AS 20.30 HORAS
SOIRÉES AS 22.30

AMANHÃ — DOMINGO
CHÁ DANÇANTE
Das 17.30 às 20.30 horas

CANTOR RICARDO LUIS
TOBÉ E SEU CONJUNTO
CALÇADA DA GLÓRIA, 2
(15 anos)

RITZ CLUB

EMPRESA RITZ CLUBE
Adultos (Maiores 17 anos)

Musica de baile por
VILAÇA E SUA ORQUESTRA
NO SALÃO TÍPICO: CEIAS,
FADOS E GUITARRADAS

UM ÊXITO EXCEPCIONAL QUE VALE POR TODOS! O ASSOMBRO DAS MULTIDÕES EM TODO O MUNDO!

TRIO GUALTIERI

A SUPER-ATRACÇÃO ACROBÁTICA APLAUDIDA EM DELÍRIO
com a extraordinária vedeta contorcionista **TIZIANA** nos seus famosos saltos mortais

E, AINDA TODO O ELENCO DE OURO DO «RITZ»

PRÓXIMA SEMANA 8 SENSACIONAIS ESTREIAS



TIZIANA

TEATRO NACIONAL DE DONA MARIA II

TODAS AS NOITES, ÀS 21 e 30 — (17 anos)

MAIS UM ÊXITO CLAMOROSO

A VISITA DA VELHA SENHORA

ENCENAÇÃO DE CAYETANO LUCA DE TENA
com **AMÉLIA REY COLAÇO** e **ERICO BRAGA**
NUM GRANDE ELENCO DE 30 FIGURAS

«Boite de Nuit»

NINA

Adultos M. 17 anos

APRESENTA

Ballet de GEORGE APFFEL

Um grupo de esculturais bailarinas Francesas

GULER SISTERS

Bailarinas Turcas

HOJE — BAILE DE MI-CAREME

O «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se em ALCÁCER DO SAL na Agência de JOÃO ANDRÉ MONTEIRA.

PENSÃO MONUMENTAL
COMPLETAMENTE REMODELADA
Casa recomendada serviço de bom hotel
R. da Glória, 21 — Tel. P. B. X. 29807

Ao Último Figurino



INAUGURA
ESTACÃO DE
PRIMAVERA
NA
2.ª-FEIRA, 14
com passagem
de manequins
nos seus salões
do 1.º andar
Entrada por convites

20, Rua Garrett, 26
LISBOA



HUMBERTO MADEIRA

MARIA VITORIA

Emp. E. Salvador e R. Martins, Ld.
As 20.30 e 22.45 (Ad.—M/17 anos)

A MAIS ESPECTACULAR,
ALEGRE E POPULAR

DAS REVISTAS DE

SALVADOR

TACO A TACO

Original de AMADEU DO VALE, PAULO DA FONSECA e EUGENIO SALVADOR

Com musica de: CARLOS DIAS, TAVARES BELO e FERNANDO GUIMARAES

com BIBI FERREIRA — ANTONIO SILVA

BARROSO LOPES — HUMBERTO MADEIRA

MARIA DOMINGAS

ANITA GUERREIRO

E PELA 1.ª VEZ NESTA

COMPANHIA

LEONIA MENDES

(Guarda roupa dos «ateliers»

PAIVA

AMANHÃ

ESPECTACULO

À TARDE

AS 16 HORAS

TEATRO

CAPITÓLIO

AS 21.45 HORAS — (M/ 17 ANOS)

HOJE ESTREIA

SANDRO apresenta
UM DOS ESPECTACULOS MAXIMOS DO TEATRO POPULAR DE ARTE
A PEÇA DE BRECHT

A ALMA BOA DE SE-TSUAN

COM

MARIA DELLA COSTA

EM DUAS EXCEPCIONAIS INTERPRETAÇÕES

A bela e bondosa CHEN-TÊ e o duro e inflexível CHUI-TA
A FRENTE DE UM SUPER ELENCO, COM
(Ordem de entrada)

OSWALDO LOUSADA — EUGENIO KUSNET — BENJAMIN CATTAN
JOSELITA ALVARENGA — RUTHINEA MORAES — ALTAMIRO MARTINS
ASSUMPTA PERES — IRICENA NITSHE — SEBASTIÃO CAMPOS
ILEMA DE CASTRO — RUBENS TEIXEIRA — LIA ROSTER — SERGIO MAIA
SADI CABRAL — PUPE E AINDA COMO ACTRIZ CONVIDADA

HORTENSE LUZ

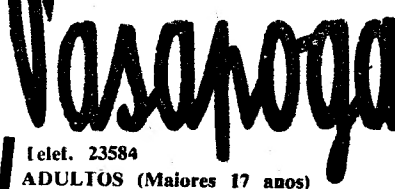
DIRECÇÃO DE
FLAMINIO BOLLINI

ESPECTÁCULO DE DESPEDIDA
DO TEATRO POPULAR DE ARTE DO BRASIL



MARIA DELLA COSTA

GRANDIOSA NOITE DA MICAREME



Telef. 23584
ADULTOS (Maiores 17 anos)

ULTIMO BAILE DE MASCARAS

e um excepcional «Show-Espectáculo» com:

A FASCINANTE SUPER-VEDETA

AMPARITO VALCANERA

E O SEU EXTRAORDINÁRIO FRISO DE BELDADES EM

BALLET PASAPOGA

O NOTAVEL BALLET HORACIO CASTANO

Musica de baile por SÉRGIO E SUA ORQUESTRA

MONUMENTAL

Tel. 55 133
(Adultos - Maiores 17 anos)

Hoje, às 21.45 h.

80.ª

REPRESENTAÇÃO

LAURA ALVES

na comédia e a musica que triunfa em todo o Mundo

MARGARIDA DA RUA

Rendeu 10.484\$00 o espectáculo realizado no teatro Monumental a favor dos Portugueses Sobreviventes de Agadir, entregues por Vasco Morgado á Cruz Vermelha Portuguesa.

Amanhã esp. á tarde ás 16 h.

para maiores de 4 anos

TEATRO PARA CRIANÇAS

O REI TEM ORELHAS

DE BURRO

AVENIDA

T. 27273 (Adultos M/ 17 anos)
Hoje, às 21.45 h.

152.ª REPRESENTAÇÃO

3 HORAS

A

RIR!

com

IRENE ISIDRO

na farsa

A MALA DA BERNARDETTE

No elenco

HENRIQUE SANTANA

HENRIQUE SANTOS

5 MESES no

CARTAZ

A peça que o publico exige em

cena... Amanhã, á tarde, ás 16 horas

TRINDADE

HOJE AS 21.45

UM ÉXITO INDISCUTIVEL

DA PEÇA MAIS DISCUTIDA DO ANO

ÚLTIMAS DA MELHOR COMEDIA DE OLAVO D'EÇA LEAL

O AMOR, O DINHEIRO E A MORTE

A PEÇA QUE LEVANTOU A OPINIAO PUBLICA CONTRA A CRITICA

Cartas dos Cinemas



21.30 (M/12 anos)

INTRIGA IN-

TERNACIONAL

Telefone 27172

Um super Hitchcock de máximo suspense

c/ Cary Grant e Eve Marie Saint



15.30 - 18.30 e 21.45

(M/12 anos)

Uma espectacular superprodução

com o colosso STEVE REEVES

HERCULES E A RAINHA

c/ Sylva Koscina e Sylvia Lopez

Uma viagem ao mundo irreal dos deuses da mitologia.



15.15 - 18.15 (p. r.)

e 21.45 (M/12 anos)

Em Vistavision

INTRIGA IN-

TERNACIONAL

Telefone 763080

c/ Cary Grant — Eve Marie Saint e James Mason



15.15 - 18.15

e 21.30 (M/17 anos)

2.ª SEMANA

Maria Felix

e Arturo de Cordova

em

QUARTA-FEIRA DE CINZAS

Um dia que marcou a fogo o corpo e a alma duma mulher.



21.00 (M/12 anos)

JERRY,

AMA SECA

Telefone 845037

No prog.: E O CÉU FICOU EM CHAMAS.



21.00 (M/17 anos)

A LOUCURA

DOS HOMENS

RAPARIGAS

SEM NOME

Telefone 24194

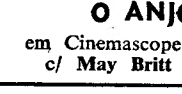


A's 3 e 6.15 da tar-

de (a p. r.) e 9.30

da noite

(M/17 anos)



Telefone 50595

O ANJO AZUL

em Cinemascope — Cor de Luxe

c/ May Britt e Curt Jurgens



15.15 - 18.15 e 21.30

5.ª Semana do êxi-

to de gargalhada

mais sensacional do

ano!

CANTINFLAS, na prodigiosa farsa

O SOBE E DESCE

com Ieresa Velazquez e «Borolas»

EASTMANCOLOR (Maiores 12 anos)



15.15 - 18.15 (p. r.)

e 21.30 (M/12 anos)

Audrey Hepburn

e Anthony Perkins

na mais bela histó-

ria de amor jamais

vivida por dois

seres

A FLOR QUE NÃO MORREU

Telefone 47163

A REFUGIADA

Mais audacioso que «Arroz Amargo»

c/ Rossi Drago e Amadeo Nazzari

Telefone 20917

O MASSACRE DOS DRAGÕES

Telefone 48560

DA FLORESTA

TOTÓ RICO E POBRE



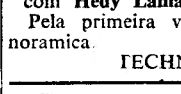
15.15 - 18.15 (p. r.)

e 21.30 (M/12 anos)

O mais grandioso

espectáculo de

Cecil B. De Mille



Telefone 55134/4

SANSÃO E DALILA

com Hedy Lamarr e Victor Mature

Pela primeira vez em projecção pa-

noramica

TECHNICOLOR



15.15 - 18.15 e 21.30

(M/12 anos)

Burt Lancaster

Kirk Douglas

Laurence Olivier

em



Telefone 727778

HERCULES E A RAINHA

c/ Steve Reeves e Sylvia Koscina

O mais caro, faustoso e empolgante

filme saído dos estudos europeus.



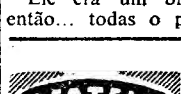
15.15 - 18.15 e 21.30

(M/17 anos)

FERNANDEL em

CONFIDENTE

DE SENHORAS

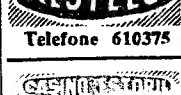


Telefone 55131

com Sylva Koscina

Ele era um brilhante veterinário e

então... todas o procuravam.



21.15 (M/12 anos)

O HOMEM

DO RICKSHAW

c/ Toshiro Mifune

e Hideko Takamine



21.00 (M/17 anos)

NAMORADAS EM FÉRIAS

c/ Clifton Webb

Hotel Vale de Lobos

A CURIA DE LISBOA

Para repousar, para um fim de semana delicioso, para almoçar ou

jantar siga V. Ex. este itinerário:



e encontrará um hotel com todas as comodidades da vida moderna

Diárias e fim de semana, condições especiais

Esmerado serviço de Restaurante

onde é servido o já conhecido

LEITÃO À VALE DE LOBOS

Todos os domingos Chá-dançante com boa frequên-

cia e um bom serviço.

Faça sem demora a sua reserva pelo telefone 094843

ou 094846.

UMA PEGA 6\$50

DOÇARIA CASEIRA — CAFÉ DE BALÃO — Praça do Arceiro, 11-D, no

BAR RIBATEJO

O primeiro lugar em perigo com a visita do Benfica ao Barreiro O Sporting recebe os bracarenses em Alvalade

A teimosia do Benfica e Sporting, que não perdem de vista o 1.º lugar, vai ter amanhã nova jornada de sensação com a visita do Benfica ao Barreiro para dar luta à C. U. F., grupo que no seu ambiente costuma ser adversário difícil, além de que se mantém invicto desde que o novo treinador tomou posse do cargo.

Os «encarnados» — que ainda não perderam neste torneio, proeza a todos os títulos notável — começam um ciclo de jornadas repletas de obstáculos e, naturalmente, estão preparados para os transpôr. No entanto, a atenção geral concentra-se no Barreiro, dado que os sportinguistas, como visitados, parecem destinados ao êxito fácil.

A jornada — 21.ª e 8.ª da 2.ª volta — comporta os seguintes encontros:

C. U. F.-Benfica
Sporting-Sporting de Braga
Atlético-Sporting da Covilhã
V. Guimarães-Belenenses
F. C. Porto-Lusitano
Académica-Boavista
Leixões-V. Setúbal.

O «NACIONAL»
DA 3.ª DIVISÃO

Os desafios da 9.ª jornada

O Campeonato Nacional da 3.ª Divisão tem amanhã a sua 9.ª jornada, que é a 2.ª da 2.ª volta. Mantendo-se todas as dúvidas de que a competição se reveste, em quase todas as séries, não admira que os despiques em que metidos 64 clubes continuem a despertar o maior interesse.

O programa para amanhã inclui os seguintes desafios:

Zona A

1.ª Série — S. C. da Régua c. Murça S. C., na Régua; S. C. Mirandela c. G. D. de Bragança, em Mirandela; F. C. Famalicão c. Gil Vicente F. C., em Famalicão; F. C. Penafiel c. C. A. Valdevez, em Penafiel. O jogo de maior interesse é o de Famalicão, pois se o Gil Vicente não ganhar arrisca-se a ceder o comando da classificação ao grupo de Penafiel, favorito do seu encontro.

2.ª Série — F. C. Avintes c. Peção A. C., em Oliveira do Douro; C. D. Feirense c. C. D. Arrifanense, em Vila da Feira; Varzim S. C. c. Leça Futebol Clube, na Póvoa de Varzim; Académico F. C. c. A. D. Ovarense, no Porto (Lima). O jogo Feirense-Arrifanense (1.ª c. 2.ª, separados por um escasso ponto) é o de maior expectativa.

Zona B

3.ª Série — S. L. Castelo Branco c. Mortágua F. C., em Castelo Branco; G. D. Santacombadense c. Sporting de Gouveia, em Santa Comba Dão; Lusitano (de Vilemosinhos) c. F. C. Estrela, em Viseu; G. D. Vição Cernache c. Sporting de Lamego, em Cernache de Bom Jardim. Os grupos de Castelo Branco e Cernache jogam em casa e são favoritos, mas ainda que se verificasse qualquer surpresa as suas posições de guia e subguia não se riam afectadas.

4.ª Série — F. C. Marrazes c. Ginásio Figueirense, em Leiria; União Mirense c. C. F. «Os Marialvas», em Mira de Aire; «Norte e Soure» c. Ginásio de Alcobaca, no Pálcão (Soure); A. Naval 1.ª de Maio c. G. D. «Os Nazarenos», na Figueira da Foz. Em Leiria jogam os dois últimos da classificação, de modo que o jogo tem especial interesse; o Ginásio de Alcobaca e «Os Marialvas» têm deslocações que exi-

(Continua na página seguinte)

No Barreiro — Sem dúvida, os cufistas precisam de obter uma tranquilidade que lhes permita encetar com certo optimismo os restantes jogos do Campeonato. Os 16 pontos, que não representam uma situação aflitiva (longe disso até), necessitam de um bom reforço para que o sossego seja geral.

O Benfica (36 pts.) vai, portanto, enfrentar um adversário que tem exacto conhecimento da sua situação e que, legitimamente, espera conservar uma própria invencibilidade e quiçá derrubar a do «leão».

Um jogo de escaldante emoção e que porá à prova a personalidade dos «encarnados», capazes, acentuadamente, de regressarem a Lisboa victoriosos. A previsão sobre o desfecho afigurase no entanto difícil, mas a hipótese de que o Benfica não perca parece ser a mais válida.

Em Alvalade — Sem a «atração Semidário», o Sporting (35 pts.) recebe o Sporting de Braga (13 p.). Os «leões» reúnem todas as condições para registarem o triunfo até com aspectos de visível vontade.

Na Tapadinha — O Atlético (16 pontos) defronta os Covilhenses (19 pts.) num embate que promete ser interessante e susceptível de proporcionar a vitória aos alcantarense.

Em Guimarães — A forma do Belenenses (28 pts.) sofrerá um rude ataque por parte dos Vimaraneses (21 pts.). Os «azuis», pensando no 2.º lugar, parecem capazes de averbar pelo menos a igualdade.

Nas Antas — A deslocação do Lusitano (17 pts.) reveste-se de notórias dificuldades, visto o F. C. Porto (23 pts.), no seu ambiente ser franco favorito.

Em Coimbra — A Académica (18 pontos), não obstante a réplica que o Boavista lhe dará afigura-se vencedora fácil.

Em Matosinhos — Os Setubalenses (12 pts.) no campo do Leixões (17 pts.) não conhecerão o êxito embora seja de prever um comportamento animoso por parte dos visitantes.

Equipas prováveis

C. U. F. — José Maria; Orlando e Abalroado (ou Durand); José Luis, Palma e Oliveira; Pedro Silva (ou Costa), Salvador, Bispo, Faia e Uriá.

BENFICA — Costa Pereira; Serra e Mário João ou Angelo; Saraiva, Artur e Angelo ou Neto; José Augusto, Santana, Aguas, Coluna e Cavém.

SPORTING — Sá; Lino e Hilário; Mendes, Lucio e Julio; Hugo, «Vadinho», Fernando, Diego e Morais.

SPORTING DE BRAGA — Faria;

TAUROMAQUIA

Ordoñez rompeu com os cunhados

António Ordoñez, acompanhado por sua esposa, regressou inesperadamente da América, onde deixou de tourear corridas anunciadas com Luís Miguel, e declara cessar de ser apoderado pelos seus cunhados Dominguin, passando ele próprio a tratar dos contratos desta temporada, que iniciará com duas corridas na Feira de Sevilha.

Portugueses em Sevilha

José Trinchera e Amadeu dos Anjos começaram a treinar-se nas ganadarias andaluzas, e José Julio, Armando Soares e Joaquim Barroca fizeram já a ténia da de Buendia, com assistência dos apoderados André Gago e Manuel Marques.

BASQUETEBOL

Uma vitória do Brasil

CÓRDOBA (Argentina), 12. — Para o Campeonato Sul-Americano de Basquetebol, o Paraguai venceu o Equador, por 67-60 (ao intervalo, 36-38), e o Brasil derrotou o Chile, por 73-45 (ao intervalo 36-19). (France Presse).

José Maria e Narciso; Armando, Calheiros e Trenque; Velez ou Rafael, Passos, Caraballo, Teixeira e Mendonça.

ATLÉTICO — Ramin; Ferreira e Nunes; Coelho, Germano e Tomé; Angeja, C. Gomes, Orlando, Puché e Tito.

SPORTING DA COVILHã — Rita; Helder e Couceiro; Lázinha, Lourenço e Martinho; Ilo Caldas, Coreles (ou Pires), Suarez, Walter e Amílcar.

V. GUIMARAES — Pinho; Daniel e Abel; João da Costa, Silveira e Caçara; Bartolo, Carlos Alberto, Edmundo, Romeu e Azevedo.

BELENENSES — José Pereira; Pires e Carlos Silva; Marciano, Paz e Vicente; Dimas, Yauca, Matateu, Abdul e Estêvão.

F. C. DO PORTO — Acursio; Virgílio e Barbosa; Roberto, Arcanjo e Monteiro da Costa; Morais ou Teixeira, Hernani, Noé, Teixeira ou «Ferreirinha» e «Humaitá».

LUSITANO — Vital; Teotónio e Paixão; Vicente, Falé e Joab; Fialho, Flora, Caraca, Ivson e José Pedro.

ACADEMICA — Maló; Araujo e Mesquita; Curado, Marta e Torres; Jorge Humberto, Miranda, Chipenda, Gaio e Rocha.

BOAVISTA — Levi; Franco e Serafim Ribeiro; Artur, Manero e Mário Campos; Garcia, Kovacs, Adriano, Guilherme e Monzon.

LEIXÕES S. C. — Roldão; Pacheco e Raul II; Ventura, Raul I e Carlos Alberto; Medeiros, Osvaldo Silva, Jaburu, Oliveira e Nunes.

V. SETÚBAL — Mourinho; Soares e Virgílio; Alfredo, Artur Vaz e Casaca; Jacinto, Bira, Pompeu, Miguel e Inácio.

Futebol de jovens

Os juniores de Lisboa defrontam os de Setúbal

Dentro do plano de preparação da equipa nacional de juniores, que na Austria, na quadra da Páscoa, participará no Torneio Internacional da U. E. F. A., figurava a realização de jogos inter-cidades, talvez, porque o melhor treino é, ainda, a competição.

Assim, a selecção de Lisboa, após ter enfrentado a do Porto (perdendo na cidade Invicta, por 1-2, e ganhando na capital por 2-1), com honra para ambas as partes como soe dizer-se — é chamada amanhã a novo confronto, que poderá ser presenciado no Estádio do Restelo, às 10 e 30 horas.

Os jovens jogadores da A. F. L. vão medir forças com os da A. F. de Setúbal, disputando o 5.º encontro entre as equipas representativas das duas Associações.

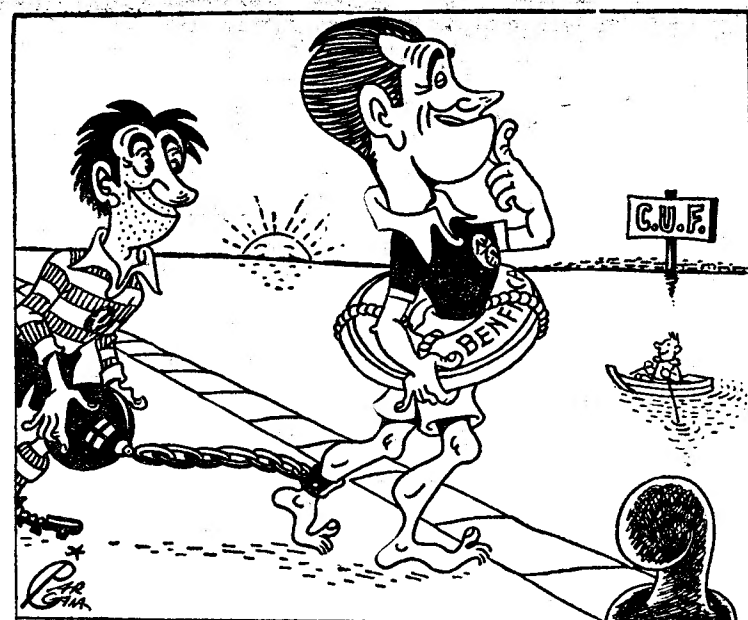
Quem levará a melhor? A pergunta não tem fácil resposta, porquanto não há pontos de referência para fundamentar um vaticínio, dado que há bastante tempo que o despiques entre os juniores das duas regiões não se efectua senão através de encontros do campeonato regional. É de presumir que os lisboetas levem a melhor, por várias razões e até porque a realização dos dois encontros com a equipa do Porto e os treinos com vista ao torneio internacional terão, por certo, contribuído para uma ligação mais perfeita entre os seleccionados de Valdivielso.

De que não podem restar dúvidas é de que o encontro de amanhã, de manhã, no Restelo tem condições de agrado, pelo empenho com que os jovens jogadores vão tentar a vitória.

O árbitro do encontro é o sr. Patricio Alvarez.

Outras provas da A. F. L.

Os vários torneios que a A. F. L. tem em curso prosseguem amanhã dando ensejo a seguinte actividade: Campeonato Distrital da 2.ª Divisão — Vialonga-Charneca e Ama-



— Qual será a sorte do Benfica?...

O «NACIONAL» DA 2.ª DIVISÃO

Salgueiros e Barreirense com sortes diferentes

Vence-se amanhã a 21.ª jornada do Campeonato Nacional da 2.ª Divisão. Por outras palavras: disputam-se os encontros da 8.ª ronda da segunda volta da prova, começando a respirar-se os «ares» do termo da competição em que desde Setembro andam empenhadas 28 equipas. Os desafios estão, de um modo geral, a revestir-se de maior interesse, dadas as muitas dúvidas que subsistem quanto à arrumação das equipas na tabela da classificação e, mais ainda, porque faltam sómente mais cinco jornadas para a luta findar.

Vejam, entretanto, as perspectivas para a jornada de amanhã.

Os desafios da Zona Norte

Na Zona Norte o programa da jornada de amanhã apresenta-se assim:

Salgueiros-Espinho (3-1)
Sanjoanense-Peniche (2-4)
Acad. Viseu-Marinhense (0-7)
Chaves-U. Coimbra (0-1)
Torriense-Vila Real (3-2)
Caldas-Beira Mar (1-3)
Vianense-Oliveirense (2-4).

Entre parêntesis indicam-se os resultados dos desafios da 1.ª volta.

Os «encarnados» do Norte recebem a visita dos Espinhenses e, por certo não deixarão de confirmar a vitória de há treze jornadas. Em S. João da Madeira recebe o subguia, tentando um adesforra que se nos afigura perfeitamente ao seu alcance e que a verificar-se pode provocar grande «embrulhada» para a ocupação dos 2.º e 3.º lugares da tabela. Os Vianenses tentarão rectificar o resultado da 1.ª prova e devem conseguir os seus intentos, minorando, pelo menos a diferença de golos. Os Flavienses são favoritos da luta contra os Conimbricenses, que todavia venderão cara a derrota. O Torriense merece favoritismo, aliás se não triunfar pode comprometer as suas aspirações de se livrar de preocupações com vista à sua permanência na 2.ª Divisão. O Caldas julgamo-lo muito capaz de obter uma desforra, que lhe permitirá adiantar-se aos Aveirense na tabela, pois a separação dos dois clubes é ditada pela escassa diferença de um ponto. O jogo de Viana do Castelo é, na verdade, de difícil prognóstico, custando a crer que os visitantes consigam triunfar.

Os encontros da Zona Sul

Eis o programa da Zona Sul:

Olhanense-Montijo (1-2)
Lusitano-Barreirense (3-5)
Arroios-Farense (0-3)
Esp. Beja-Almada (0-1)
Juntunense-Serpa (1-5)
Portimonense-Oliveira (3-5)
Oriental-Estoril (2-1).

Entre parêntesis os resultados dos jogos da 1.ª volta.

Enquanto o Olhanense se apresenta com todas as probabilidades de lograr uma desforra, o Lusitano de Vila Real de Santo António vai constituir para o Barreirense obstáculo muito difícil de transpor; o grupo da margem Sul do Tejo, não deixará de ter bem presente a necessidade de triunfar e, por isso, este desafio promete ser ardorosamente disputado. O Arroios não será problema para o Farense, mesmo considerando que joga em casa. O jogo de Évora, entre duas equipas da «zona perigosa» oferece a perspectiva de ser renhidamente disputado, parecendo que os Serpenses não repetirão a vitória folgada de há treze semanas.

O Desportivo de Beja e o Portimonense vão desforrar-se das derrotas sofridas na 8.ª jornada da prova, mas não poderão descansar, dado que os seus adversários bem precisados estão de pontos para a classificação.

O Oriental deve confirmar a vitória da 1.ª volta, sobre os Estorilistas mas estes não deixarão de tentar ao menos o empate, que não se afigura impossível; a equipa da Costa do Sol pode, no entanto, não agravar a sua situação... se tiver ajudas.

HOJE À NOITE

BASQUETEBOL — Campeonato Nacional da 1.ª Divisão. No Pavilhão dos Desportos, às 21 e 30 e às 22 e 30 horas: Belenenses-Barreirense e Sporting-Benfica.

No Palácio dos Desportos, no Porto: Vasco da Gama-Ginásio Figueirense e F. C. Porto-Académica.

Benfica, Sporting, C. A. C. O. e P. Arcos qualificados para a 2.ª eliminatória do Torneio de Abertura do Sul

A despeito da chuva caída ao princípio da noite de ontem o Torneio de Abertura de Hóquei em Patins, da Associação de Patinagem do Sul, prosseguiu com os encontros Sporting-Futebol Benfica, Oeiras-Campo de Ourique, Benfica-Sporting de Torres Vedras e Paço de Arcos-Azeitonense.

Os resultados foram favoráveis ao Sporting, por 7-0, ao Benfica, por 10-1, C. Ourique, por 1-0 e ao Paço de Arcos, por 5-0. Na primeira «mão» os «leões» ganharam por 6-2, os «encarnados» triunfaram por 6-1, o Paço de Arcos venceu por 4-2, e o Campo de Ourique triunfou por 6-0.

Portanto, estão já apurados para a eliminatória seguinte: Benfica, Sporting, C. Ourique e Paço de Arcos.

Sporting, 7-F. Benfica, 0

Os «leões» voltaram a impressionar agradavelmente, inversamente aos «encarnados e pretos» que estão longe de atingir a sua boa «forma».

Ao intervalo, o Sporting venceu já por 4-0.

Sob a arbitragem de Manuel Henriques, as equipas alinharam e marcaram:

SPORTING—Luís Reis, Eugénio

O Nacional da 3.ª Divisão (Continuação da página anterior)

gem cautelas, sob risco de perderem as suas posições.

Zona C

5.ª Série — S. G. Sacavenense c. U. D. Vilafranquense, em Sacavem; C. D. Torres Novas c. G. D. «O Coruchense», no Entroncamento; G. D. Benavente c. S. G. S. «Os Leões», em Benavente; Alhandra S. C. c. Tramagal S. U., em Alhandra. Nos campos de Sacavem e de Alhandra juntam-se os quatro primeiros da classificação, separados por dois pontos. Fácil, portanto, calcular a importância destes dois jogos; em Benavente, o lanterna-vermelha recebe a visita dos Escalabitanos o grupo que o antecede na tabela, o que equivale a dizer que as perspectivas são boas.

6.ª Série — C. D. Cova da Piedade c. Seixal F. C., na Cova da Piedade; União Moitense c. S. U. Sintrense, na Moita; Grupo Desportivo Sesimbra c. Casa Pia A. C., em Sesimbra; C. D. Olivais c. Lusos P. C., em Moscavide. E' neste agrupamento que todos os encontros se situam num plano mais igual de interesse, com relevo para os jogos da Cova da Piedade e de Moscavide.

Zona D

7.ª Série — «O Elvas» c. R. A. Capilense, em Elvas; G. S. União c. Estrela F. C., em Montemor-o-Novo; G. D. Portalegrense c. S. C. Estrela, em Portalegre; Sporting Campomaiorense c. S. L. e Évora, em Campomaior. O jogo de Elvas (1.ª c. o último) tem escasso interesse; e porque os Montemorenses, também, merecem favoritismo, a jornada é de tranquilidade para os da frente.

8.ª Série — Sporting Ferreirense c. S. C. M. Aljustrelense, em Ferreira do Alentejo; S. Domingos F. C. c. Louletano D. C., nas Minas de S. Domingos; C. D. S. Brás c. F. C. U. Sambrasense, em S. Brás de Alportel; Silves F. C. c. Desportar S. C., em Silves. O ultimo destes jogos põe frente a frente (os locais) e o 2.º classificado, donde deve dar-se a preferência a este desafiio.

Faleceu o naturalista

dr. Roy Chapman Andrews

CARMEL (Califórnia), 12.—O dr. Roy Chapman Andrews, explorador e naturalista que ganhou fama mundial por trazer da Ásia Central em 1920 ovos de dinossauro fossilizados, faleceu durante a noite passada nesta cidade, vítima de um ataque cardíaco. Tinha 76 anos. — (R.).

Reis, Luís Gonzaga (1), Gonçalves (4), Cascais (1) e Geraldo (1).

F. BENFICA—Colaco, José Luís, António Dias, Julio e Jaime Figueiredo.

Benfica, 10-Spt. Torres, 1

Os «encarnados» voltaram a ganhar e desta feita por diferença muito mais ampla que na primeira «mão», o que se justifica considerando ter sido o jogo disputado na Avenida Gomes Pereira.

Ao intervalo, os Lisboetas venciam por 4-1.

Sob a arbitragem de Carlos Bica, os grupos alinharam e marcaram: BENFICA—C. Pereira (Orlando), Jorge, Urgeiro (1), Mário Lopes (6), Perdigão (1), Lisboa (1) e Alexandre (1).

SPT. TORRES—Luís Barbosa (A. Augusto), José Manuel, Luís Manuel (1), Bento, Jaime e Justino.

Oeiras, 0-C. Ourique, 1

Os Oeirenses constituíram adversários difíceis para os Lisboetas e o golo do triunfo só surgiu ao Campo de Ourique, no segundo tempo, através dum remate de Barreto, que tabelou em Santos e acabou por desfeitear Paulo.

Sob a arbitragem de Inácio Terezo as equipas alinharam:

OEIRAS—Paulo, Santos, Garcia, Nunes e Araújo.

C. A. C. O.—Alberto, V. Guedes, Bernardino, Julio e Barreto (1).

P. Arcos, 5-Azeitonense, 0

O êxito da equipa da Costa do Sol ante o Azeitonense pode considerar-se normal pois a diferença de «classe» ante as duas equipas é enorme. Ao intervalo o Paço de Arcos venceu por 2-0.

Sob a arbitragem de Manuel Dias, as equipas alinharam e marcaram:

P. Arcos—Vilaverde, Pompeu, Campos (1), Virgílio (1), Lemos (1), Nelson (2) e Coelho.

AZEITONENSE—Pinto, Ferreira, Carvalho, Ilidio, Miranda e António Julio.

O desafio da primeira «mão» Mundet-Sintra foi adiado para as 15 e 30 de amanhã.

Várias provas de amanhã

ACTIVIDADES DA M. P. — Os filiados da M. P. repartem-se amanhã pelas seguintes competições: Atletismo — Torneio de mínimos, no Estádio Nacional, às 10 e 30.

Hanbol de sete — Campeonato regional, no Liceu Pedro Nunes, a partir das 9 e 30.

ANIVERSARIOS — O Clube Desportivo da Graça comemora o seu aniversário com uma sessão solene, às 14 horas.

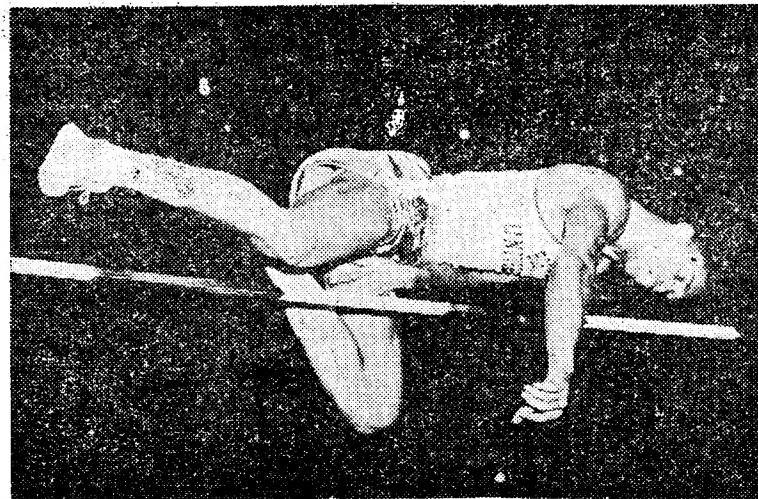
ATLETISMO — Campeonato nacional de cortamato, de seniores, nos terrenos anexos ao Estádio Nacional, às 9 e 30.

— Torneio de Abertura (2.ª jornada) nas pistas do Estádio Nacional, a partir das 10 horas, com as seguintes provas: 400 metros barreiras, 200, 800 e 3.000 metros, vara, comprimento, disco, martelo e 4 x 400 metros.

BASQUETEBOLE — Campeonato Nacional da 2.ª Divisão: Fluvial-Leça, Esqueira-2.ª de Coimbra, Salesianos-3.ª de Coimbra, Boavista-Sant Joanense, Guifões-1.ª de Coimbra e Educação Física-Galitos, nos campos dos primeiros, às 11 horas; Campeonato Nacional da 3.ª Divisão: Maria Pia-Combatentes (10 h. em S. Gens), Mundet-Boa Hora (10.30 no Seixal), Campolide-Moscavide (10.45 no Liberdade), Seixal-Pedrouços (11 h.), Lisgás-Rio Seco (10 h. no campo do ultimo), Sacavenense-Carnide (10 e 30), Almagá-Universitário (10 h.), Ateneu-Avila (10 h.), Casa Pia-Aroios (11 h. no campo do Porto de Lisboa) e Lusos-Internacional (10 h. no Barreiro); Campeonato regional de juniores e infantis, a partir das 9 e 30.

CICLISMO — Campeonato regional de amadores-juniores (75 quilómetros contra-relógio), com partida do Pote de Agua, às 7 horas; Prova de independentes (200 quilómetros em linha), com partida da Avenida do Brasil, às 7 horas; 3.ª Prova de Iniciação, em várias sedes dos concelhos do País.

DESPORTO CORPORATIVO — Campeonato de futebol da 2.ª Divi-



John Thomas, o novo recordista mundial do salto em altura, ao transpor a barra quando ultrapassou 2,17 metros

O americano John Thomas estabeleceu novo "record" mundial do salto em altura [2,196 m.]

CHICAGO, 12. — O americano John Thomas estabeleceu ontem novo «record» mundial do salto em altura ao transpor 2,196 metros.

Thomas conseguiu esta proeza, que bate o «record» mundial ao ar livre, do russo Yuri Stepanov, na reunião de atletismo em sala, no Anfiteatro Internacional desta cidade.

Há dois meses, Thomas saltou 2,18

UM PORTUGUÊS pescou no mesmo dia dois espadartes

LOURENÇO MARQUES, 12. — O pescador desportivo laurentino, Manuel Salema Reis, cometeu a proeza de pescar no mesmo dia, nas águas do Atlântico, dois enormes espadartes.

Trata-se de uma façanha que até hoje só foi cometida por 12 pescadores em todo o Mundo.

Os dois troféus pesam 148 e 133 quilos, e foram pescados de bordo de um pesqueiro. — (L.).

são (fase final): Amadeu Gaudêncio-F. C. Regina, Companhia Carris-Covina e Companhia dos Telefones-F. Simões.

HANDEBOL DE SETE—Campeonato regional de juniores — No Ateneu da Madre de Deus, a partir das 9 h.: Benfica-Madre de Deus, Sporting A-Avila, Sporting B-Universitário e Almada-Monte Pedral; no recinto do C. A. C. O., a partir das 11 horas: Liberdade-Campo de Ourique e Glória-Cova da Piedade.

HOQUEI EM CAMPO — Campeonato regional (1.ª categoria): Belemenses-Hoquei, F. Benfica-Benfica e Atlético-Palmense, nos campos dos primeiros às 10 e 30; Campeonato regional (reserva): Futebol Benfina-Benfica, no campo do primeiro, às 9 horas.

HOQUEI EM PATINS — Torneio de Abertura: Sintra-Mundet e Vilafranquense-Cascais, nos campos dos primeiros às 22 horas.

INAUGURAÇÕES — O Sacavenense realiza, a partir das 13 e 30, várias cerimónias, para comemorar a inauguração de vários melhoramentos no seu campo.

LUTA — Campeonatos nacionais de 1.ª séries, no ginásio da Associação dos Alunos da Faculdade de Ciências, às 21 e 30.

RAGUEBI — Campeonato Nacional (1.ª categoria): Benfica-Direito, no Campo Grande, às 11 horas, e Académica de Coimbra-Universitário, em Leiria, às 15 horas; Campeonato Nacional (reserva): Benfica-Direito, no Campo Grande, às 9 e 30.

TENIS DE MESA—Campeonatos regionais individual e de equipas nas mesas da Escola Nuno Gonçalves, a partir das 9 e 30.

TENIS DE MESA — Campeonato regional de infantis, às 10 horas. TIRO A CHUMBO — Torneio do C. P. T. C., no «stand» do Lumiar, a partir das 14 horas; troféu «António Mendes da Silva», no «stand» de Benfica, a partir das 11 horas.

VELA — Provas de preparação olímpica em «Finis», em frente de Belém, às 10 e 30 e às 15 horas.

m., passando a 2,13 m. nas ultimas onze reuniões em que participou.

Ontem, á noite, o negro, unico apurado, começou por falhar 2,14 m. e a seguir, tendo passado esta marca, a barra foi alteada para 2,19 m. Thomas falhou o primeiro ensaio e, no segundo, a mão afluou a barra sem a fazer cair. Os 10.000 espectadores nem respiravam...

Passados instantes, ouviu-se uma grande salva de palmas, mas foi interrompida quando os juizes anunciaram que era necessário verificar a altura da barra. Um segundo mais tarde, o publico aplaudiu-o quanto quis. — (F. P.).

Homenagens

A João Soares Barreira

Foi homenageado num restaurante da capital, o sr. João Carlos Soares Barreira antigo chefe de serviços da Caixa de Previdência dos Empregados da Assistência, cujas funções abandonou em virtude de ter assumido o cargo de técnico contabilista do Banco de Fomento. Presidiu o homenagem, ladeado por sua esposa, sr.ª D. Maria da Assunção Ferreira, a quem foi oferecido um ramo de flores. Usaram da palavra para enaltecer as qualidades do sr. Soares Barreira, os srs. Idalécio de Carvalho e Joaquim Graça. No final o homenageado agradeceu.

Ao reitor do Liceu Camões

Tendo sido agraciado pelo sr. Presidente da Republica com a Ordem de Instrução e Benemerência, o sr. dr. Joaquim Sérvulo Correia, reitor do Liceu Camões, uma comissão de pais de alunos ofereceu-lhe um jantar de homenagem na quarta-feira.

A inscrição, aberta aos pais ou encarregados de educação de actuais ou antigos alunos daquele estabelecimento de ensino, está patente na Livraria Cultura, Rua Engenheiro Vieira da Silva, 16, e pode ser feita pelos telefones 681997 ou 44971.

Ao presidente da Camara de S. Pedro do Sul

S. PEDRO DO SUL, 12 (Pelo telefone) — A Mesa da Misericórdia deste concelho promove hoje uma homenagem ao presidente da Camara Municipal, dr. Francisco Sales Loureiro, com um banquete no salão nobre dos Bombeiros Voluntários, a que assistem as forças vivas do concelho, e para o qual já estão inscritas 250 pessoas.



Baile da «Pinhata» nos Bombeiros Voluntários de Oeiras

Na sede da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Oeiras, há, esta noite, o luzido baile da «Pinhata», com vários atractivos e a colaboração do conjunto «Costa do Sol».

Cinemas

ALGÉS — Stadium — As 21 — «Profissão perigosa» (17 anos).

CASCAIS — Académico — As 21 — «Um crime por dia» e «Ao ritmo negro do Calipso» (17 anos). S. Jos. — As 21 e 30 — «Porque vens tão tarde» (17 anos).

ESTORIL — Casino — As 21 e 30 — «O grande chefe» (17 anos).

OEIRAS — Cine — As 21 — «Desfolhando a margarida» (17 anos).

PAREDE — Royal Cine — As 21 e 15 — «Um rei e quatro rainhas» e «Lua de mel em Monte Carlo».

Farmácias de serviço

ALGÉS — Nifo — Avenida dos Combatentes da Grande Guerra, 81. Tel. 012070.

CASCAIS — da Misericórdia — Rua Regimento 19, 41. Tel. 080141.

ESTORIL E MONTE — Ostende — Largo de Ostende (Monte). Tel. 060391.

OEIRAS — Godinho — R. Candido Reis, 98. Tel. 043090.

PAÇO DE ARCOS — Trindade Braz — Rua Costa Pinto, 184. Tel. 042034.

PAREDE — Grincho — Avenida da Republica, 87-A. Tel. 047204.

Vida social

EMBAIXADORES DE PORTUGAL NA VENEZUELA E NO BRASIL

O dr. Marcos de Fontes Pereira de Melo Fonseca, que recentemente foi nomeado embaixador de Portugal na Venezuela, embarca depois de amanhã para o referido país. Aquele diplomata viajará no paquete «Santa Maria», acompanhado de sua esposa. Por sua vez, o dr. Manuel Rocheta, embaixador de Portugal no Brasil, que tem estado em Lisboa, regressa ao Rio de Janeiro no «Vera Cruz», que larga do Tejo também na segunda-feira.

MINISTRO DA FINLÂNDIA

A sr.ª D. Maria Leopoldina de São Payo Mello e Castro Cabral e seu marido, sr. Julio Navarro Cabral, presidente da direcção do Grupo dos Amigos da Finlândia, ofereceram, na sua residência, na Praça Ilha do Faial, um almoço em honra do ministro da Finlândia em Portugal dr. Helge von Knorring, e de sua esposa, a que assistiram os consules da Finlândia em Lisboa, o dr. António Corrêa Caldeira Coelho e esposa e a sr.ª D. Maria Adelaide de Bastos Leal.

D. ELVIRA DA COSTA NUNES

Por proposta do seu presidente, comendador Rainho da Silva Carneiro, o Liceu Literário Português, do Rio de Janeiro, concedeu o título de sócio honorário á escritora sr.ª D. Elvira da Costa Nunes, que às letras tem dedicado o melhor da sua actividade e que nas colunas do «Diário de Lisboa» várias vezes colaborou.

NASCIMENTO

A sr.ª D. Maria Yolanda Machado Soares de Bettencourt Barcelos Ferreira Jordão, esposa do sr. Ernesto Alexandre Pires Soares Ferreira Jordão, deu á luz uma menina a quem será dado o nome de Ana Beatriz.

MARIA ANA

Maria Ana regressou de Paris e brevemente está ao dispor das suas estimadas clientes.

Uma ilha do Mediterrâneo vai ser transformada num paraíso para férias

VALETTA (Ilha de Malta), 12. — A pequena ilha de Comino, com cerca de 3.200 metros de comprimento por 1.600 de largura, foi agora cedida por 150 anos pelo Governo de Malta a uma empresa exploradora do turismo.

A empresa arrendatária, gerida pelo inglês John Gaul, transformará a ilha e as suas praias num verdadeiro paraíso para férias. Tenciona gastar mais de meio milhão de libras na construção de grandes e magníficos hotéis, vilas e um clube náutico.

A renda anual é de cem libras. Arquitectos de Milão, de renome internacional, foram encarregados de elaborar os planos de construção na ilha de Comino. — (A. N. I.).

A política independente do presidente de Gaulle é enaltecida na Rússia

MOSCOVO, 12. — A Imprensa soviética, a propósito da próxima visita de Kruchchev à França, enaltece a determinação de de Gaulle de fazer com que o seu país readquiria o prestígio de grande potência.

A revista «Assuntos Internacionais» — que reflecte, em via de regra, a política oficial do Kremlin — afirma, no seu último número que várias decisões tomadas por de Gaulle, têm contribuído para aumentar o prestígio da nação francesa.

EM 3 LINHAS

São válidos a partir do passado dia 1 de Janeiro, e enquanto o imóvel permanecer ocupado pelo respectivo serviço, os contratos de arrendamento celebrados pela administração distrital ou provincial para instalação de serviços do Estado.

Foram reorganizados os serviços do Instituto Ultramarino, por um decreto-lei hoje publicado.

Foi substituída a tabela geral de taxas e portes postais da província ultramarina do Estado da Índia.

Foram reguladas, por uma portaria, as disposições a observar pelas entidades, organismos ou departamentos que tenham de apresentar contas respeitantes a dotações que lhes foram atribuídas pelo Fundo de Defesa Militar do Ultramar.

O dr. Vasco Nunes Pereira Fortuna foi nomeado definitivamente professor ordinário do 2.º grupo do Instituto Superior de Estudos Ultramarinos.

O dr. Alberto da Silva e Sousa, professor da Escola Superior de Belas-Artes do Porto, foi nomeado seu secretário.

O sr. Karel G. Bonn foi eleito vogal correspondente estrangeiro da Academia Nacional de Belas-Artes.

PASCOA EM ROMA

Aproveite as férias da Páscoa visitando Madrid, Barcelona, Nice, Florença, Roma, Nápoles, etc. e uma agradável viagem por mar, por pouco mais de

300\$00 por dia

CARAIBAS E ESTADOS UNIDOS

Algo de novo para os seus sentidos... Vigo, Funchal, Tenerife, Caracas, Curaçau, Havana, Miami, Nova York...

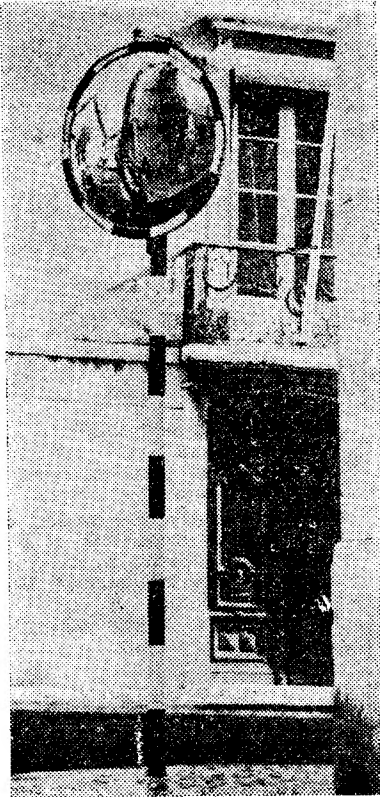
Partida de Lisboa em 19 de Maio e regresso em 11 de Junho. A partir de Esc. 20.000\$00

Serviços de Turismo da
SOC. COM. OREY ANTUNES
& CIA. LDA.

4, Pr. Duque da Terceira
T. 29346 — LISBOA

Automobilistas (e peões também) olhem para os espelhos nos cruzamentos das ruas!

O trânsito, intenso e sempre crescente, em especial no emaranhado de ruas das cidades, e muito principalmente em Lisboa, cria uma complexidade de problemas, que as entidades responsáveis pela sua orientação e boa norma procuram resolver — mas cujas soluções, o



Atenção ao trânsito — olhe para o espelho

Novo comandante das Forças Navais da Índia

O sr. comodoro Raul Viegas Ventura, recentemente promovido a aquele posto de oficial-general, foi nomeado para exercer as funções de comandante das Forças Navais da Índia, cargo que se encontrava vago pela passagem à reserva do sr. comodoro Gabriel Prior. Trata-se de um oficial largamente muito considerado, que tem afirmado as suas altas qualidades profissionais em todos os comandos que lhe têm sido confiados e entre os quais avultam o de 1.º comandante do Corpo de Marinheiros da Armada e da Escola de Artilharia Naval. O sr. comodoro Viegas Ventura, deve seguir brevemente para Goa, a fim de tomar posse do seu novo cargo.

Agatha Christie

assinou com a «Metro»
um contrato fabuloso

LONDRES, 12. — A Metro-Goldwyn Mayer assinou um contrato com Agatha Christie, a famosa escritora de romances policiais, para muitos dos seus livros e contos serem adaptados a filmes e a folhetins para a Televisão — revelou na noite passada, nesta capital, o principal representante daquela companhia na Europa, Lawrence Bachman.

O «News Chronicle» informa hoje que o contrato de Agatha Christie, anda à volta de um milhão de libras (80 mil contos) e que a torna a mais rica escritora do Mundo. — (R.).

AÇORDA DE SÁVEL FAMOSO PRATO

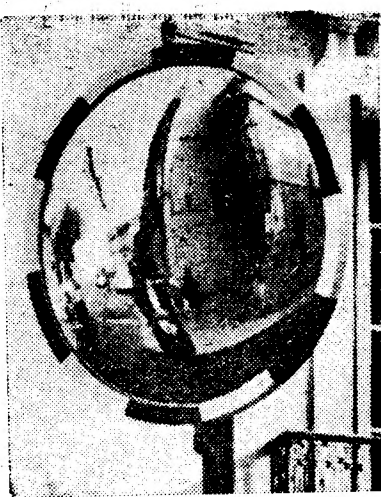
do Ribatejano de Salvaterra

BARRETE VERDE

Benavente
Tel. 74

O MAIS ORIGINAL E TÍPICO RESTAURANTE DO RIBATEJO (NOVA GERENCIA) — DOMINGO DIA 13 — ALMOÇO REGIONAL EMENTA: — AÇORDA DE SÁVEL — Ensopado de enguias — Bacalhau à Biscainha — Chispalhada à Barrete Verde — Lombo à Lezíria, etc., etc.

RANCHOS FOLCLÓRICOS — FANDANGO — ACORDEONS
CHÁS DANÇANTES com ORQUESTRA DO BARRETE VERDE
(M/15 ANOS)



Uma rua inteira no espaço reduzido do círculo espelhado

mais possível adequadas às condições actuais, só poderão conseguir-se com a decidida e ampla colaboração de todos: autoridades, peões e automobilistas.

Uma das grandes dificuldades que a estes últimos se deparam, manobrando no labirinto citadino, são os cruzamentos nas artérias de grande movimento. Para lhes garantir a segurança — e também aos transeuntes imprevidentes ou distraídos —, foi agora adoptada uma inovação, que parece ter dado já os melhores resultados práticos em vários países, a qual, substituindo sinais e alertadores luminosos, consiste em postes de sinalização, constituídos por uma haste metálica, pintada a branco e encarnado, com um espelho convexo, no qual se reflectem os carros que se aproximam dos cruzamentos.

Três desses postes — que constituíram novidade na capital, esta manhã — foram colocados pelos Serviços Técnicos da Câmara Municipal em três cruzamentos de trânsito intenso: Rua da Escola Politécnica — Rua de São Marçal, Rua das Amoreiras — Rua Silva Carvalho e Rua do Arco do Bandeira — Rua da Conceição.

A título experimental, são novos elementos por meio dos quais se procura facilitar o trânsito, com maiores garantias de segurança. Do seu êxito dependerá a adopção de tais postes em larga escala — e para isso contribuirão os automobilistas na medida em que deem a sua compreensiva colaboração à louvável iniciativa. Basta apenas que, mantendo as precauções indispensáveis, ao chegarem a aqueles cruzamentos fiquem o espelho circular no qual se reflecte a imagem do carro, vindo em sentido contrário, desembocar no perigoso cruzamento.

E não será mau que os peões deem, por sua vez, uma olhadela para o espelho, quando se dispõem a atravessar às vezes com conflagradora imprudência, esses lugares perigosos.

ALGAS DO MAR SALÃO DE CHÁ CALÇADA DE CARRICHE

Abre hoje as suas portas para deleite do público que poderá, a partir de hoje, saborear o seu magnífico serviço de restaurante, dançando até às 3.30 da madrugada.

**Sim,
A CONFIDENTE**
Resolve-lhe o problema financeiro
em 24 horas!

**LEVANTANDO 50%
DO VALOR
DA SUA PROPRIEDADE
JURO DE LEI**

A CONFIDENTE
A MAIOR ORGANIZAÇÃO DO PAÍS

LISBOA: ROSSIO, 3-2
TELEF. PPC-29384-5-6

PORTO: R. PASSOS MANUEL, 14
TELEF. P.P.C. 20344-5-6

A princesa Ma aproveita o fim- para apreciar os des do vestido de

LONDRES, 12. — A princesa Margarida e o noivo passam o terceiro fim-de-semana depois do pedido de casamento, na propriedade dos Jeremy Fry, perto de Bath.

Jeremy Fry, engenheiro, e sua mulher Camilla, filha do pintor Geoffrey Grinling, e também pintora, são os amigos mais íntimos de Anthony Armstrong-Jones. Supõe-se que Jeremy apadrinhará o casamento, mas sua mulher não poderá certamente assistir à cerimónia porque espera o terceiro filho nos primeiros dias de Maio.

Em Outubro do ano passado, a princesa Margarida e «Tony» já haviam passado uns dias no magnífico solar do século XVIII destes seus amigos.

A irmã da rainha Isabel partiu ontem, ao fim da tarde, de Londres, num automóvel com as vidraças esfumadas. Cuidadosamente enrolados, levava consigo os esboços dos desenhos para o vestido de noiva, da autoria do grande costureiro Hartnell, os quais deseja estudar sossegadamente durante o fim-de-semana.

A 6 kms. de Bath, a princesa Margarida mudou de automóvel, terminando a viagem no «Citroën» preto do noivo. Mas este não a pôde acompanhar. Estava no Sussex, onde assistia com a mãe, a condessa Rosse, ao funeral da avó materna. Chegou a Bath, de automóvel, durante a noite. — (F. P.).

OS TURISTAS TERÃO DE ALOJAR-SE EM CASAS PARTICULARES

LONDRES, 12. — Fazem-se preparativos para que o dia 6 de Maio, dia

do casamento da, seja um toda a Inglaterra.

Os «cafés» bebidas, que tar abertos 16 às 22 h durante toda e mesmo p Esperam-se de categori os respecti dos nos ho é onde aloj sós» que ta dres nesse gueres está de alojame os cantos nidade Bri tico.

Embora ser de gran americanos tomado cer mento da p to aumenta cia de Ame levantará n veis. Não s de recorrer jar turistas

Enquanto dia, o publi pense» com sando, em mente calo dade febril preparação costureiros tas, etc. A costureira guarda-rou cias. — (F



O sr. Henry J. Fisher é este habilidoso mortal que, pergaminho com tanta aplicação e virtuosismo, assinou o casamento da princesa Margarida. O mesmo artista tem assinado outra licença similar: o do matrimónio da rainha de Edimburgo. A «pena de pato» de que ele se serve, como se diz, mas de peru e tem 366

A AFRICA

VIDA A

PRETO nistro da Verwoerd sentou um zando a r na União povo se ou Monar dar a pri sar a sua Sul — seg Verwoe lhe foi f de Fort gate para fosse con sua «lua» — (A. N.

O PRESI EDIME ciente de nes, abri da a ofer mento á noivo. «Há m Inglaterra te — Se um «dinh nita qua de 4.000 «O pre amizade Grã-Breta — (A. N

Princesa Margarida ouve o fim-de-semana precioso os desenhos o vestido de casamento

— A princesa Margarida, a terceira filha do rei Jorge VI, passou o terceiro dia de festa em toda a Inglaterra. Os «cafés» e estabelecimentos de bebidas, que em regra só podem estar abertos das 11 às 15 horas e das 16 às 22 horas, poderão trabalhar durante todo o dia, em 6 de Maio, e mesmo para além da meia-noite. Esperam-se milhares de visitantes de categoria em Londres, estando os respectivos aposentos já reservados nos hotéis. O que não se sabe é onde alojar os milhares de «curiosos» que também hão-de vir a Londres nesse dia. As agências de alugueres estão submersas por pedidos de alojamentos, que vêm de todos os cantos da Inglaterra, da Comunidade Britânica e de Além-Atlântico.

Embora o ano corrente prometa ser de grande afluência de turistas americanos, e se tenham por isso tomado certas disposições, o casamento da princesa Margarida decerto aumentará ainda mais a afluência de Americanos a Londres, o que levantará problemas quase insolúveis. Não sofre dúvida que se terá de recorrer a particulares para alugar turistas.

Enquanto se aguarda o grande dia, o público é mantido em «suspenso» com as notícias que vão passando, em pequenas doses sapientemente calculadas, acerca da actividade febril dos que trabalham na preparação da cerimónia nupcial: costureiros, decoradores, maquinistas, etc. A princesa encarregou o costureiro Victor Steibel de fazer o guarda-roupa para a viagem de nupcias. — (F. P.).

TERÃO DE ALO-
CASAS PARTI-
— Fazem-se prepa-
o dia 6 de Maio, dia



Fisher é este habilidoso mortal que, aqui vemos, desenhando num
com tanta aplicação e virtuosismo, as letras da licença de casa-
Margarida. O mesmo artista teve já o privilégio de desen-
dença similar: o do matrimónio da rainha Isabel com o duque
A «pena de pato» de que ele se serve não é, na realidade de
de dizer-se, mas de peru e tem 360 anos, pois data de 1600

A AFRICA DO SUL NÃO CON- VIDA A PRINCESA

PRETORIA, 12 — O primeiro-mi-
nistro da África do Sul, Hendrik
Verwoerd, que recentemente apre-
sentou um projecto de lei autori-
zando a realização de um plebiscito
na União Sul Africana para que o
povo se pronuncie pela República
ou Monarquia, resolveu não con-
vidar a princesa Margarida para pas-
sar a sua «lua-de-mel» na África do
Sul — segundo foi revelado hoje.

Verwoerd rejeitou o pedido que
lhe foi feito pelas municipalidades
de Port Speetstone, Uvongo e Mar-
gate para que a princesa Margarida
fosse convidada a passar parte da
sua «lua-de-mel» na costa do Natal.
— (A. N. I.).

O PRESENTE DOS «JONESES»

EDIMBURGO, 12 — Um comer-
ciante de Edimburgo, Sydney Jo-
nes, abriu uma subscrição destina-
da a oferecer um presente de casa-
mento à princesa Margarida e seu
noivo.

«Há mais de 500.000 «Joneses» na
Inglaterra — declarou o comercian-
te — Se cada um contribuir com
um «dinheiro», conseguiremos a bo-
nita quantia de 50.000 libras (cerca
de 4.000 contos).

«O presente será uma prova da
amizade que todos os «Joneses» da
Grã-Bretanha nutrem pelos noivos».
— (A. N. I.).



Os organizadores do certame, pouco antes da inauguração

Mil obras representativas de vários sectores culturais apresentadas no S. N. I. pelas «Presses Universitaires de France»

No salão de exposições do S. N. I., o ministro da Educação Nacio-
nal inaugurou esta tarde um certa-
me com as mil principais publica-
ções das «Presses Universitaires
de France». Estavam presentes,
além do conde Bernard de Men-
thon, embaixador de França, e dr.
César Moreira Baptista, secretário
Nacional da Informação, os srs.
João de Almeida, director-geral do
Ensino Superior e das Belas Artes,
prof. Cordeiro Ramos, presidente
do Instituto para a Alta Cultura,
prof. Marcello Caetano, reitor da
Universidade de Lisboa, prof. Mo-
ses Amzalak, reitor da Universida-
de Técnica de Lisboa, prof. Reynal-
do dos Santos, presidente da Aca-
demia das Ciências, dr. Pierre Hour-
cade, conselheiro cultural da em-
baixada de França e director do
Instituto Francês, Paul Angoul-
vent, presidente das P. U. F. e dr.
Alçada Baptista, pela direcção do
Sindicato dos Editores e Livrários.

Esta exposição a segunda orga-
nizada pelas P. U. F., que tem trin-

LOTA DE SANTOS

Hoje, foram vendidas na lota de
Santos, desde as 7 e 30 às 10 e 30,
140 toneladas de peixe de várias
espécies. Para segunda-feira há 143
toneladas, para serem vendidas na
lota.

Na exposição, incluem-se manus-
critos, cartas e lembranças pessoais
de Bergson, Alain, Durkheim, Lévy-
Bruhl, Lavelle, Focillon, Blondel e
outros, além de autógrafos do gene-
ral de Gaulle, Pégny, Jaurès, Drey-
fus, Madame de Noailles e presi-
dente Benès.

Funcionando sob um estatuto
cooperativo, as P. U. F. dedicam-se
à edição de obras de alta cultura,
que possuem 70 colecções, 10.000 tí-
tulos em exploração e 50 publica-
ções periódicas, publicadas por
dois mil correspondentes distribuí-
dos no Mundo inteiro. Uma das
suas colecções mais conhecidas é
a «Que sais-je?», com 880 títulos,
traduzida em mais de 15 línguas,
que vende, anualmente um mi-
lhão de exemplares. O certame,
montado com excelente critério,
despertou o mais vivo interesse
entre as individualidades que o
visitaram, estando aberto ao pú-
blico, até ao dia 26, das 15 às 20
horas.



Novos Discos



DISCOS DE MUSICA PORTUGUESA

COM OS ARTISTAS:

SHEGUNDO GALARZA
FERNANDO D'ALBUQUERQUE
CARLOS MENEZES
LUÍS SILVEIRA
CONJUNTO 4 DE ESPADAS

EM GRAVAÇÕES



A PARTIR DE SEGUNDA-FEIRA À VENDA NAS CASAS
DA ESPECIALIDADE

E' visível em Lisboa o eclipse total da Lua

previsto para amanhã

NOVA YORK, 12 — Um eclipse to-
tal da Lua registar-se-á entre as 7,41
e as 9,15 horas (T. M. G.) de ama-
nhã e será visível em todos os pon-
tos do hemisfério ocidental.

O ultimo eclipse, que ocorreu em
24 de Março de 1959, foi sómente
parcial. — (R.).

NOTA DA REDACÇÃO — O ecli-
pse total da Lua de que fala o tele-
grama de Nova York será também
visível em Lisboa, mas durante as
horas do dia e portanto sem parti-
cular interesse.

Em 1960 há quatro eclipses: dois
do Sol e dois da Lua. No de ama-
nhã, em Lisboa, entra a Lua na pe-
nombra às 5 e 34; entra a Lua na
sombra às 6 e 38; o meio do eclipse
é às 8 e 28. Sai a Lua da sombra
às 10 e 18; sai a Lua da penumbra
às 11 e 22.

A grandeza do eclipse é 1,520, se
tomarmos como unidade o diáme-
tro da Lua.

Em Lisboa, a Lua põe-se às 6
e 52, ainda eclipsada. A essa hora
nasce o Sol.

No Observatório Astronómico da
Ajuda falou-nos o subdirector, dr.
Baptista de Sousa, que nos disse
não oferecer interesse de maior esse
eclipse em vista de ele se verificar
durante o dia e portanto não se po-
dendo observar convenientemente a
Lua. Poder-se-ia, quando muito, ver
a entrada da Lua na penumbra e a
entrada da Lua na sombra.

—————

Ao deixar Londres o dr. Marcello Mathias declarou-se satisfeito pela maneira como fora recebido

LONDRES, 12.—O ministro dos
Negócios Estrangeiros português,
dr. Marcello Mathias, partiu hoje
de comboio de Londres para Por-
tugal, após uma visita oficial de
três dias à Grã-Bretanha.

Na estação de Victoria apresen-
taram-lhe cumprimentos de despe-
dida, além do embaixador de Por-
tugal, general Abranches Pinto, o
ministro dos Negócios Estrangei-
ros, Selwyn Lloyd, o embaixador
de Inglaterra em Lisboa, «sir»
Charles Sterling, o embaixador de
Espanha, marquês de Santa Cruz,
o encarregado dos Negócios do
Brasil, dr. Castello Branco, e altos
funcionários do «Foreign Office».

Antes da partida, Selwyn Lloyd
conversou durante largos minutos
com o ministro dos Negócios Es-
trangeiros e com o embaixador de
Portugal, afirmando mais uma vez
o grande prazer que tivera com a
visita do dr. Marcello Mathias a
Londres.

O dr. Marcello Mathias fará uma
paragem em Paris.

Antes de partir, e por intermê-
dio de um porta-voz, o ministro
dos Negócios Estrangeiros portu-
guês declarou que estava «muito
satisfeito» pela maneira como ti-
nham decorrido as suas conversa-
ções com o ministro dos Negócios
Estrangeiros britânico, Selwyn
Lloyd, acerca da situação interna-
cional.

Interrogado sobre se as conver-
sações económicas poderiam levar
a um aumento do comércio entre

**DENTES
COMO ESTES
SÓ COM
PASTA
MEDICINAL
COUTO**

CONTRA AS
DOENÇAS DA BOCA



Pretendem vender ouro, pratas
ou jóias recebendo o máximo?

**GRANDE OURIVESARIA
DA MODA**
RUA DA PRATA, 257

O tempo que faz

Informação do Serviço Meteoro-
lógico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HO-
RAS (T. M. G.) DE HOJE — Em
Portugal continental o vento era
moderado de Oeste, o céu estava
muito nublado e caíam aguaceiros
por acção duma massa de ar ins-
tável transportada na circulação
duma depressão centrada no Golfo
da Gasconha.

TEMPERATURAS AS 9 HO-
RAS: Portalegre, 9°; Coimbra, 12°;
Porto, 13°; Lisboa, 14°; Faro, 15°
e Funchal, 18°.

TEMPERATURAS EXTREMAS
REGISTADAS HOJE EM LIS-
BOA, ATÉ AS 15 HORAS: máxi-
ma, 16°7; mínima, 11°9. No mes-
mo dia do ano passado: máxima,
15°6; mínima, 9°3.

TEMPERATURAS OBSERVA-
DAS AS 9 HORAS NA COSTA
DO SOL: na atmosfera, 14°4; na
água do mar, 13°9.

PREVISÃO ATÉ AS 24 HORAS
(T. M. G.) DE AMANHÃ — Con-
tinuação do tempo de aguaceiros,
com céu muito nublado. Vento mo-
derado de Oeste, podendo soprar,
por vezes, com rajadas fortes. Con-
dições favoráveis à formação de
trovoadas no Norte.



—————

O romance francês contemporâneo analisado numa conferência por Urbano Tavares Rodrigues

Em Marcel Proust e em André
Gide filiou Urbano Tavares Rodri-
gues o romance francês contem-
porâneo, na conferência que ontem
à noite fez na Casa do Alentejo,
integrada no Ciclo do Romance
Contemporâneo, promovido pela
Sociedade Portuguesa de Escrito-
res, sob o alto patrocínio da Fun-
dação Gulbenkian. A dimensão on-
tológica dada por Proust à ficção
romanesca, acompanhou-a o con-
ferencista até às obras de ficção
da chamada novela experiencial
ou da Escola do Olhar; e do mes-
mo modo perseguiu através de três
décadas a «disponibilidade» do ho-
mem livre, desde o Lafcadio de
«Caves do Vaticano» aos heróis de
Malraux, de Saint Exupéry, de Sar-
tre e de Albert Camus. Deteve-se
nas obras demigurgicas de Roger
Martin du Gard, de Jules Romains,
de Duhamel de Aragon e procurou
situar no panorama actual escri-
tores como Claude Roy, Roger Vail-
laud, Hervé Bazin, entre muitos
outros, antes de terminar com o
exame das novas técnicas do ro-
mance metamórfico ou «das coisas»,
em que Robbe-Grillet e Michel Bu-
tor aparecem como primeiras figu-
ras.

A conferência do nosso camara-
da de redacção despertou um vivo
interesse, que reafirma, após o bri-
lhante prólogo do prof. Vitorino
Nemésio, dois dias antes, a serieda-
de e o alto valor desta iniciativa
da Sociedade Portuguesa de Escri-
tores.

A próxima palestra, no dia 18,
sobre o Romance Italiano Contem-
porâneo está a cargo de outro subtil
e prestigioso ensaísta: o prof. Viei-
ra de Almeida.

NECROLOGIA

FALECIMENTOS

Coronel Fernando Augusto da Câmara Lomelino

Faleceu o sr. coronel Fernando Augusto da Câmara Lomelino, contava 65 anos, pertencia à arma de Infantaria e estava na situação de reserva.

Antigo aluno do Colégio de São Fiód, fez o seu curso militar na antiga Escola de Guerra, e foi promovido a aspirante-a-oficial em 1917, em plena Grande Guerra. Combateu em França, integrado no C. E. P. e tomou parte na famosa batalha de La Lys (9 de Abril) e noutras árduas campanhas. Durante a segunda Guerra Mundial, fez parte da força expedicionária aos Açores e à Madeira.

Prestou serviço em diversas unidades e, nomeadamente, no Colégio Militar e no Instituto dos Pupilos do Exército, e na Guarda Fiscal, exercendo o comando das companhias da ilha da Madeira, Vila Real de Santo António e de outras. Actualmente, era o chefe do Centro de Mobilização de Engenharia n.º 1. Com uma brilhante folha de serviços, possuía várias condecorações, incluindo as medalhas de prata da Expedição a França, da Vitória Militar de prata, de ouro, de comportamento exemplar, de prata, de Filantropia e Caridade, do Instituto de Socorros a Náufragos; e de 2.ª classe de Mérito Militar, a comenda e o grau de grande oficial da Ordem Militar de Avis.

Natural de Vila de Sena, na Zambézia (Moçambique), deixou viúva a sr.ª D. Antonieta Ferreira de Sousa da Câmara Lomelino; era pai dos srs. tenente Fernando José da Câmara Lomelino, da G. N. R., e arquitecto José Justiniano da Câmara Lomelino, e sogro da sr.ª D. Maria Beatriz Isabel Rocha da Câmara Lomelino.

O funeral, a cargo da Agência Barata, sai amanhã, às 12 h., da igreja de Santo Condestável, para jazigo, no cemitério da Ajuda.

João Antunes de Carvalho

Na sua residência, faleceu, hoje, o sr. João Antunes de Carvalho, de 64 anos, natural de Manteigas, sócio-gerente das firmas Refinaria Portuguesa de Açúcares, Lda. e Lobo, Cunha e Carvalho, Lda. Deixou viúva, a sr.ª D. Amélia Teixeira de

Carvalho, e era pai da sr.ª D. Helena Teixeira de Carvalho.

O funeral, a cargo da Agência Magno, sai amanhã, às 15 horas, da igreja dos Anjos, para jazigo, no cemitério dos Olivais.

Artur de Sousa Lima

Faleceu o sr. Artur de Sousa Lima, de 74 anos, proprietário, natural de Lisboa, casado com a sr.ª D. Ermelinda Carreira de Sousa Lima e pai da sr.ª D. Maria Madalena de Sousa Lima Bernardes.

O funeral, a cargo da Agência Barata, realiza-se amanhã, às 15 horas, da igreja de Nossa Senhora de Fátima, para jazigo no cemitério do Alto S. João.

SUFRÁCIOS

D. Maria do Carmo Fragoso Carmona

Para recordar o 4.º aniversário da morte de D. Maria do Carmo Fragoso Carmona, sua família mandou celebrar hoje missa de sufrágio por sua alma, na igreja dos Mártires.

A missa foi oficiada pelo rev. Pedro Gamboa, na capela-mor, e a ela assistiram, além das pessoas de família da extinta, numerosas pessoas de várias categorias sociais.

Cento e dez mortos e sessenta desaparecidos nas inundações do Brasil

RIO DE JANEIRO, 12. — Recebeu-se hoje a informação de que, nas zonas inundadas do Brasil, registaram, pelo menos, 110 mortos, 60 desaparecidos e centenas de feridos. Muitas casas — perto de um milhar — foram destruídas pelas águas, devido às chuvas torrenciais que caíram nos últimos cinco dias. Os prejuízos materiais calculam-se em 1.500.000 de contos, em moeda portuguesa.

Milhares de pessoas ficaram sem lar nos Estados da Bahia, de Minas Gerais, do Espírito Santo, do Rio de Janeiro e de Pernambuco.

O caso da camioneta caída ao Tejo

O agente Angelo Cerqueira, da Polícia Marítima concluiu a preparação do processo relativo ao caso da camioneta que há duas semanas caiu ao Tejo em frente de Belém, o que motivou a morte de dois homens. Assim, através da acareação de alguns tripulantes do vapor «Ribatejense» e no desenrolar das diligências efectuadas, nas quais prestaram declarações o motorista e o ajudante de uma outra camioneta que na ocasião do desastre, seguia no mesmo navio, a Polícia Marítima chegou à conclusão de que o principal culpado do desastre foi o motorista Rui Pereira. Foi ainda apurado que a camioneta tinha o motor a trabalhar e que, portanto, não podia estar «engatada» em qualquer mudança. Desvaneceram-se ainda as dúvidas quanto ao número de calços colocados sob as rodas. A P. M. concluiu que, no momento do desastre estavam colocados dois calços nas rodas traseiras e um outro numa das rodas da frente. Ficou ainda esclarecido que, no momento em que o navio se pôs em movimento, aquele veículo rolou, não tendo o motorista conseguido travar o veículo.

O presidente Kubitschek de Oliveira ordenou que fossem imediatamente socorridos os habitantes das regiões inundadas, tendo partido já diversos aviões militares carregados com alimentos e roupas.

O Estado de Espírito Santo foi o que mais sofreu com as inundações. Só em Porto Alegre, foram já recolhidos quarenta e nove cadáveres, e o número de desaparecidos é superior a cinquenta.

O número total de mortos deve ser superior a duzentos e sessenta quando as águas descenderem e possam ser recolhidos os corpos que actualmente se encontram atolados na lama, se fará a contagem geral. — (A. N. I.).

ANANASES

(ou abacaxis?)

a trinta centavos!

JOANESBURGO (África do Sul), 12. — Os cultivadores de ananases da Zuzulandia convidam toda a gente a ir colher às suas propriedades os saborosos frutos sem pagar um centavo.

O produtor D. H. Price declara que tem vinte e quatro mil ananases para oferecer, visto que no mercado de Joanesburgo há tal abundância daqueles frutos, que não lhe pagam mais do que o equivalente a 30 centavos por cada um. Por isso prefere oferecê-los, a ter que os vender por tão ridículo preço.

Price acrescentou que em Roma e Zurich os ananases estão a ser vendidos a mais de 100 escudos cada um e que eu na Europa disser ao povo que sou um cultivador de ananases, consideram-me milionário. — (A. N. I.).

O PORTO pelo telefone

O tempo tende a normalizar-se

PORTO, 12. (Pelo telefone). — A barra do Douro, que há 3 dias se encontrava fechada à navegação, já registou hoje movimento de entradas e saídas. No entanto, as traineiras da pesca de arrasto continuam abrigadas em Leixões.

O nível das águas do Douro, na Régua, continua a ser de cinco metros, e a sua corrente é muito forte, pelo que a pesca do sável está suspensa com grande arrelia dos apreciadores daquele saboroso peixe.

Comissão Inter-Hospitalar do Porto

Com a presença do director-geral da Assistência, dr. Agostinho Pires, reuniu-se esta manhã no Hospital de S. João a Comissão Inter-Hospitalar do Porto. A reunião que se prolongou para além do almoço, assistiram os presidentes da comissão administrativa deste último hospital de S. João e o seu director clínico, o provedor e director do Hospital-Geral de Santo António, bem como todos os provedores e directores dos Hospitais Sub-regionais da Zona Norte.

Formações Sanitárias da Cruz Vermelha

Sob o comando do tenente Carlos Guedes Vaz, comandante do 2.º Grupo Ambulâncias das Formações Sanitárias da Cruz Vermelha do Porto, efectua-se amanhã, pelas 10 horas, uma formatura geral dos alistados naquela unidade, para apresentação do residente da delegação coronel de engenharia e professor universitário dr. Adriano Rodrigues, que há tempo foi empossado naquele elevado posto pelo presidente nacional da instituição, prof. Castro Freire.

Doenças súbitas e mortais

No Hospital de Santo António, para onde foram conduzidos, por

UM ARGUMENTO

«FUNDAMENTAL»

vai servir de base

a novo recurso

de Caryl Chessman

SAN FRANCISCO, 12. — Será iniciada uma nova acção a favor de Chessman, a qual se baseará num «argumento fundamental» que poderá resultar na anulação da sentença de morte — declarou à imprensa, depois de conferenciar com o condenado-escritor, o advogado George Davis.

Davis esclareceu que a acção seria posta a correr, provavelmente, na próxima semana, e que Chessman lhe declarara não estar interessado em qualquer procedimento judicial «absurdo ou destinado pura e simplesmente a adiar a sua execução».

«Chessman disse-me que preferia que o deixassem em paz por agora, a não ser que eu tivesse algo de fundamental a sugerir-lhe — continuou Davis. — Expliquei-lhe então a minha ideia e ele ficou impressionado. E qualquer coisa de fundamental».

Embora não tenha perdido as esperanças Chessman encontra-se «muito carrancudo e agreste» — disse Davis. — (A. N. I.).

NOVOS DIRIGENTES

da Sociedade de Geografia

A assembleia geral da Sociedade de Geografia, que apreciou o relatório da gerência do ano findo, elegeu os novos corpos directivos, nos quais se incluem os nomes dos srs. profs. drs. Rui Enes Ulrich e Adriano Moreira, actual subsecretário de Estado da Administração Ultramarina. Ficaram assim constituídos os novos corpos gerentes.

Direcção — Srs. prof. Rui Enes Ulrich, presidente; prof. António de Almeida, dr. Júlio Gonçalves, prof. Adriano José Alves Moreira, Alvaro de Melo Machado, coronel António José Caria, prof. António de Medeiros-Gouvêa, prof. João de Carvalho e Vasconcelos, comandante João de Figueiredo, almirante Luís António de Magalhães Correia, general Luís Augusto Ferreira Martins, dr. Manuel Martins Corrêa Gonçalves, eng.º Manuel Montherroso Carneiro, juiz dr. Rodrigo Franco Afonso e dr. Vítor Manuel Braga Paixão.

Comissão revisora de contas — Srs. juiz dr. António da Maia Malta, eng.º D. João de Saldanha Oliveira e Sousa (marquês de Rio Maior) e major Manuel Maria Pimentel Bastos, efectivos; e António de Carvalho Ivo e dr. José Luís Ferin Dias Pinheiro.

serem acometidos de doença súbita, faleceram os srs. Constantino Martins Maia, que aparenta 20 anos e é natural de Vila do Conde; e o menor de 4 anos, Delfim Carlos Ferreira, residente na Travessa do Monte de S. João, 261.



CORONEL
FERNANDO AUGUSTO
DA CÂMARA LOMELINO
FALECEU

Antonieta Ferreira de Sousa da Câmara Lomelino, seus filhos, Fernando José da Câmara Lomelino e José Justiniano da Câmara Lomelino e Maria Beatriz Isabel Rocha da Câmara Lomelino, Sulpício Lomelino Ferreira de Sousa, esposa e filhos (ausentes), Ermigilda Ferreira de Sousa da Câmara Lomelino e filhas (ausentes), João Afonseca Teixeira, esposa e filhos (ausentes), Bemvinda Azevedo da Câmara Lomelino e filhas (ausentes), e mais família, participam que foi Deus servido chamar à Sua Divina presença o seu muito querido marido, pai, sogro, cunhado, tio e parente, e que o funeral se realiza amanhã às 12 horas da Igreja do Santo Condestável, para jazigo no cemitério da Ajuda.

AGÊNCIA BARATA



Artur de Sousa Lima
FALECEU

Confortado com os sacramentos da Igreja

Ermelinda Carreira de Sousa Lima, Maria Madalena de Sousa Lima Bernardes, seu marido António José Bernardes, Teresa Maria de Lima Garcia Barroso da Fonseca, seu marido João Luís Barroso da Fonseca e filhos, Manuel António Lima Garcia e mais família participam que foi Deus servido chamar à sua Divina Presença, o seu muito querido marido, pai, sogro, avô, bisavô e parente e que o funeral se realiza amanhã, às 15 horas, da Igreja de Nossa Senhora de Fátima, para jazigo de família no cemitério do Alto S. João.

P. N. A. M.

AGÊNCIA BARATA



Francisca da Fonseca Amaral
FALECEU

Alda Amaral Santos Rego marido e filha, Rui Fonseca Amaral mulher e filhas, Manuel Fonseca Amaral e mulher (ausentes), Dr. Lídio Fonseca Amaral mulher e filhos e mais família cumprem o doloroso dever de participar o falecimento da sua extensa mãe, sogra, avó e parente e que o seu funeral se realiza amanhã, pelas 11 horas da Igreja S. João de Brito para o cemitério do Lumiar.

AGÊNCIA MEGA



João Antunes de Carvalho
FALECEU

Amélia Teixeira de Carvalho, Helena Teixeira de Carvalho, Agostinho Antunes de Campos Carvalho e sua mulher, José Antunes de Carvalho e sua mulher, Virgílio Antunes de Carvalho, sua mulher e filhos, Clara Antunes de Campos Carvalho seu marido e filhos, Maria da Graça Antunes de Carvalho, Emília Teixeira do Couto, seu marido e filhos e mais família, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento de seu muito querido marido, pai, irmão, cunhado, tio e parente e que o seu funeral se realiza amanhã, às 15 horas, saindo da Igreja dos Anjos, para jazigo no cemitério dos Olivais.

AGÊNCIA MAGNO



João Antunes de Carvalho
FALECEU

REFINARIA PORTUGUESA DE AÇÚCARES, LDA., cumpre o doloroso dever de participar o falecimento do seu sócio-gerente, Ex.º Sr. João Antunes de Carvalho e que o seu funeral se realiza amanhã, às 15 horas, saindo da Igreja dos Anjos, para jazigo no cemitério dos Olivais.



João Antunes de Carvalho
FALECEU

LOBO, CUNHA & CARVALHO, LDA., cumpre o doloroso dever de participar o falecimento do seu sócio-gerente, Ex.º Sr. João Antunes de Carvalho e que o seu funeral se realiza amanhã, às 15 horas, saindo da Igreja dos Anjos, para jazigo no cemitério dos Olivais.



João Antunes de Carvalho
FALECEU

O PESSOAL DA REFINARIA PORTUGUESA DE AÇÚCARES, LDA., cumpre o doloroso dever de participar o falecimento do seu Patrão e bom Amigo, Ex.º Sr. João Antunes de Carvalho e que o seu funeral se realiza amanhã, às 15 horas, saindo da Igreja dos Anjos, para jazigo no cemitério dos Olivais.

(Continuação da 1.ª página)

e Báltico, e até no canal da Mancha. Não é um peixe das grandes profundidades, encontrando-se geralmente entre os cento e cinquenta e duzentos metros.

Regista-se nos mares frios maior riqueza de fitoplâncton e, ainda, um fenómeno especial, conhecido entre os biólogos por «explosões primaveris», devido a bruscas variações de temperatura. Tais explosões, seguidas de verdadeiras «tempestades invernaes», favorecem o desenvolvimento da flora marinha.

Devido às tais bruscas variações, os microrganismos da fauna e a flora marinha sofrem proliferações que não se verificam nos mares temperados e quentes.

As dificuldades do meio promovem o desenvolvimento, obstaculizando o aparecimento de acentuados estados degenerativos.

O bacalhau é, entre os peixes de consumo, aquele que mais beneficia deste conjunto favorável de condições ecológicas, auferindo assim, através da fauna e da flora enriquecidas, preciosos tesouros marinhos.

Os peixes das águas árticas alimentam-se de plâncton não poluído, isto é, de plâncton criado e desenvolvido em águas menos atingidas e infectadas, com índices quase nulos de radioactividade.

Tão usado e consumido nos países do norte e ocidente da Europa, entre estes Portugal, Espanha e Itália, é um alimento plástico, rico em substâncias proteicas, indispensáveis e necessárias à estrutura e renovação dos tecidos orgânicos.

O bacalhau fresco, consumido nos países do Norte, contém dezasseis por cento de proteínas; o salgado e seco, mais popular nos países do Sul, vinte ou vinte cinco por cento. Calorias: 650 a 700 por quilo.

A carne dura e difícil de digerir e assimilar, quando não congelada, não ultrapassa os dezito por cento.

As análises revelam: a existência de lisina, imprescindível ao desenvolvimento normal, sem soluções de continuidade; índices altos de metionina, a grande protectora da célula hepática, célula que geralmente se encontra lesada em consequência das acumulações de gorduras e dos pratos condimentados, ainda que saborosos...

O valor nutritivo do bacalhau é, a muitos títulos, superior ao da carne, sendo a digestão do primeiro menos penosa, mais fácil e agradável, sem consequências a distância.

São as gorduras existentes entre as fibras musculares da carne que retardam e dificultam a digestão, a evacuação gástrica e intestinal. O bacalhau alinha entre os peixes mais gordos devido a possuir unicamente cinco por cento de gorduras.

Desembaraçado da pele, constitui ótimo alimento, rico em proteínas que, em determinadas épocas do ano (quando o plâncton é mais rico), podem atingir vinte e cinco por cento. As lascas de bacalhau são inteiramente aproveitadas pelo organismo, que as assimila sem dificuldade. As línguas e as «caras» têm idêntico valor nutritivo. São saborosas e com elas se podem confeccionar pratos apetitosos, simples e variados.

Peixe magro (coeficiente de utilização digestiva igual a 96,9), possuindo vitaminas B¹ e B², pode e

TROMBA DE ÁGUA

ALJEZUR, 12. (Pelo telefone).—Uma tromba de água assolou esta povoação causando grandes prejuízos materiais por ter sido inundada toda a várzea. Foram destruídas várias casas, alguns barcos saltaram-se das suas amarras e, levados pelo mar, acabaram por se despedaçar. Os terrenos de culturas ficaram totalmente alagados e perderam-se diversos animais. Felizmente não houve a registar acidentes pessoais, embora tivesse estado em risco um pastor, que lutou com as águas para salvar o seu rebanho.

«DIÁRIO DE LISBOA»

Do sr. contra-almirante Paulo Viana, presidente da comissão organizadora das comemorações do «Dia da Marinha», recebemos expressivos agradecimentos pela colaboração que o «Diário de Lisboa» prestou às referidas celebrações.

deve entrar na confecção de muitas dietas (tudo depende dos dias que ficar de molho em água renovada) de convalescentes médicos e cirúrgicos, crianças e adolescentes, indivíduos depauperados, gastos ou necessitados de equilíbrio fósforo-cálcio.

Existe uma relação fósforo-cálcio que se torna mister manter vida fora, sendo porém mais importante tal equilíbrio nos primeiros anos de vida e, depois, até à puberdade.

São os peixes (a alimentação do homem deve ser rica em peixes, moluscos e crustáceos, vegetais, saladas e frutos) que ajudam a manter aquela relação (o cálcio sem fósforo não é assimilado pelo organismo, na opinião de Pierre Delore). Entre eles, o bacalhau ocupa, sem dúvida, o primeiro lugar.

Os sais de fósforo e cálcio que existem no bacalhau assimilam-se naturalmente. Convalescentes, grávidas, tuberculosos ósseos e pulmonares, velhos (osteoporose) e fraturados devem comer bacalhau várias vezes durante a semana.

Requíticos e tuberculosos (a noção de terreno voltou outra vez a prender a atenção dos biólogos e investigadores médicos), além propriamente do bacalhau, podem utilizar o seu óleo, rico em vitaminas A e D.

Trata-se igualmente de um ótimo alimento contra a fadiga (estado neuropatológico que preocupa psicólogos e neuropsiquiatras, mais acentuado nos climas tropicais e subtropicais), devido a conter oligoelementos (metais e metalóides em quantidades mínimas), cuja acção sobre as trocas celulares é notável.

Todas estas substâncias, as mesmas que se encontram na água do mar — o medicamento mais antigo que se conhece — são necessárias e assimilam-se com espantosa facilidade. Os peixes e a água do mar contribuem para a activação e equilíbrio da fisiologia do ser vivo, em especial do homem.

Possui o bacalhau, em doses apreciáveis, ácido glutâmico, mais conhecido pelo nome de «vitamina da inteligência». A percentagem em que se encontra é, mais ou menos, de catorze por cento: percentagem mais do que suficiente para estimular os centros nervosos superiores.

Como é do conhecimento de todos, o fígado contém (em quantidades apreciáveis) vitaminas A e D.

Os peixes, entre eles o bacalhau, são reservatórios naturais de magnésio. Cada cem gramas de bacalhau seco possui cinquenta miligramas (a carne só dispõe de trinta, o leite contém onze e o pão integral doze miligramas).

Segundo Pierre Delbet, cujas teorias (1925) estão outra vez na moda, os alimentos pobres em magnésio favorecem o aparecimento do cancro. O magnésio, na opinião de Delbet e colaboradores, seria anticancerígeno.

Foi um conhecido autor islandês que asseverou que o bacalhau tinha «sol no fígado».

As vitaminas A e D existem nas algas marinhas (vitaminas ou provitaminas). Os raios ultravioletas favorecem a síntese natural. O bacalhau alimenta-se de plâncton. As vitaminas armazenam-se no fígado.

A vitamina A auxilia o crescimento e a D regula a fixação fósforo-cálcio, indispensável ao desenvolvimento e consolidação do esqueleto.

O óleo não deve ser tomado sem indicação médica. Nem sempre é inofensivo, podendo ocasionar o endurecimento precoce das artérias, tal como a manteiga e os queijos gordos, inteiros. (Bruxelas, 1959).

O bacalhau é, pois, dos melhores alimentos de que o homem dispõe: ampara-o na adolescência, no estado adulto e na velhice. Cru ou cozido, às lascas, é um verdadeiro pitau. Salgado e seco a preceito, o fidelíssimo amigo é o mais saboroso dos peixes.

A. d'E.



A pele tem «sede»...

quando começa a enrugar e a perder a sua elasticidade.

Para apagar essa «sede» de juventude mais deve usar o **Creme NIVEA** que fornecerá à pele uma camada protectora que evita a desidratação.

Também o **Leite de Beleza NIVEA**, que é uma loção suave para a pele de todo o corpo, tem o poder de levar às células mais profundas a humidade indispensável para a conservação da sua beleza e frescura



Um aspecto da assistência á cerimónia religiosa, vendo-se á esquerda, o ministro do Exército

380 pupilos do Exército receberam hoje a comunhão na igreja de S. Domingos de Benfica

Como nos anos anteriores, teve grande solenidade a comunhão pascal colectiva dos alunos do Instituto Técnico Militar dos Pupilos do Exército, na igreja de S. Domingos de Benfica. Iniciou-se a cerimónia às 9 e 30, com a presença do ministro do Exército e de numerosas entidades oficiais, que enchiam por completo todo o transepto.

Os alunos e suas famílias completavam a lotação do corpo da igreja. Pouco antes da hora marcada para o começo do acto, chegou o sr. coronel Almeida Fernandes, a quem foram prestadas honras por uma companhia do corpo de alunos, em grande uniforme, com bandeira e guilão; e pela banda de musica de Caçadores 5, que executou o hino do Exército. Depois de lhe serem apresentados armas, o ministro do Exército, acompanhado pelo director do Colégio, sr. coronel Alfredo Ferreira Gonçalves, passou em revista a formatura, que desfilou em continência.

Aquele membro do Governo dirigiu-se em seguida para o templo, á entrada do qual o aguardavam os srs. generais Raul Martinho e Holbeche Fino, respectivamente, directores das Armas de Cavalaria e de Infantaria, coronel Jorge Oom; e major Palmeira Matos, em representação do Governador Militar de Lisboa.

Antes da comunhão, o celebrante realçou o significado do acto e fez uma breve explicação sobre a Eucaristia. No momento da allocução, os clarins tocaram a marcha de continência. Abeiraram-se enfim da sagrada mesa e receberam a comunhão 380 alunos.

A conservação da linha ferrea do Tua a Bragança

Com o pedido de publicação recebemos, da C. P., o seguinte esclarecimento acerca dos incidentes verificados na linha do Tua:

«Depois dos trabalhos ultimamente realizados, quer no que respeita a carris, quer no que respeita a travessas e balastro, a linha do Tua, até á estação de Brunheda (21 quilómetros), pode considerar-se em boas condições.

Na parte restante desta linha as condições são diferentes, porquanto não foi possível, bem contra vontade da Companhia, executar o programa de conservação e melhoramentos previsto, embora se tivessem renovado 18,5 quilómetros de carris desde 1956 e tenham sido substituídas nada menos de 30000 travessas no ano de 1959.

No troço de Macedo de Cavaleiros a Sortes, precisamente aquele onde se deram os ultimos accidentes, a linha está assente desde a sua construção em saibro argiloso, impermeável ás águas pluviais, que ainda não pôde ser substituído por pedra britada. Este trabalho, previsto no programa, não teve o desenvolvimento necessário devido á rigorosa e acentuada invernia nessa região. O encharcamento da camada de assentamento da via fez-se duma forma absolutamente invulgar originando um abaixamento anormal das condições de resistência da linha, a que se devem atribuir os accidentes ocorridos.

Foram, porém, tomadas providências imediatas para acudir a esta situação anormal, desviando-se para aquele troço 13 000 metros cubicos de brita destinados á renovação integral, que, no entanto, prosseguirá também o mais rapidamente possível e para a qual já estavam distribuídos bastantes carris ao longo da linha. Estas medidas e a redução de velocidade permitiram dominar a situação».

boa; coronel Pedro Amadeu Fernandes Guerra, que representava o director da Arma de Artilharia; brigadeiro Raul Pereira de Castro, director do Colégio Militar, e outros convidados. Presentes também o sr. major Raul de Brito Subtil, subdirector dos Pupilos do Exército, e os componentes do corpo docente deste estabelecimento de ensino e oficiais ali em serviço.

Todos tomaram lugar no transepto do lado do Evangelho. No lado oposto sentavam-se, além da sr.ª Dr.ª Deolinda Ferreira dos Santos Fonseca, directora do Instituto de Odivelas, muitas senhoras das famílias dos professores e alunos dos Pupilos do Exército.

Assistiram também á missa muitos ex-alunos e representantes da Associação dos Antigos Alunos.

Junto do altar viam-se: do lado do Evangelho, a bandeira e o guilão do Instituto com a respectiva escolta; e, do lado da Epístola, uma pequena formatura de alunos devidamente armados.

Foi celebrante o sr. arcebispo de Cizico, D. Manuel Ferreira da Silva, acolitado pelos revs. Rui Correia Leal, capelão do Instituto dos Pupilos do Exército, e Alfredo Soares Gamacho, prior de S. Domingos de Benfica. Dois alunos ajudaram ainda o sacerdote durante a missa.

Antes da comunhão, o celebrante realçou o significado do acto e fez uma breve explicação sobre a Eucaristia. No momento da allocução, os clarins tocaram a marcha de continência.

Abeiraram-se enfim da sagrada mesa e receberam a comunhão 380 alunos.

Finda a cerimónia religiosa, foi servido o pequeno almoço numa das dependências daquele estabelecimento de ensino, assistindo á essa refeição o ministro do Exército, o arcebispo de Cizico e todas as demais personalidades presentes.

FOI HOMENAGEADO com um almoço

o sr. dr. Simões de Almeida

Na Estalagem de Castelo do Bode, propriedade da Hidro-Eléctrica do Zêzere realizou-se hoje um almoço de homenagem e despedida do pessoal daquela empresa ao sr. dr. João António Simões de Almeida, que deixou de exercer as funções de presidente do respectivo conselho de administração, por ter sido nomeado governador do Banco de Fomento Nacional.

Aos brindes usou da palavra o sr. eng.º Carvalho Xerez, director técnico da empresa, que se referiu á obra e á personalidade do sr. dr. Simões de Almeida, a quem o País, a Hidro-Eléctrica do Zêzere e todo o seu pessoal — segundo disse — ficam a dever os maiores benefícios.

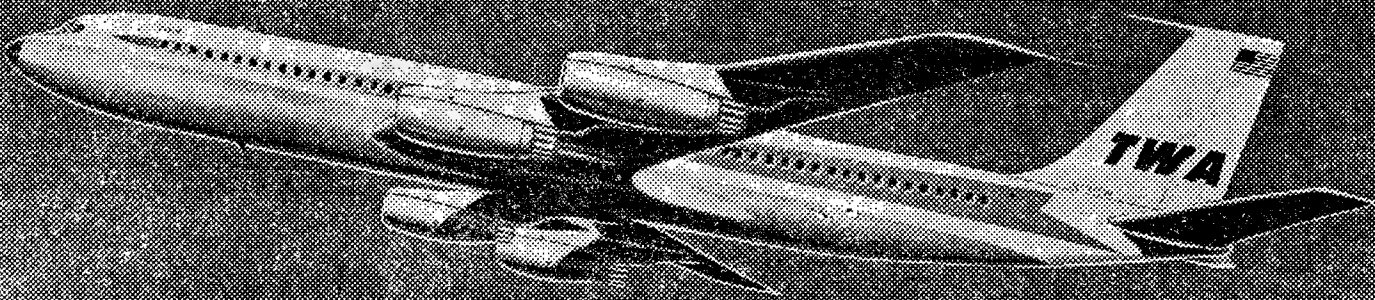
O sr. dr. Simões de Almeida agradeceu as palavras que lhe foram dirigidas e o valioso apoio, a alta competência e a profunda amizade que sempre encontrou da parte de todos os Serviços.

No final foi entregue ao homenageado uma artística e valiosa prenda oferecida por todos os empregados.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os COMBOS ELECTRICOS

BREVEMENTE...

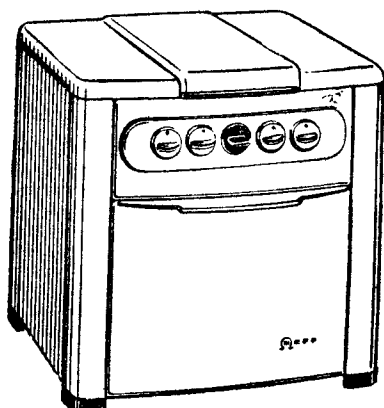


TWA INTERCONTINENTAL
BOEING 707
de LISBOA para a AMERICA
e dentro da EUROPA

Aproveite já os serviços
diários a JACTO de
Frankfurt
Paris
Londres
Roma
para Nova York
e dentro dos
Estados Unidos

CONSULTE O SEU AGENTE DE VIAGENS OU
AVENIDA DA LIBERDADE, 258 • TELEFONE 581 23 • LISBOA

TWA



O MELHOR FO-
GÃO ALEMÃO
A GAZCIDLA
E GAZ HULHA
Economia incomparável

4 QUEIMADORES
FORNO COM TERMOSTATO
MODELOS COM GRELHADOR

A VENDA NOS BONS ESTABELECIMENTOS

IMPORTADORES:

ELMA, LDA.
LISBOA e PORTO

SOCIEDADE NACIONAL
DE HABITAÇÕES ECONÓMICAS
COOPERATIVA

R. LUCIANO CORDEIRO, 113-7. — LISBOA

ENTREGA DE MORADIA

Comunica-se que amanhã, domingo, pelas 10 horas, em Nova Oeiras, na Rua «G», se procederá à cerimónia da entrega aos associados Ex.º Sr. D. Maria Helena de Moura Neves Xavier Amorim e Ex.º Sr. Eng.º Eduardo da Conceição Amorim Junior da moradia que esta Cooperativa para eles construiu no referido local.

XI VOLTA A PORTUGAL EM AUTOMÓVEL

HANSA 1100

OBTEVE NESTA DURÍSSIMA COMPETIÇÃO
AS SEGUINTE CLASSIFICAÇÕES:

Grupo Turismo
(4.ª classe)

1.º HANSA — Tripulado pelo Exmo. Sr.
MANUEL VALENTE DA CRUZ
(8.º da Classificação Geral)

2.º HANSA — Tripulado pelo Exmo. Sr.
JOSÉ PEREIRA CASAL

*

Representantes Exclusivos para Portugal

AMÉRICO RODRIGUES, LDA.

Avenida Fontes Pereira de Melo, 25-A — Lisboa — Tel. 55238

Assembleias gerais
Casa do Distrito de Coimbra

A assembleia geral da Casa do Distrito de Coimbra, que, devido à hora tardia, teve de ser interrompida no passado dia 8, prossegue no próximo dia 14, para apresentação de contas e eleição de novos corpos gerentes.

CHÁ DE HAMBURGO

ALEMÃO GENUINO

Acreditado, há decénios, nas afecções das vias digestivas,
biliares e urinárias
À VENDA NAS FARMÁCIAS

TEATROS E CINEMAS

«Macbeth», de Verdi, em S. Carlos

Reconhecemos que foi um esforço titânico, mas não deixou de ser, para nós, extravagante esta estreia da sucultana ópera italiana que se segue às óperas de várias nacionalidades, na mesma temporada de S. Carlos. Já nos referimos à variedade, cada vez mais acentuada, que se verifica no plano, e na realização das referidas temporadas; e dentro desta variedade, surge-nos agora um «Macbeth», ainda um pouco de Shakespeare e já muito de Verdi, mas obra de fraca estrutura, apesar de excessivamente espectacular, e que, justamente, por guardar ainda alguma coisa do genial dramaturgo inglês, requer, com intérpretes de elevada craveira teatral (sem emitir os recursos vocais), uma encenação mais eficiente do que a montagem de quadros vivos e uma composição de cena em que o estilo não tem tudo que ver com a fantasmagoria.

Como música, a ópera «Macbeth» tem muitos coros e cenas de conjunto que são bastante felizes, bons efeitos de orquestra, sem atingir o genial, alternados com passagens do mais corriqueiro gosto, que não poupam a austeridade do velho rei Duncan (personagem muda) nem a grandiosidade das reivindicações patrióticas; acrescentemos que tem um tratamento especial para os papéis de barítono, isto é, não só para o protagonista mas também para a sua vítima, «Banco», e em parte, para o papel feminino central, «Lady Macbeth», de grandes responsabilidades, que também paga um tributo, mais restrito esteticamente, mas sobrecarregado de exigências, em árias de virtuosidade pela virtuosidade. Nem é compreensível que Verdi tenha escrito (segundo relata João de Freitas Branco na sua brilhante apresentação da ópera no programa): «eu não desejaria de todo que Lady Macbeth contasse... a voz de Lady Macbeth deveria ser dura, abafada e escura...» Como pode a desgraçada Lady desentranhar-se em notas sobreagudas, em passagens de alta virtuosidade e em trinos, com uma voz «dura, abafada e escura»? Podemos pensar, é claro, que Verdi dava razões artificiosas, pois tratava-se da distribuição do papel. Seja como for, a cena da loucura de «Lady Macbeth», que devia ser capital, dramaticamente, fere-nos com uma voz clara e uma linha melódica lírica, quando esperávamos uma linha vocal brava e uma voz de tragédia. Mas se considerarmos que a ópera «Macbeth» pertence à primeira fase do compositor, antecedendo a famosa trilogia popular: «Ri-

(Continuação da 4.ª página)

nicativa, boa presença, Paula Ribas é uma verdadeira cantora de «boite» que pode ir longe com o seu escolhido repertório internacional.

Apresentou-se, também, nas suas toadas brasileiras o «Conjunto sem nome», que conquistou fartos aplausos. Estes dois números do programa do Casino, exibem-se também no «Terraço das Estrelas» do Hotel Embaixador.

Coliseu

Um número de sensação—tours bravos amestrados. Um cartaz arrebatador. Hoje, às 21,30



O Coliseu é a casa dos prodígios. A grande temporada de circo prossegue com uma magnífica companhia. Um elenco sensacional. Tours bravos amestrados das planícies da Andaluzia, domados por Manuel Rueda. Lisboa vibra de emoção. Os reis do riso — Kinito, o homem-espectáculo, e os Chabris, subtis «clowns» belgas. Uma revelação: os Krik-krak, fantasistas, mímicos. Cor. Vibração. Movimento! Esta noite às 21 e 30, podem assistir ao espectáculo crianças (maiores 6 anos).

goletto», «Trovatore» e «Traviata», estamos pronta a admirar o que a partitura nos revela para as futuras afirmações de génio de Verdi, e a compreender que lhe cabe um lugar num conjunto histórico de representações do autor do «Falstaff».

Deviam desempenhar altíssimos cargos na apresentação desta ópera, (há tanto tempo não cantada em S. Carlos que a sua complicada montagem representava absolutamente uma novidade) o maestro Vittorio Gui e o barítono Tito Gobbi. Impossibilitados um e outro de cumprir com o que estava combinado, foram substituídos pelo maestro Carlo Felice Cillario e pelo barítono Paolo Silveri. A montagem, de efeitos surpreendentes e novos com o emprego de projecções luminosas de imagens, teve como responsável Enrico Frigerio, mas não devem ter faltado sentenças acessórias, sem contar com as reservas que formulamos diante da irrisória sugestibilidade do processo. São mais felizes os fundos de cena (Furiga), associados ou não à fantasmagoria chamada a desempenhar um papel preponderante na sua participação com as bruxas e os bruxedos. O que nos limita o papel visual neste pormenor são as desproporções de não sabermos que cálculos, reduzindo personagens que deviam ser gigantescas a títeres de aparência microscópica. E o timbre nasalado aconselhado ao formigueiro das bruxas, por sua vez, transforma-se numa algaraviada infantil. Estes «bonitos», anunciados no 1.º quadro do 1.º acto, que funciona um pouco como um prólogo, condensam-se no 3.º acto, formado por um único quadro intercalado nos numerosos quadros do 2.º e do 4.º actos. Houve nesse 3.º acto, que se arrasta e alonga inutilmente no fim, e em que a música é simpática sem mais, um bonito efeito de corpo de baile; a solista, Violette Quenelle, não muito firme quando se trata de nos dar o que chamaremos «estilo de retitativo», toma brilho e firmeza quando pode utilizar afoitamente o vocabulário corrente.

Os coros (Pellegrini assistido por Pasquali) tiveram em toda a ópera uma das suas noites gloriosas, livres do alemão, do francês... e do português (que não pode ser tratado com boa vontade apenas — se a houver? e a ingénua afirmação de que é a língua pátria). Com que deleite compuseram a cena e cantaram, entre outros coros, a muito bem sucedida passagem alusiva à pátria oprimida.

Importa falar agora dos cantores solistas. Para «Lady Macbeth» ouvia-se pela primeira vez em Lisboa e com grande regozijo do público, a soprano da nacionalidade arménia Shakhé Vartessnian, que tem de facto qualidades admiráveis como cantora de timbre perfeitamente tratado e escola primorosa, uma bela máscara como actriz e um reduzido jogo de atitudes. Independentemente de não ter sido inteiramente feliz no remate do seu tremendo papel, notamos que poupa o seu registo grave, o que não temos de censurar-lhe, apesar da falta que resulta desse pormenor.

Paolo Silver, tem qualidades de voz e de presença cénica para o seu papel de «Macbeth», o que é muito, ou pouco, segundo o critério de quem o ouve. Paolo Washington agradou-nos mais no papel, de resto não tão transcendente, do general «Banco». Não sabemos se é da rubrica, ser assassinado nos bastidores, no entanto não era falta de sicários, que já se tinham apresentado em cena e muito bem parmentados. Também o dueto final de «Macbeth» com «Macduff» tem o seu epílogo nos bastidores...

Deram excelente conta de si nos seus pequenos mas atraentes papéis, Mirto Picchi, «Macduff», e Mariano Caruso, «Malcolm», o mesmo se pode dizer dos pequenos apontamentos de Iole de Maria e Alvaro Malta.

O maestro Carlo Felice Cillario tem o pulso bem italiano; os agra- ves entre cena e orquestra são bem camuflados, excepto na Fuga, — que é de verdade um esboço importante e bem empregado da forma fuga — no último quadro. Mas são sempre um gosto e uma tranquilidade a precisão dos ataques, em geral, o franco dinamismo, e a expressão calorosa da linha melódica.

Desta vez, não há resumo de considerações para esta representação, em que tanta coisa boa é de si resumida, e, em conjunto, resulte estranha e frouxa.

FRANCINE BENOIT

«LUCY CROWN», NO S. LUIZ

Desde logo, o Festival de Teatro Parisiense que o S. Luiz se propôs promover este ano, se anunciou como um desfile de vedetas — havendo nisto, de facto, o cuidado de escolher das melhores — sem a preocupação de nos dar um panorama válido, necessário, e quase diríamos indispensável, do teatro francês contemporâneo. Assim, depois de termos podido aplaudir Jacques Dumesnil, Pierre Blanchard, Danielle Delorme e Yves Robert, deu-nos agora o ensejo de ver Edwige Feuillère e Yves Vincent, e quanto esperamos por Pierre Brasseur e Pierre Dux. Como veículo para as excepcionais qualidades de Edwige Feuillère e Yves Vincent tivemos uma peça sem interesse, resultado de uma inútil adaptação do romance «Lucy Crown», de Irwin Shaw, por Jean-Pierre Aumont. Quanto mais delicioso não teria sido ver Feuillère a servir e não a servir-se, de uma grande obra, que as há no seu longo repertório, e que vai desde «Phédre», de Racine, a «Partage du midi», de Claudel! Mas «Lucy Crown» é apenas uma peça em folhetins sobre um romance em capítulos que parece querer narrar-nos com «suspense» um qualquer relatório psicológico. Uma certa crítica ao gosto psicanalítico de um determinado meio americano, que se esboça a dada altura da peça, não nos diz, afinal, que o autor encara com lucidez os erros e perigos que podem advir quando se equaciona em termos excessivamente científicos um complexo de paixões, pois acaba por cair neles. E' por isso, que os erros possíveis de um qualquer relatório clínico que se limitasse ao jogo simplista da causa-efeito são aqui bem menos suportáveis, pela maneira como dirigem e condicionam a acção. No entanto, «Lucy Crown», adaptada por um

actor que bem conhece o que são situações com rendimento teatral — rendimento no que respeita a conquista do público pelo actor — e recheou a sua peça de pequenos climaxes que atraem irresistivelmente o espectador, transforma-se num verdadeiro jogo de malabarismos por parte dos actores. Edwige Feuillère e Yves Vincent, sobretudo este último, mais bem situado para a personagem, ofereceram-nos com uma magnífica sobriedade duas interpretações exemplares em que testemunham o mais perfeito domínio da sua arte. Nada é deixado ao acaso e o actor conhece bem a eficiência da sua acção e controla-a, dirige-a no sentido exacto. Yves Vincent e Edwige Feuillère, no 2.º acto, são notáveis de poder convincente e emocional. Dos restantes intérpretes, todos eles acertados, merece especial referência Jacques Verlier em «Jeff», de quem não chega a fazer que foi um digno par para Feuillère, pois conseguiu mesmo uma actuação ao seu nível. A sua juventude, a fazer lembrar Gérard Philipe, deverá ainda dar que falar. O pequeno Michel Giannou é carregado com uma caracterização patológica talvez inútil. A encenação de Pierre Dux, habilidosa, do mesmo modo que os cenários de Wahkevitch são engenhosos, foi também feita para servir os actores.

E agora que o S. Luiz deve ter a certeza, que já anteriormente deveria ser absoluta, de que estes espectáculos lhe valem sempre a pena, é de desejar que para o ano tenha já a coragem de não usar apenas de grandes vedetas, mas também de grandes obras. Porque para o Norte de Africa a França exporta também, e com justo orgulho, o seu melhor teatro e este, tal como outro, deve ser igualmente possível fazer chegar até nós. — J. E. S.

Nova companhia de circo, no Coliseu

O Coliseu é o lar do Circo. No prosseguimento de uma temporada triunfal que se desenrolou num clima apoteótico, o Coliseu apresenta ao seu público, o vasto e entusiasmático povo de Lisboa, uma companhia que é a reafirmação da fase renovadora que o circo atravessa. Constituída, na sua maioria, por artistas portugueses, a companhia possui, no entanto, uma excepcional qualidade. Tem os artistas portugueses de circo uma dívida de gratidão para com Américo Covões, que lhes permitiu apresentar-se em Lisboa, num autêntico festival.

Casa cheia. Ambiente de vibração. Companhia variada, possui motivos de interesse para todos, desde os palhaços aos trapezistas, dos cães às feras. Um numero de sensação é o dos touros bravos amestrados, de Manuel Rueda, feras trazidas das planícies de Andaluzia. Numa jaula, os animais obedecem a esse espantoso domador, de músculos de aço. O público aplaudiu, caloroso, com um entusiasmo cheio de nervosismo.

A contorcionista Anabela revelou-se flexuosa, ágil, movendo-se como uma serpente, construindo figuras insólitas. Como ela, Mimi Codonis, trapezista na linha de Pinito del Oro, arrancou a multidão as mais entusiasmáticas ovações, num numero arrojado.

Os Krik-Krak incendiaram o Coliseu. Poucas vezes assistimos a um triunfo deste tipo. O público consumiu-os, na noite de ontem. Os Krik-Krak são a personificação da comicidade. A mimica é a essência da comicidade. Sem uma palavra, os Krik-Krak falam pelos cotovelos. A sua linguagem é a mais clara e a mais incisiva. Os Krik-Krak, nas suas caricaturas e nos seus «sketchs», romperam as barreiras e provocaram um riso inteiro, pleno, triunfal.

«Los Trianas» é um «ballet» internacional que tem o demónio do ritmo. A Espanha ardente, total, excessiva, dança na pista do Coliseu. Duas parelhas de palhaços, Emiliano e Kinito e os Chabris, são as máscaras de alegria desta admirável companhia. Kinito regressa. E' um artista inesgotável. O público exige-o. Sempre novo, com uma personalidade rica e uma imaginação poderosa, Kinito rivaliza seriamente com os magníficos Chabris, no contraste de uma ironia toda portuguesa, ruidosa e fácil, com o humor belga, subtil e construído.

Os Faz-Todos, Luciano, Zelly, Steck, Roque, Bengala, Pinguim, Lorador e Lucy são gnomos, trocistas e infatigáveis que fecham todas as brechas do espectáculo. Como ontem, o público não deixará de

aclamar uma Companhia que está à altura desta temporada apoteótica. — P.

Os manos Alexandres

na Rditelevisão Portuguesa

O popular conjunto de harmónicas vocais «Os manos Alexandres» apresenta-se amanhã, à noite, na Rditelevisão Portuguesa. Nesta sua actuação, os simpáticos artistas, cuja fama já passou além-fronteiras, interpretarão os quatro arranjos musicais que constituem o ultimo disco que gravaram.

Conferências

Na Associação de Estudantes de Medicina Veterinária

O dr. Raul Calado proferiu hoje, na sede da Associação dos Estudantes da Escola Superior de Medicina Veterinária, uma conferência sobre musica de «jazz», no decorrer da qual evocou as figuras mais representativas da evolução daquela modalidade. Assistiram muitos alunos e alguns professores daquele estabelecimento de ensino superior.

No Instituto Superior Técnico

Por iniciativa dos directores do Instituto Superior Técnico e do Instituto Alemão em Lisboa, o professor Walter Georgii, presidente do Instituto de Investigação Aeronáutica de Munique proferiu nos dias 14, 15 e 16 do corrente, às 21 e 30, naquele estabelecimento de ensino, três conferências intituladas, respectivamente: «A física da «Jet Stream», na Aeronáutica»; «A importância da «Jet Stream» na Aviação Militar»; e «A importância da «Jet Stream» na Aviação Civil».

No Secretariado Nacional da Informação

No próximo dia 15, às 18 e 30, efectua-se, no Teatro do Secretariado Nacional da Informação, a 16.ª conferência do ciclo promovido pela Secretaria de Estado da Agricultura sobre os aspectos agrícolas, florestais e pecuários do 2.º Plano de Fomento. Será conferente o engenheiro-silvicultor José Luís Calheiros e Meneses, que falará sobre «Imperativos do fomento florestal».

Recintos de diversões

Na festa do «Grupo Sector 1», que se efectua em 3 de Abril, pelas 15 e 30, no Salão Luso, será convidado de honra o cantor Alfredo Duarte (Marceneiro).

— E' amanhã que, no «Cantinho da Saudade», propriedade do cantor António dos Santos, se efectua um almoço de vários aficionados do fado, Augusto Vinto, Jaime Viela, Eduardo da Luz, João dos Santos e Fernando Igrejas, que vão fundar um novo agrupamento para divulgação do fado, com fins benéficos.

Cantor de «rock»

condenado a cinco anos

ST. LOUIS (Missouri) 12.—Charles («Chuck») Berry, um cantor do «Rock'n'roll», foi condenado à pena máxima de cinco anos de cadeia e multado em 5.000 dólares (cerca de 140 contos), por um tribunal desta cidade, acusado de ofensas a uma rapariga indí, de 14 anos. — (R.).

HOTEL VALE DE LOBOS

Domingo, 13 Março 1960 — Das 16 h. às 20 h.

GRANDIOSA EXIBIÇÃO DO CONJUNTO «OS BAMBINOS»

que além dos números de atracção do folclore Nacional executarão música de baile

Maiores de 15 anos

Informações e reservas — Telef. 094846 e 094843

Solar da Hermínia



Largo Trindade Coelho, 10—Lisboa
Telef. 20164 — (Maiores 17 anos)

Hoje e sempre HERMINIA SILVA cantarà para o seu querido público às 11 e 1 hora da madrugada, à frente de um grandioso elenco.

Esmerado serviço de restaurante
Marque a sua mesa pelo Telef. 20164



O subsecretário da Educação foi festivamente recebido na Escola Patrício Prazeres

O subsecretário da Educação

almoçou com os alunos da Escola Patrício Prazeres

A Escola Patrício Prazeres realizou um almoço de confraternização entre os alunos e corpo docente. A festa integra-se nas comemorações henriquinas.

Tomaram ainda parte no almoço o sr. subsecretário de Estado da Educação, dr. Rebelo de Sousa, o director-geral do Ensino Técnico, dr. Carlos Proença e o director-geral do Ensino no Ultramar, dr. Braga Paixão que se fazia acompanhar do adjunto dr. Oliveira Boléo. Ao chegar, o sr. subsecretário de Estado passou por entre alas de alunos fardados da Mocidade Portuguesa e de alunas nas suas batas brancas. No átrio do edifício o director, dr. Benjamin Gonçalves, apresentou todo o corpo docente.

O almoço efectuou-se no refeitório e decorreu no meio da maior animação. Um grupo de alunas cantou algumas canções alusivas à época das comemorações. Outro grupo de alunos leu versos em crioulo e concanin, dedicados ao director-geral do Ensino no Ultramar. Outro grupo recitou um poema da autoria do professor dr. Manuel da Silva, intitulado «A Voz do Infante».

No final houve trocas de saudações entre o director da escola e o director-geral do Ensino no Ultramar e o subsecretário de Estado da Educação.

UM CRIME

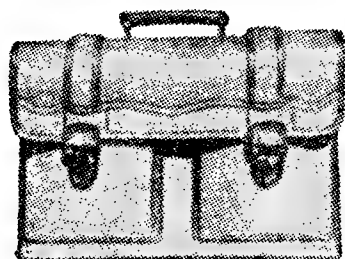
da «Mau-Mau»?

NAIROBI, 12. — A Polícia procura os autores de um triplo crime, praticado à maneira da «Mau-Mau», de que foram vítimas uma mulher indiana e duas crianças.

Um comerciante indiano, a mulher e três filhos viajavam de carro ontem à noite na estrada do aeroporto, quando foram assaltados a cerca de 180 quilómetros de Nairobi, por um grupo de Africanos armados com «pangas».

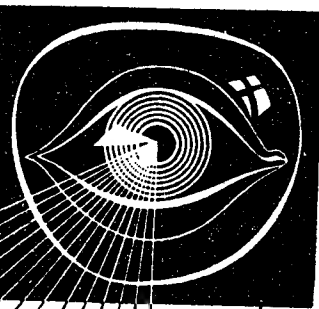
O comerciante correu para o mato e quando voltou encontrou a mulher e dois dos filhos mortos, com as mãos direitas cortadas, e o terceiro filho muito ferido. — (A. N. I.).

PASTAS



30 anos de fabrico todos os modelos fornece ao comércio A. Comprido — R. Madalena. 97

As boas lentes fazem a boa visão



...E uma visão nítida e confortável é indispensável à vida moderna!

LENTE COLORIDAS RAY-BAN E SOFT-LITE E LENTES BIFOCAIS DE VÁRIOS TIPOS COM A MARCA REGISTRADA BL

BAUSCH & LOMB

SINCE 1853

ENTREGAS RÁPIDAS — INFERIORES A UMA SEMANA

A VENDA NOS PRINCIPAIS OCULISTAS DO PAÍS

A conferência dos "Sete"

(Continuação da 1.ª página)

trabalhos de hoje era a conclusão do projecto, que ontem se começou a redigir, definindo a atitude que a E. F. T. A. deverá adoptar na reunião da comissão comercial (membros da O. E. C. E., mais os Estados Unidos, o Canadá e um representante da G. A. T. T.) que deverá realizar-se em Paris no dia 29 deste mês.

Outro ponto que tem de ser terminado hoje é a atitude da E. F. T. A. perante a reforma da O. C. E. E. que está a ser estudada por uma comissão de quatro «peritos». Os delegados salientaram que todos os países pertencentes à associação eram a favor da entrada dos Estados Unidos e do Canadá para a O. C. E. E., se possível.

Em fontes afectas à conferência diz-se que durante a sessão da manhã a questão das reduções tarifárias entre os Estados membros da associação tinha sido um dos assuntos discutidos, assim como a atitude da A. E. C. L. perante a reunião de Paris da comissão comercial. Esta manhã, eram ainda aparentes as divergências de opinião quanto às táticas a adoptar. Parece que a atitude britânica era a de que será melhor manter na reunião de Paris, o plano de acção da associação o mais flexível possível, a fim de permitir espaço suficiente para negociação e manobra.

Mas outros estados membros pretendiam um plano definido e exacto, estabelecendo inteiramente a extensão, data e expansão geográfica das reduções alfandegárias propostas.

Entreos sete países houve completo acordo quanto à redução de 20 por cento nas tarifas alfandegárias, que deverá ser posta em vigor no dia 1 de Julho. Mas novas reduções teriam de ser decididas depois da reunião de Paris.

A conferência foi suspensa às 12 horas (T. M. G.), sem que tivesse chegado a acordo sobre a atitude da E. F. T. A. perante a conferência de Paris.

Foi decidido recomençar as conversações ao fim da tarde.

As 16 horas (T. M. G.) deve ser concedida uma conferência de imprensa e, mais tarde, deve ser publicado um comunicado oficial. — (Reuter e A. N. I.).

ARCHIE MOORE

vai defender o seu título contra um pugilista alemão

SAN DIEGO, Califórnia, 12. — O pugilista norte-americano, Archie Moore, campeão mundial dos meios-pesados, assinou ontem um contrato para defender o seu título contra o alemão Erich Schoepner. O combate será disputado em Nova Jersey em 11 de Julho próximo. — (A. N. I.).

Adenauer chega esta noite a Washington

BONN, 12. — O chanceler da Alemanha Ocidental, dr. Konrad Adenauer, partiu hoje de avião de Bonn para uma visita de doze dias aos Estados Unidos.

Numa curta declaração, no aeroporto, o dr. Adenauer, dizendo que a sua viagem, incluindo a visita que fará depois ao Japão, «era politicamente muito importante», afirmou: «Por consequência penso que todos vós desejareis uma viagem feliz a mim e aqueles que me acompanham».

O ministro dos Negócios Estrangeiros, dr. Von Brentano, o filho mais velho do chanceler, Konrad, de 53 anos de idade e director de uma companhia de electricidade, e uma de suas filhas, a senhora Lotte Multhaupt, de 34 anos de idade, fazem parte da comitiva do dr. Adenauer.

Adenauer permanecerá nos Estados Unidos até 21 deste mês e, a caminho do Oriente, passará dois dias nas ilhas Hawai, para descansar. No Japão, conferenciará com o chefe do Governo nipónico, Nobusuke Kishi.

Ben Gurion chega a Nova York, vindo de Washington, na noite de domingo e o dr. Adenauer deve partir na segunda-feira, à tarde, para Princeton. — (R. e A. N. I.).

XI VOLTA A PORTUGAL EM AUTOMÓVEL

Mais uma grande vitória dos automóveis da



1.º GRUPO — VI CLASSE

2.º — MORRIS OXFORD

CONDUZIDO PELO EX.º SR. FERNANDO G. CARDOSO

2.º GRUPO — III CLASSE

1.º — MGA

CONDUZIDO PELO EX.º SR. LUIS FERNANDES

2.º — MGA

CONDUZIDO PELO EX.º SR. RUI MARTINS DA SILVA

4.º — MGA

CONDUZIDO PELO EX.º SR. JOSÉ BEJA E SOUSA

5.º — MGA

CONDUZIDO PELO EX.º SR. ANTÓNIO FERNANDO

Representantes

A. M. ALMEIDA, LDA.

AVENIDA DA LIBERDADE, 11, 11-A — LISBOA
RUA DE SÁ DA BANDEIRA, 501 — PORTO

BETONEIRAS

simples ou com guincho de 180 e 210 Lts.
accionadas por motores PETER



ALFREDO ALVES & C.ª (FILHOS)

Rua Academia das Ciências, 5 - Boqueirão do Duro, 38 - LISBOA
Praça D. João I, 25-1.º - Telef. 24771 - PORTO

HA TRINTA ANOS

O ministro da Agricultura, coronel Linhares de Lima, desmentia, no dia 12 de Março de 1930, o boato de que ir ser alterado o tipo único de pão, afirmando: «Pode o «Diário de Lisboa» publicar que, não só não penso em modificar o actual regime de fabrico de pão, mas que até estou tomando as necessárias providências para que as disposições da lei sejam rigorosamente cumpridas, por todos, evitando-se que alguns a interpretem a seu modo...»

PROGRAMAS DE RADIO

EMISSIONA — As 18: Notícias e danças; 18 e 45: Rádio rural; 19: Desdobramento; 21: Notícias; 21 e 20: Desdobramento; 23 e 45: Notícias. boletim meteorológico e fecho.

Programa A — As 19: Trechos de piano 19 e 15: Emissão infantil; 19 e 45: A Orquestra Kostelanetz; 20: Jornal sonoro; 20 e 15: Música de jazz; 20 e 30: Album musical; 21: Junção dos emissores; 21 e 20: Canções de Itália; 21 e 30: Ritos sul-americanos; 21 e 45: Serão para soldados; 23 e 30: Danças; 23 e 45: Junção dos emissores.

Programa B — As 19: Temas portugueses; 19 e 10: Cantata n.º 209, de Bach, pelo soprano Stich-Randall e a Orquestra de Ópera de Viena, dirigida por Anton Koller; 19 e 37: O violoncelista Maurice Gendron em peças de Fantasia, opus 73, de Schumann; 19 e 50: Notícias regional; 20: 8.º programa da série «Música popular de Israel»; 20 e 16: Música de câmara: Quarteto em ré menor («A morte e a donzela»), de Schubert; 21: Junção dos emissores; 21 e 20: Concerto pelo coro de S. Tomás de Leipzig, dirigido pelo maestro Ramin; 21 e 45: Tempo de poesia. 22: Sonata n.º 2, opus 100, de Brahms, para violino e piano, por Schneiderhan e Wührer; 22 e 20: Cartas a um músico desconhecido; 22 e 45: Que quer ouvir? Sinfonia n.º 5, de Tchaikowsky, pela Orquestra Sinfónica de Bamberg, dirigida por Hollreiser; e a «Cantata Religiosa dos Provérbios», de Milhaud, com Helena Bouvier, Janine Michant e Claudine Collart; 23 e 45: Junção dos emissores.

RADIO CLUBE — As 17 e 30: Alfarrábio; 17 e 46: Teatro para brincar; 18 e 5: Mick Michell; 18 e 45: Baile; 19: Orquestras e canções; 20 e 15: Apontamento do dia; 20 e 30: Motivos portugueses; 20 e 30: Onda desportiva; 21: Solistas; 21 e 30: Língua portuguesa; 21 e 50: Curso de língua inglesa; 22: Baile; 22 e 15: Brasil; 22 e 30: Cultura espanhola; 22 e 45: Canções; 23: Concerto, programa de divulgação; 23 e 30: Mário Lanza; 23 e 45: Notícias; 2: Fecho.

Estação de Miramar — As 17 e 50: Viagens na nossa terra; 18 e 18: Canções; 18 e 30: Cantos e recantos de Portugal; 19: Palestra de língua portuguesa; 19 e 15: Motivos portugueses; 19 e 30: Trechos de operetas; 20: Boletim informativo; 20 e 10: Variedades; 20 e 30: Curso de língua inglesa; 20 e 40: Vida desportiva; 21: Notícias; 21 e 15: Um artista; 21 e 45: Brasil; 22 e 15: Intermédio musical; 22 e 30: Artistas portugueses; 23: Trechos recreativos; 23 e 30: Variedades; 0: Baile.

RADIO RENASCENÇA — As 18: Música ligeira; 18 e 30: Migalhas doutrinais; 18 e 30: Terço e bênção; 19 e 5: Boletim religioso; 19 e 10: Sobre os ramos da azinheira; 19 e 25: Leitura do programa e boletim do S. C. R.; 19 e 30: Chuva de estrelas; 20: Música para o seu jantar; 20 e 30: Notícias; 20 e 55: Meditando; 21: Encontro com o jazz; 21 e 30: Fados; 21 e 40: Rádio Rural; 22 e 5: Quando o telefone toca; 22 e 35: Música de Vitor Young; 22 e 50: Notícias; 23: A 23.ª Hora.

POSTOS CENTRALIZADOS — Das 19 e 30 às 22: Voz de Lisboa; das 22 às 2: Clube Radiofónico de Portugal.

TELEVISÃO

Hoje, às 20 e 30, abertura; 20 e 32, telejornal; 20 e 50, programa juvenil: «Juventude no Mundo» e «Fury, o cavalo selvagem»; 21 e 30, «Vinte minutos de jazz», com a colaboração do octeto de Jorge Costa Pinto, realização de Bessa de Carvalho; 21 e 50, «A verdade acima de tudo», programa da série «Uma estrela e uma história»; 22 e 20, actualidade desportiva; 22 e 40, telejornal; 22 e 55, «Naquele tempo...», pelo cónego dr. António dos Reis Rodrigues.

FARMACIAS DE SERVIÇO

TURNO L — Marques — E. de Benfica, 648, T. 780096; Sousa — Estrada de Benfica, 429-431, Tel. 780027; Aguiar — Avenida Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A, Tel. 764629; Leal de Matos — Rua Neves Costa, 33-35, Carnide, Tel. 780181; Alameda — Alameda das Linhas de Torres, 201-B — Tel. 790942; Rainha Santa — Rua Afonso Lopes Vieira, 57-B — junto à Avenida Brasil — Tel. 765262; Farmácia — Estrada da Portela, 5-A (a Alvalade — Pote de Água Tel. 710131; Universitária — Rua U. 29-D — Bairro Santos (Próximo ao Hospital de Santa Maria) T. 778953; Cartaxo — Avenida da Igreja, 21-C, Tel. 776358; Avis — Avenida de Roma, 56-B/C, Tel. 776070; Nova Lisboa — Rua Guilhermina Suggia, 12, Tel. 727721; João XXI — Avenida João XXI, 16-A, T. 726462; **FATIMA — Av. de Berna, 24-B (junto à igreja de Fátima) T. 763107; Sá da Bandeira — Avenida Duque de Avila, 203-B — Tel. 41961; Oliveira Viegas — Rua Viriato, 29-29-A — próximo da «Maternidade» e do Avis Hotel — Tel. 48968; Mundial — Largo D. Estefânia, 9, Tel. 45578; Contemporânea — Rua Conde de Redondo, 26-30, Tel. 45048; Ascenso — Rua 27, 41, Bairro da Encarnação, Tel. 389216; Olivais (Dós) — Rua Alves Gouveia, 19, Tel. 389237; Salter — Rua de Xabregas, 63-65 — Tel. 381185; Luzmar — Rua 2, 16-A — Bairro de Santa Engrácia (à Picheleira) Tel. P. P. C. 728395-720703; Oriente — Rua Lopes, 120, Telefone 843381; Fonseca — Rua Carvalho Araújo 46-B/C, Tel. 841708; Europa — Avenida General Rocaças 25-A, Tel. 843880; Santo António — Rua Leite Vasconcelos, 72-C — T. 862333; Rosa e Viegas — Rua de S. Vicente, 31 Tel. 864351; Nacional — Rua S. João da Praça, 26, Tel. 863632; Matos — Rua Alvaro Coutinho, 10, Tel. 40471; Lab — Rua Rodrigo da Fonseca, 101-101-A, Tel. 682333; Salutar — Rua B. 75-A/B, Bairro da Liberdade, Tel. 683694; Pátria — Calçada dos Mestres, 30-A (Junto à Rua das Amoreiras) Tel. 680627; D. João V — Rua D. João V, 16-C, Tel. 682772; Castro Fonseca — Rua 4 de Infantaria 28-A — Tel. 688857; Ourique — Rua Freitas Gazul, 32-B, T. 671667; Lapa (Da) — Rua dos Navegantes, 10, Tel. 661734; Ocidental — Rua D. Jerónimo Osório, JPM, 3, T. 610256; Caramão da Ajuda (Do) — Estrada da Cruz, 20-C/D; Remísio — Rua dos Jerónimos, 14-C, Tel. 631699; Sepol — Calçada da Boa Hora, 94-A — Tel. 631958; Teles — Rua João de Barros, 2, Tel. 638249; Nogueira — Rua da Creche, 2, Tel. 631635; Lealdade — Rua do Olival, 226, T. 663441; Combro (Do) — Calçada do Combro 78, Tel. 26059; S. Marçal — Rua de S. Marçal, 100, Tel. 25318; Bastos Andrade — Calçada de Santo André 107-111, Tel. 860450; Americana — Calçada de Santana, 3, Tel. 863984; Capuchos (Dós) — Rua Luciano Cordeiro, 2-A — Tel. 52076; Nacional — Rua do Salitre, 7, Tel. 46858; Azevedo, Irmão & Velga — Rua da Misericórdia, 24, Tel. 23540 — A —; Avelar — Rua Augusta, 225 — Tel. 23977.**

CONFERÊNCIAS

Na Sociedade A Voz do Operário, pelo sr. dr. Alvaro Barros Rosa, incluída nas comemorações henriquinas, às 22 horas.

SARAU CULTURAL

No Colégio Universal Pio XII, às 21 horas.

BOMBEIROS

A acção benemérita dos Voluntários de Matosinhos e Leça da Palmeira

A Sociedade Humanitária de Matosinhos e Leça da Palmeira (Bombeiros Voluntários), que tem prestado relevantes serviços às populações daquela zona e de outras localidades, publicou o relatório das suas beneméritas actividades, no ano findo, que se podem resumir nalguns números elucidativos. Assim, o serviço de ambulancias transportou a hospitais, clínicas, postos de socorros e outros estabelecimentos de saúde, no Porto e em diversas localidades, 224 feridos e 421 doentes; acorreram a combater 37 incêndios e prestaram diversos serviços em 29 casos de inundações, acidentes e salvamentos. A presença de bombeiros em todo esse movimento soma 5909; as viaturas (quatro pronto-socorros, duas ambulancias e auto porta-cabos) percorreram 11 536 quilómetros e consumiram 4432 litros de gasolina e gasóleo.

CARTAZ DO DIA

TEATROS

NACIONAL — A's 21 e 30 — «A visita da velha senhora».
TRINDADE — A's 21 e 45 — «O amor, o dinheiro e a morte».
AVENIDA — A's 21 e 45 — «A mala da Bernardette».
MONUMENTAL — A's 21 e 45 — «Margarida da Rua».
MARIA VITÓRIA — A's 20 e 30 e 22 e 45 — «Taco a taco».
A B C — A's 20.30 e 22.45 — «Quem sabe sabe...».
COLISEU — A's 21 e 30 — Companhia de circo.

CINEMAS

S. LUIZ — «Intriga internacional».
TIVOLI — «O anjo azul».
S. JORGE — «O aprendiz do Diabo».
IMPERIO — «Sansão e Dalila».
EDEN — «Hercules e a rainha».
POLITEAMA — «O sobe e desce».
MONUMENTAL — «Confidente de senhoras».
ODEON — «Quarta-feira de cinzas».
ALVALADE — «Intriga internacional».
CONDES — «A flor que não morreu».
ROMA — «Hercules e a rainha».
AVIS — «A refugiada».
RESTELO — «O homem de Ricks-haw».
OLIMPIA — «A febre do ouro».
IDEAL — «A loucura dos homens».
PROMOTORA — «Amores reais».
CAMPOLIDE — «Um herói do Far-West».
CINE MOSCAVIDE — Amor de gangster».
ACADEMIA DE SANTARÉM — «Santiago».

FESTAS ASSOCIATIVAS

Haverá festas associativas, com bailes e atractivos diversos, entre outras nas seguintes agremiações, esta noite: Casa Pia Atlético Clube, Clube Atlético de Campo de Ourique, Casas do Alentejo, da Covilhã, do Distrito de Coimbra, do Concelho de Gouveia e da Comarca de Arganil, Estrela Azul F. C. Amanhã, à tarde: Clube Estefânia, Sociedade de Instrução Guilherme Cossoul, Casas das Beiras e da Covilhã, Liga Regional Cojense, Casa Pia A. C., Estrela Azul F. C.

Distribuição de prémios a alunos do liceu de Vila Real

VILA REAL, 11. — No amplo ginásio do liceu, sob a presidência do sr. governador civil, efectuou-se uma sessão solene para distribuição

de prémios aos melhores alunos do liceu no ano lectivo de 1958-1959.

Falaram os srs. governador civil, coronel Sequeira, o reitor do liceu, dr. Eurico de Moraes Carrapatoso e o prof. Lucio Antunes Coelho.

Foram premiados os seguintes alunos: 7.º ano — 3.º ciclo: Francisco Manuel Ribello Agarez, com 17 valores; 500\$00; Fernando Augusto Andrade de Abreu, Brandão e José Alcino Ferreira da Costa, ambos com 16 valores: 250\$00 cada. 5.º ano: Altair dos Anjos Monteiro Ferreira e Maria Olga Assis Ferreira da Silva, 15 valores: 200 escudos cada.

2.º ano: José António Pinto Tibúrcio Monteiro, José António Torres de Carvalho, Manuel Augusto Ferreira Teixeira, Maria de Fátima Dinis Teixeira, Maria Helena Araújo Madeira Pinto, Maria Herminia dos Santos Dias, Maria José Vilar Cascarejo e Maria Manuela Pereira de Araújo Malheiro, 15 valores: 100\$00 cada. Foram ainda distribuídos livros a 13 dos alunos

O 10.º ANIVERSÁRIO

dos Inválidos do Volante

Terminam amanhã as comemorações do décimo aniversário da fundação da Casa de Repouso dos Militares Portugueses.

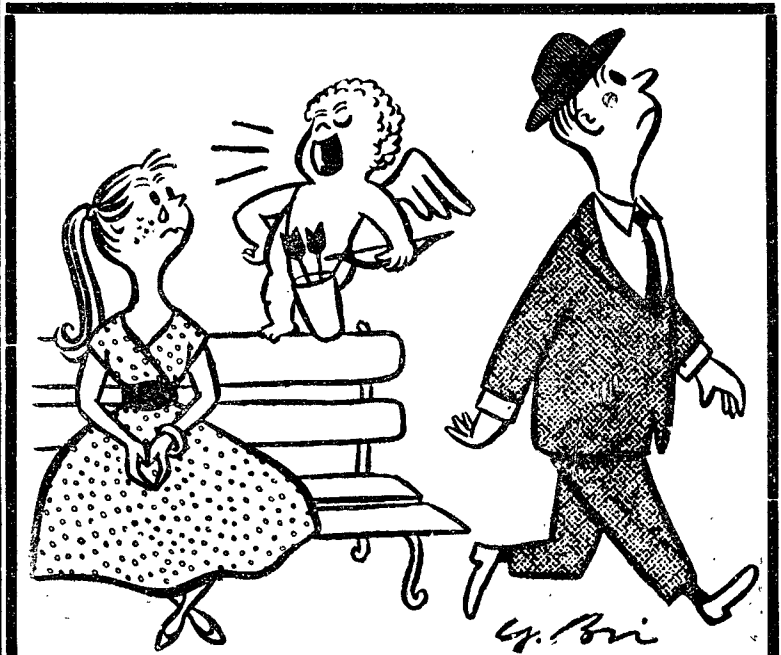
Assim, em Camarate, no «Lar do Inválido do Volante», realizou-se a pelas 13 horas, um almoço de confraternização entre inválidos do Asilo D'Espie de Miranda, do Comércio, dos Alfaiates de Portugal e do Volante, com representantes dos internados e a assistência de directores das respectivas colectividades. O repasto terá lugar no Salão «Henrique dos Santos» e será presidido pelo inválido mais idoso.

O presidente da Casa dos Militares aproveitará o momento para apresentar uma sugestão, no sentido de que as instituições de assistência particular a inválidos do trabalho, das várias classes, por intermédio dos seus dirigentes, tomem a iniciativa de promover reuniões conjuntas, de carácter privado, para troca de impressões, sobre a acção colectiva que exercem, em defesa das suas casas. Será saudada a congénere «O Lar do Comércio» do Porto, sendo formulados votos pela fundação das casas de repouso dos Profissionais de Enfermagem — cuja inauguração tem vindo a ser anunciada, assim como pelas projectadas casas dos Artistas Dramáticos e Intelectuais de Portugal.

Festividades do Minho

SEIXAS DO MINHO, 12. — No próximo dia 21 celebra-se a festividade de Inverno de S. Bento. Consta de missa solene, a grande instrumental e sermão, de manhã. De tarde, haverá arraial e divertimentos abrihantados pela banda de musica de Lanheles.

No dia 3 de Abril, haverá na vizinha freguesia de Vilar de Mouros a tradicional procissão dos Passos. Os sermões do Pretório, do Encontro e do Calvário serão proferidos por um distinto orador sagrado.



AS BORBULHAS INCOMODAM-NA?

ENTÃO TRATE-AS COM «PÓ SULFODERME»:

...um, dois, três e num instante as borbulas, pústulas, pontos negros e manchas ficaram cobertas com «Pó Sulfoderme» e nesse mesmo instante começou o tratamento da sua pele, porque cada partícula de «Pó Sulfoderme» contém enxofre, substância activa de acção eficaz amplamente comprovada.

Assim, «Pó Sulfoderme» deve considerar-se o «Make-up» por excelência, pois que a sua cor é bastante próxima da tonalidade da pele, o que permite a sua aplicação de noite e o seu uso durante o dia, como um vulgar pó de arroz.

Vida musical

A cantora americana Patricia Brown em Lisboa

A soprano americana Patricia Brown dá no dia 22, às 21 e 45, no Conservatório Nacional, um recital em que serão ouvidas, entre outras, obras de Scarlatti, Schumann, Brahms, Richard Strauss, Faure, Tchaikowsky e Bainbridge Crist.

Os bilhetes são distribuídos gratuitamente pelos Serviços Culturais da Embaixada dos Estados Unidos e pelo Conservatório Nacional.

Antes da sua apresentação em Lisboa, a artista deslocou-se ao Porto, para um recital depois de amanhã, nos salões do Ateneu Comercial daquela cidade.

Patricia Brown nasceu em Nova Iorque e iniciou os seus estudos musicais, aos 8 anos, com Norman Masloff. Grace Moore, célebre estrela da ópera e do cinema americano, ficou vivamente impressionada com a sua voz, tendo tido um papel decisivo no lançamento da carreira da artista. A sua preparação para a ópera foi orientada por Cesare Sodero, maestro-director do Metropolitan Opera House.

O seu estilo enquadra-se na mais pura linha das melhores intérpretes de «lied». As peças do seu vasto repertório encontram nela a actriz, tanto ou mais que a cantora, e chegam aos nossos ouvidos com toda a intenção e matizes que nelas puseram os respectivos autores.

Concerto com obras de Fernando Lopes Graça

Promovido pela Associação Académica da Faculdade de Direito e com a participação da J. M. P., realiza-se depois de amanhã, às 18 e 30, um concerto com obras de Fernando Lopes Graça. Dão-se as primeiras audições da 3.ª Sonata para piano, por Maria da Graça Amado da Cunha, e do Divertimento para instrumentos de sopro, timbales, bateria, violoncelos e contrabaixos, por uma orquestra dirigida pelo autor. O programa inclui ainda as Quatro Canções de Garcia Lorca, por Hugo Casals e um conjunto instrumental, e Cinco Nocturnos para piano, terminados o ano passado.

A Associação Académica da Faculdade de Direito, vende os seus bilhetes na Casa Sasseti, Valentim de Carvalho e no Cinema Império.

Os sócios da Juventude Musical Portuguesa devem adquirir os seus bilhetes, que, como habitualmente, são gratuitos, na sua sede no próprio dia do concerto das 10 às 13 e das 15 às 18 horas.

O tenor Di Stefano vem a Portugal

Vindo de Roma, chega amanhã a Lisboa o grande tenor italiano Giuseppe Di Stefano que vem cantar, em S. Carlos, as óperas «La Bohème» e «Um baile de máscaras». Di Stefano, um dos maiores tenores da actualidade, vem ao nosso País pela primeira vez.

ROMAGEM

aos campos de batalha do Norte da França

Reuniu-se a comissão organizadora da romagem aos campos de batalha da Flandres, tendo deliberado que as cerimónias em Lacouture se realizem no dia 8 de Maio, com a partida no dia 1, no «Stud-Express».

O secretário daquela comissão, Carlos de Ornelas, nosso prezado camarada de Imprensa, aceita, desde já, inscrições, na Rua da Horta Seca, 7, 1.ª, na redacção da «Gazeta dos Caminhos de Ferro».

O "Pioneiro V" comprova que se corrigem melhor os erros de pontaria com maior velocidade do foguetão

(Continuação da 1.ª página)

indica que devemos obter certas informações muito valiosas. Funcionários da N. A. S. A. acrescentaram julgar-se que o "Pioneiro V" continuará a transmitir, durante anos, dados sobre o espaço.

Até agora tem sido utilizado um transmissor de cinco vóltios, para transmitir para Terra dados sobre as temperaturas interna e externa, radiação, campos magnéticos no espaço, actividade micrometeorológica e efeitos do brilho do Sol. Nenhuma das informações foi ainda traduzida da fita gravada. Mais tarde, quando a sonda se encontrar a vários milhões de quilómetros da Terra, será ligado um emissor de 150 vóltios, numa tentativa para comunicar para a Terra de uma distância tão longínqua como 50 milhões de quilómetros.

FUTEBOL

Vitórias do trio B.-S.-B.

na 4.ª jornada da taça "Félix Bermudes"

Com os jogos correspondentes à 4.ª jornada prosseguiu hoje o torneio da Taça "Félix Bermudes". O programa era de relativo interesse dado que não era difícil conceder ao Benfica, Sporting e Belenenses o favoritismo que eles mereciam e que confirmaram amplamente.

Do que se passou damos a seguir breves apontamentos.

Olivaes, 1-Benfica, 12

Jogo no campo "Alvaro Gaspar", com razoável assistência. Os grupos formaram:

OLIVAIS — Nobre; Valdemar e Frutuoso; Eugénio, Carlos Alberto e Casimiro; Mordido, Simões, Vi. deira, Américo e Gato.

BENFICA — Bastos; Sidónio e Zézinho; Inácio, Alfredo e Jurado; Vieira Dias, Mendes, Torres, Peres e Palmeiro.

Árbitro — Orlando Sousa.

A primeira parte decorreu com domínio absoluto do Benfica, tendo os donos do campo, como atenuante o terem alinhado desfalcados. No entanto, pertenceu aos locais a primeira oportunidade de gol, quando Mordido, isolado por um passe mal calculado de Alfredo ao seu guarda-linha, não soube aproveitar a oportunidade.

Aos 30 minutos Torres, num "livre" fez o primeiro gol; aos 33, Vieira Dias, passou a Peres, que, de cabeça, fez 2-0; aos 36, Mordido, na conclusão de um contra-ataque, fez 2-1 e, no minuto seguinte, Vieira Dias marcou mais um gol para os visitantes. Aos 40 minutos, Torres fez 4-1 e à beira do intervalo, Vieira Dias voltou a marcar para fixar o resultado da 1.ª parte em 5-1.

Na 2.ª parte, o Benfica fez mais sete golos, por intermédio de Torres (4), Sidónio, de grande penalidade, Mendes e Perez.

Torriense, 0-Sporting, 6

TORRES VEDRAS 12 (Pelo telefone).—Jogo no campo das Covas, com regular assistência. As equipas formaram:

TORRIENSE—Pinheiro; Raul e Gilberto; Margaca, Belchior e Balha; Narciso, Cecílio, Mário, Carlos António e Mendes.

SPORTING—Carvalho; Alexandre e Morato; Ferreira Pinto, Galaz e Pêrides, Oscar, Carlos Manuel, Monteiro, Romeu e Quim.

Árbitro—José Barata, de Lisboa. Na primeira parte os "leões" demonstraram mais diligência, o que não impediu que os locais dessem boa réplica. A vantagem dos sportinguistas foi compensada com dois golos da autoria de Romeu, aos 15 minutos, e de Monteiro, aos 24.

Desta maneira, ao intervalo os lisboetas venciam por 2-0.

Em ALHOS VEDROS o "DIÁRIO DE LISBOA" é vendido por MANUEL DE SOUSA MELRO.

O informador da N. A. S. A. afirmou ainda: «Em determinados aspectos, a sonda ultrapassou já as nossas expectativas».

Os cientistas esperam poder manter o contacto pela rádio com o «planeta» durante cerca de quatro a cinco meses, e renovarem-no outra vez em 1963, quando a sonda voltar à periferia terrestre. O «Pioneiro V» descreverá um trajecto elíptico em torno do Sol. — (R. e A. N. I.).

O «PIONEIRO V» SERÁ O TERCEIRO PLANETA ARTIFICIAL DO SISTEMA SOLAR

LONDRES, 12 — O «Pioneiro V» vai tornar-se o terceiro planeta artificial do sistema solar, juntando-se ao americano «Pioneiro IV» e ao russo «Lunik 1». Mas o «Pioneiro V» será de facto o primeiro planeta artificial projectado como tal, porque os outros dois engenhos se destinavam a alcançar a Lua. O

foguetão lançado ontem de manhã também será o primeiro dirigido para a órbita de outro planeta do sistema solar, para Venus.

Pode desde já afirmar-se que o «Pioneiro V» é o mais veloz de todos os foguetões até agora lançados nos Estados Unidos. O problema teórico era construir um foguetão com velocidade suficiente para atingir o alvo no momento desejado. A dificuldade é que a velocidade real do engenho poderia variar muito conforme as posições relativas em relação à Terra e ao planeta para o qual o foguetão se dirige. Os planos elaborados até agora, pela maior parte dos sábios, foram estabelecidos segundo o princípio de que se obteriam os melhores resultados com a velocidade menor e a trajectória designada por «económica». No entanto, a chegada do «Lunik» à Lua e o resultado do lançamento do «Pioneiro V» parecem provar que aqueles factores não tinham a importância que se lhes atribuía. De facto, tudo leva a crer que em certos casos, e em especial no do lançamento de foguetões em direcção à Lua, a maior velocidade, e não a menor, permite corrigir melhor os erros de pontaria mais graves.

Seja como for, e embora as observações que se vão fazer nos próximos dias possam levar à correcção de várias previsões, não sofre dúvida que os cientistas americanos acabam de realizar uma proeza muito notável. Dele é lícito esperar que permita estudos mais completos dos complexos problemas relacionados com o lançamento de projecteis para o espaço extratmosférico. De facto, os dados teóricos e as respectivas soluções só agora começam a poder ser comprovados na prática. — (F. P.).

O «PIONEIRO V» ENTRARÁ NA ÓRBITA ÀS 20 HORAS (T. M. G.)

WASHINGTON, 12. — O satélite norte-americano «Pioneiro V» encontrava-se às 13 horas (T. M. G.) a cerca de 299.440 quilómetros da Terra, após cerca de 24 horas de voo.

A «Nasa» comunicou que o satélite deve atravessar a órbita da Lua — situada a cerca de 371.000 quilómetros — às 20 horas (T. M. G.). A partir desse momento, entrará em órbita em torno do Sol, com um período de 5 meses. — (R. I.).

A reconstrução do crime de Tavira

TAVIRA, 12 — Efectuou-se esta tarde a reconstrução do assassinio praticado por Silvino Corvo, o qual explicou à Polícia, no local do crime, como matou José Mateus de Brito, esperando-o em frente da sua casa, agachado por detrás de um muro de pedra. Depois de o primeiro tiro ter falhado, o criminoso disparou segunda bala, no momento em que a vítima, abandonando a bicicleta motorizada em que saía do quintal, corria já para ele, disposta à luta. A Polícia continua as investigações, indo o homicida, ainda hoje, para Lisboa.



Em Washington, reuniram-se, para discutir os problemas das nações e territórios subdesenvolvidos de todo o Mundo, os delegados da Comunidade Económica Europeia e de nove nações — Canadá, Itália, República Federal Alemã, Bélgica, França, Grã-Bretanha, Estados Unidos, Portugal e Japão. O representante de Portugal, dr. Albano Fernandes Nogueira é o terceiro, a contar da direita

O Governo marroquino é censurado na Imprensa de Paris e Londres pelo seu "nacionalismo" em Agadir

PARIS, 12 — Dois jornais desta cidade atacam hoje ázperamente o Governo marroquino pela forma como orientou os trabalhos de salvamento em Agadir.

O «Aurore» afirma em título, na primeira página, que «a confusão e um nacionalismo estreito prejudicaram infelizmente as operações de salvamento».

Por seu turno, o «Paris-Jour» afirma em título, também na primeira página: «O escândalo de Agadir começa».

Os dois jornais criticam o princípio herdeiro de Marrocos, por ter decidido mandar evacuar a cidade três dias depois do terramoto. A ordem foi revogada mais tarde, permitindo-se às brigadas de salvamento a permanência na cidade para procurarem sobreviventes, mas os efectivos daquelas já não lhes permitia trabalhar com eficiência — dizem os jornais.

A esse respeito, o «Paris-Jour» afirma: «Depois da ordem de evacuação, no bairro marroquino começaram a ser encontrados sobreviventes: primeiro dois, depois cinco e, por fim, três».

No bairro europeu, nas ruínas do Hotel Saada, ouviram-se gritos. A Marinha francesa pôs imediatamente 700 homens, todos voluntários, à disposição do Governo para auxiliar nos trabalhos de escavação, mas, até à data, ainda não recebeu qualquer resposta à sua oferta.

No entanto, ontem foram retirados mais cinco corpos de Europeus das ruínas do Hotel Saada.

Segundo afirma o jornal, o Governo marroquino não aceitou a oferta por não querer a presença dos marinheiros franceses na cidade.

«O pensamento dominante tem sido e continua a ser — acrescenta — o de arrancar todos os vestígios da presença francesa, mesmo com sacrifício de vidas humanas».

O «Aurore» repete as mesmas acusações, acrescentando que as brigadas sanitárias francesas enviadas para Agadir não foram autorizadas a entrar na cidade. — (A.N.I.).

COMENTÁRIOS NA IMPRENSA BRITÂNICA

LONDRES, 12 — A vida humana não tem preço, e há que extrair

uma lição terrível do que se passou em Agadir quanto às decisões tomadas a propósito da recolha de sobreviventes. Nesse sentido se pronuncia, no seu numero de hoje o «Daily Telegraph», passados 12 dias sobre o terramoto.

«O caso deveria — acentua o jornal — implicar uma lição de filosofia: a da justificação da esperança até ao limite extremo. Esse limite, infelizmente, deve, agora, estar a esgotar-se, uma vez que as possibilidades de encontrar qualquer outro sobrevivente, depois de doze dias de escavação, são mínimas».

Afirma o «Daily Telegraph»: «Pela mente de muita gente passou o receio de que a procura dos sobreviventes fosse abandonada prematuramente, a fim de que se pudessem tomar disposições contra as epidemias. Os resultados dos últimos esforços de busca conduziram a novos receios». — (A. N. I.).

RECOLHIDO OUTRO SOBREVIVENTE!

AGADIR, 12. — Foi hoje retirado das ruínas de Agadir mais um sobrevivente, que esteve enterrado vivo 12 dias e 12 noites, vítima do terramoto que flagelou a cidade.

O homem — um Marroquino — declarou aos elementos das brigadas de salvamento, que conseguiram libertá-lo através de um túnel aberto na garagem onde trabalhava quando se deu o terramoto, que vivera de alguma comida que encontrara, pois tivera a sorte de ficar soterrado junto de uma despensa. Apenas sofria de sede.

Ben Hambuche foi descoberto, como os outros homens, mulheres e crianças, recolhidos ultimamente, no bairro de Talbordj, onde morreram mais de 12.000 pessoas.

Eleva-se, assim, para dezasseis, o numero de vítimas encontradas com vida nos últimos cinco dias sob os escombros da cidade destruída. Na quinta-feira foram encontrados oito sobreviventes. Desde então as brigadas de salvamento intensificaram ainda mais o seu trabalho.

Durante a noite foram encontrados dez cadáveres nas ruínas do luxuoso Hotel Saada, e as autoridades estão a tentar identificar as vítimas. — (A. N. I. e R.).

Termas de Monfortinho

ESPECIALMENTE DESTINADAS AO TRATAMENTO DE AFECÇÕES HEPÁTICAS, GINECOLÓGICAS E DOENÇAS DE PELE E DOS CLIMAS QUENTES

ABERTURA EM 1 DE ABRIL

HOSPEDE-SE NO

HOTEL FONTE SANTA—Telefs. 4 e 28

VA TODOS OS DIAS AO

Restaurante «Imperial» do Carregado

Prato da casa: «Ensopado de enguias»

Diferente de tudo

Telef. 21



RESTAURANTE
CASTANHEIRA

Tel. 79 01 68

HOJE - SÁBADO

BAILE DE MI-CARÊME

Com a orquestra de JORGE D'AVILA

Das 22 às 5 horas da madrugada

Aceitam-se marcações de mesas

Temperatura confortável em todas as salas

(Maiores de 15 anos)

CURSO DE AMOR A ANTIGA



"A frágil alface torna-se silva ou urtiga"

«Quando a vejo, quando penso nos seus olhos, no seu rosto e na cor da sua pele, tremo de medo como uma folha ao vento» — canta Bernard de Ventadour.

Ah! Como os poemas e os cantos dos trovadores são doces aos ouvidos da mulher! Tinham sido tão maltratadas até ali...

E Mathieu quem numa canção popular se lamenta:

«A frágil alface torna-se silva ou urtiga. A mulher casada é como um relógio que nunca para de dar horas. Está constantemente atrás do marido, censura todos os seus actos, reprova-lhe todas as ausências de casa. Quando era jovem era alegre, galhardo e cuidava de todos os pormenores do vestuário. Agora, casado, tem os cabelos em desordem, as orelhas caídas, os fatos descosidos. Se quer vinho, ela dá-lhe cerveja; se quer pão branco, ela dá-lhe do escuro. Mas é ao menos virtuosa? E' melhor não falar nisso.

Vejam como gostavam de ouvir o gentil Arnaud de Mareuil:

«Senhora, desde o primeiro dia que a vi, que a ame. Acendeste-me um fogo que se não apaga mais. Falo-vos de um ardente e continuo fogo de amor que nem vinho nem água podem extinguir».

E' de Aquitaine, da Provença que vem a poesia cheia de refinamento que espalha a moda do amor cortês. T trovadores e jograis iam de castelo em castelo cantando as suas obras e as dos outros. Bernard de Ventadour era o filho dum criado que tinha o ofício de paifeiro. Arnaud de Mareuil, clérigo pobre de nascença pertencia a um castelo de Perigood. Não conseguindo viver dos seus haveres iam pelo mundo. E foi

graças a estes e a outros gentis poetas, muito numerosos, que as mulheres ocuparam então na sociedade um lugar de preferência.

Guillaume de Lorris, o primeiro autor do «Romance da Rosa» recomenda aos homens:

«Toda a mulher séria e honrada não foge aos castigos nem aos trabalhos, e se aparecer um malvado que a calunie reprende-o e diz-lhe que se afaste».

Os homens descobriram então que já não podiam conquistar as mulheres pela força mas sim pelos méritos

(Continua na 6.ª página)



No Pólo Sul entre 22° e 87°

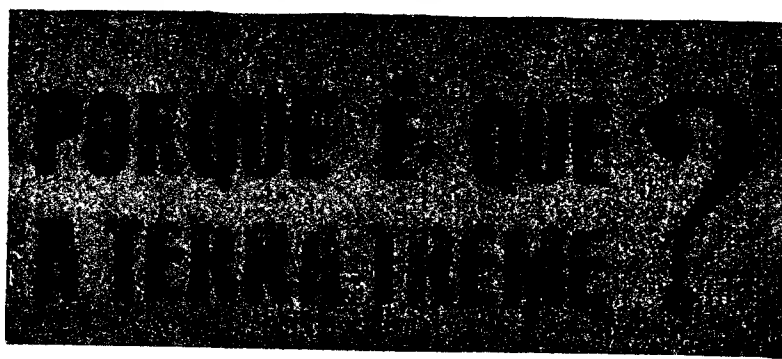
A MELHOR CABINE TELEFONICA PARA FALAR COM A LUA

O lugar da Terra de onde se poderá mais facilmente comunicar com um amigo em férias na Lua... é o Pólo Sul. Foi esta uma das mais curiosas descobertas feitas pelos sábios das doze nações que estabeleceram bases científicas no Antártico: Ouvem-se ali perfeitamente bem os bip-bip dos Sputniks, Luniks e dos vários observatórios em todas as 24 horas do dia, ao passo que a recepção desses sinais é irregular nos outros pontos do glo-

bo. A descoberta foi casual. Se o Ano Geofísico não tivesse colocado simultaneamente no seu programa o estudo da vida no Pólo Sul e as viagens no espaço, seria provável que nunca se suspeitasse que o local ideal para a futura central telefónica interplanetária era na interior do círculo que rodeia o Pólo Sul.

Cada dia que passa, o Pólo Sul torna-se mais apaixonante. Não apenas no sentido em que as aventuras de Amundsen e de Scott angustiam o Mundo, no início do século, mas, sobretudo, pelo que a ciência médica tem sabido trazer das actividades humanas. De facto,

(Continua na página seguinte)



Um terrível tremor de terra abalou toda a linda cidade marroquina de Agadir, causando mais de 10 mil vítimas. Afirmam as agências de notícias que o sismo foi dos maiores registados nos últimos anos nesta região do Mundo e apenas comparável ao que, em 1755, sacudiu a cidade de Lisboa.

Comparável, sim, mas ainda não tão trágico, pois o de Lisboa causou cerca de 60.000 mortos. Mesmo assim o balanço de Agadir é terrível e o eco deste drama assalta e aterra a imaginação popular. Não falta quem lembre o terrível cataclismo que em 1923 fez tremer todo o Japão, particularmente as cidades de Tóquio e Yokohama, causando 143.000 mortos, 104.000 feridos e 576 mil casas inteiramente destruídas. Recordam outros que em 1949 o terramoto do Equador provocou 10.000 mortos; o do Chile, dez anos antes, fez 25.000; em 1902 o de Messina, 30.000; e na Martinica, em 1900, quase outros tantos.

Em 1906, a cidade americana de São Francisco, a seguir a um forte abalo telúrico foi pasto de chamas. Cinco mil habitantes morreram. No ano passado o sismo de Montana não provocou muitas vítimas mas, segundo as observações dos especialistas, do ponto de vista sísmográfico, parece ter sido um dos mais violentos do século. Felizmente que o seu epicentro se situou numa região de fraca densidade populacional, e foram, sobretudo, campistas acampados no parque nacional de Yellowstone as suas principais vítimas.

A sr. Benett, campista sobrevivente da catástrofe, e que viu o marido e dois filhos desaparecerem sem deixar rasto no espaço de segundos, fez do drama a seguinte descrição:

«Tinhamos decidido acampar junto a um lindo grupo de árvores. Era de madrugada e os pequenos tinham acabado de se levantar das camas de campo. De repente ouviu-se um ruído terrível. Meu marido gritou-me para que subisse para uma árvore e ele procurava fazer o mesmo. Nunca mais o vi. Foi atirado como uma bola a vários metros de distancia. Massas de água e pedaços de rocha caíram sobre mim. Magoavam-me tanto que acabei por perder os sentidos. Quando voltei a recuperá-los encontrava-me completamente nua e apertada contra uma árvore. A tormenta

(Continua na página seguinte)

Grande génio!

Um homem de negócios americano acaba de propor a compra, à cidade de Nova York, de todo o seu metropolitano (de 380 quilómetros de linhas) e dos autocarros, a exemplo do que tinha já feito com o de Washington. O metro de Nova York está em «deficit» e o «genial» homem de negócios declarou que há uma forma de tornar a gestão lucrativa: — passar a tarifa única de 15 céntimos para 25.

Este senhor é capaz de julgar que descobriu a pólvora...

magazine

Diário de Lisboa

NÚMERO 87

Diário de Lisboa

TEMAS PEDAGÓGICOS

O que é o mundo para a criança

por MARIA HELENA DA COSTA DIAS

Toda a criança é realista. E é porque ignora a existência do «eu» e a interioridade do pensamento. A explicação dum sonho é, pois, de difícil explicação, na criança, por que o sonho tem muito de interior e de externo, de objectivo e de subjectivo, do pensamento e da matéria.

É possível que as crianças façam muitas perguntas sobre os sonhos e que oçam, em resposta, muitos disparates, sobretudo no que respeita aos pesadelos. E a explicação dos sonhos tem uma importância capital na vida da criança, principalmente na sua vida afectiva. Porque muitas vezes, a criança confunde o sonho com a realidade, ou pelo menos não sabe separar estas duas entidades, por completo; e, então, a existência infantil surge perturbada, provoca angustia e sofrimento. Há, no sonho, um realismo difícil de explicar à criança. Porque o próprio sonho lhe parece realidade. Não é um fenómeno qualquer, mas um acontecimento cheio de afectividade. São razões afectivas que explicam o sonho das crianças: elas sonham mais com pessoas do que com coisas. Sobre tudo nas crianças muito novinhas, para quem se põem certos problemas, de forma dolorosa. E então surge a inesvitável pergunta: «Os sonhos são verdadeiros?»

Aqui é que a explicação dos sonhos reveste uma importância grande para a tranquilidade infan-

til. Porque a criança, depressa atinge se lhe montem ou não. O sonho é elaborado com coisas reais, coisas que ele observa todos os dias, que ele sabe que existem. Não há que lhes fugir. Se a criança sonha que a casa arde, que o pai ou a mãe morreu, etc., etc., não há que explicar, o melhor possível, o que há de verdade ou de falso, em tais acontecimentos.

Sobretudo o aspecto na morte reveste uma importância grande no mundo infantil. Não raro ouvem falar no assunto as pessoas crescidas, escutam lamentações, vêem lágrimas. A morte aparece-lhes, sem duvida nenhuma, como uma calamidade. Não é difícil, a uma criança, imaginar o que seria o Mundo — o seu mundo — sem o pai ou sem a mãe, ou sem ambos.

Dessas conversas surpreendidas, o mundo toma um novo aspecto, o aspecto negro de que uma desgraça pode acontecer-lhes. E há depois todas essas histórias de meninas sem mãe e madrastas más, todo um pesadelo lançado, descuidadamente, levianamente, criminosamente, no mundo infantil. Um mundo sacudido dos seus alicerces.

Também não é raro, infelizmente, que a própria mãe se lamenta, «se fazes isto ou aquilo, a mãezinha morre!» Outro erro e outra sacudida naquele frágil mundo ainda semiconstruído

(Continua na 6.ª página)

Porque é que a terra treme?

(Continuação da página anterior)

ta tinha acalmado e eu estava só no Mundo».

*

Vivemos num Globo em rotação constante a 1.674 quilómetros á hora, gravitando, ao mesmo tempo á volta do Sol á velocidade fantástica de 107.000 quilómetros-hora, aproximadamente. Nesta bola de mais de 12.000 quilómetros de diâmetro, a parte á que chamamos Terra, ou solo, aquilo que nós julgamos ser verdadeiramente sólido é unicamente uma leve película, uma batata, em relação ao seu volume. O resto está mais ou menos em estado de combustão, viscoso, deformável.

Á nossa volta, acima e abaixo de nós todo esse imenso reservatório se move, continuamente: Mudam-se golfos, criam-se baías; as montanhas são limadas pelo vento e des-carnadas pela acção da chuva; as rochas quebram-se sob o peso dos gelos, dos raios solares ou de vários fenómenos químicos. Mesmo os grandes continentes que nos parecem fixos, deslocam-se sobre fundações mais espessas, que a casca de dos plásticos, e sob o efeito da força centrífuga e da atracção luni-solar. Á distancia de milhões de anos as diferenças são enormes. De vez em quando um terreno que se afundara e onde se foram depositando sedimentos seculares, vem á superfície, como parte maldável, sob a acção de matérias combusti-

veis. Eis uma montanha nova que começa a formar-se, lentamente, pacientemente, á nossa vista mas sem que demos por ela.

Neste movimento de massas, de tempo a tempo, uma rutura se produz nalguma parte, ou á superfície ou á grande profundidade da crosta terrestre; ou em pequena extensão ou em centenas de quilómetros.

As ondas propagam-se, as vibrações produzem os seus efeitos: a terra treme, há terror, ruínas, mortos!

Uma casca rochosa sobre uma esfera misteriosa

Acreditava-se dantes que o centro da Terra era fogo (era lá que se chegou a situar o inferno) mas hoje aceita-se que o núcleo terrestre chamado Barisfera com um raio de 3.500 quilómetros, será composto de níquel e ferro (NIFE), rodeado de uma outra camada (Piro-sfera) de 2.900 quilómetros formada principalmente de silício e de magnésio (SIMA).

A película onde nos encontramos e á que chamam Litósfera terá apenas em média, 60 quilómetros de espessura e compõe-se de silício e de alumínio (SIAL).

Não se sabe ao certo o estado do NIFE se é líquido se sólido. Á sua temperatura é objecto de várias hipóteses e alguns afirmam que oscila entre 2.000 e 6.000 graus; outros falam mesmo em 300.000 graus, o que também pode ser verdade. Á Piro-sfera é um pouco me-

nos misteriosa. Está praticamente á mostra nas profundidades do Pacífico e pelo menos lá parece que é sólida. Mas mais abaixo será de estrutura viscosa. Aliás um especialista diz que SIMA não é um sólido verdadeiro mas um «líquido basáltico aquecido sob grande pressão com aparência de vidro».

O americano Jeffreys diz que não. Na sua opinião será antes de uma arquitectura cristalina variando em função da profundidade passando ao sistema cubico á 400 quilómetros da superfície terrestre.

Grosso modo devemos considerar que SIMA é um plástico-viscoso em cima do qual assentam os nossos blocos continentais que se afundam mais ou menos profundamente. Nos pontos montanhosos dá-se um maior afundamento, por compensação — simples princípio de equilíbrio dos corpos flutuantes.

A casca em que vivemos é composta de rochas criadas pelas altas temperaturas e altas pressões no princípio dos tempos geológicos. Nelas se misturam e se sobrepõem matérias de vários tipos e composições originadas por factores externos: acção da água, do vento, do Sol, dos glaciares, etc., quer por processos químicos, quer pela vida, vegetal ou animal.

Eis, muito esquematicamente, o nosso Globo.

*

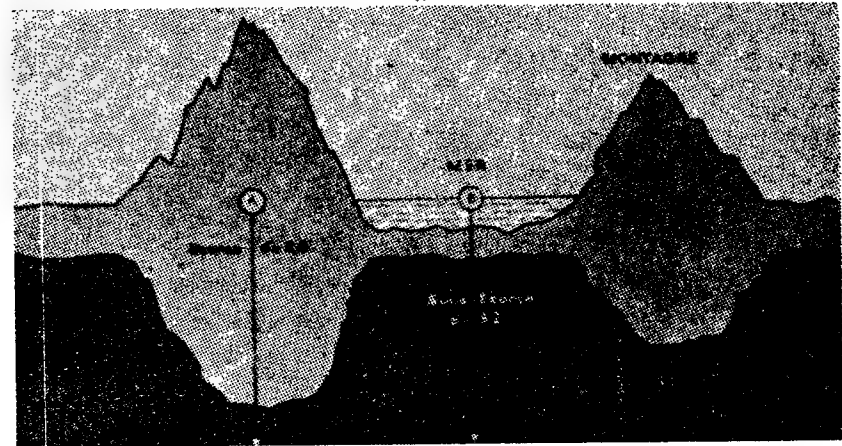
Os tremores de terra como vimos, são manifestações á superfície do Globo de compressões, desmoronamentos, fracturas, fendas, numa palavra: de movimentos diversos que se produzem em qualquer parte da estrutura planetária.

Não se podem prever os tremores de terra. Pelo menos até agora isso não é possível, mas o professor Gorchkov da Universidade de Moscovo foi encarregado pela Unesco de estudar essa questão, encontrando-se na Birmania numa zona particularmente sensível aos sismos.

O sitio onde se localiza a falha original chama-se epicentro e é daí que irradiam as ondas sísmicas em todas as direcções. O epicentro é o ponto imediatamente acima, na superfície terrestre atingido pelas ondas e é aí que se produzem as maiores devastações.

Claro que o ponto de origem do tremor de terra pode também situar-se á superfície e nesse caso as fendas podem atingir centenas de quilómetros. Quando é no centro, os materiais em fusão podem acumular-se em bolsas, para posteriormente saírem pela cratera dum vulcão, mais ou menos próximo.

Os fenómenos vulcânicos são geralmente independentes dos sismos, mas por vezes ligam-se. Um tremor de terra pode ser, por vezes, o prelúdio de um vulcão voltar á actividade.



No Pólo Sul

(Continuação da página anterior)

aos exploradores que se disponham a estudar e observar a vida no Antártico não basta possuírem coragem.

As bases são muito complexas, dispõem de uma aparelhagem muito complicada. A electrónica chegou já ao Pólo Sul.

É preciso engenhos automóveis, alguns dos quais chegam a pesar vinte toneladas, e ainda grandes esquadilhas de aviões de tipo especial. E até torres de sondagem como se procurasse petróleo, mas para perfurar os gelos até 300 metros de profundidade, analisando cada amostra a fim de estudar-lhe a idade.

Os segredos são revelados pouco a pouco

Há, presentemente, no Pólo Sul 42 bases científicas, das quais algumas dispõem de mais de cem pessoas. A maior parte delas para facilitar os abastecimentos estão localizadas no circuito do continente, local, aliás, pouco preciso, pois nunca se sabe, entre o amontoado dos gelos, onde acaba o Oceano e começa a terra. Outros foram instalados em pleno continente. São inacessíveis a pé. Para lá chegar é preciso usar o avião. As mais terrestres são as estações soviéticas edificadas a 1400 quilómetros do campo-base «Mirny», a estação «Vostok», ocupada por onze homens, construída a 3240 metros de altitude e onde a temperatura varia de 22 a 87 graus negativos; há um médico em «Vostok» tal como em «Sovietskaya», estação a 3560 metros de alto, onde o maior «calor» não ultrapassa 35° negativos. Uma outra estação soviética, chamada «Pionnerskaya» foi pouco a pouco recoberta por oito metros

Imaginação comercial

Os industriais americanos, sempre na vanguarda das inovações, acabam de lançar no mercado um receptor de TV portátil, que pode trazer-se na cabeça. Claro, que o portador não vê nada, mas as pessoas que o acompanharem é que alto da cabeça do desgraçado.

de neve, mas cinco sábios vivem lá ainda.

Precisamente no Pólo Sul construíram os Americanos uma estação que abriga nove homens enquanto outra está situada a 1650 metros de altitude, nas montanhas de Mariz Byrd. Este extraordinário esforço iniciado há vários anos tem permitido conhecer um pouco melhor um continente tão vasto como a Europa e a Austrália reunidas e acerca do qual o célebre capitão Cook escrevia em 1775:

«Percorri o Oceano do Sul sob altas temperaturas e fi-lo de tal forma que provei de maneira irrefutável a impossibilidade da existência de um continente nesses lugares. Posso afirmar sem receio, que nenhum homem conseguirá penetrar mais para o Sul do que eu próprio fui».

O nível do mar não é o que se julga

O primeiro mistério em via de ser resolvido é o da estrutura geográfica do Antártico. Sabe-se desde há muito, que existe nele terra firme ao passo que no Pólo Norte não. Imensas cadeias de montanhas, cujos cumes atingem 6000 metros, foram descobertas e por vezes exploradas. Mas trata-se de um verdadeiro continente ou apenas de um arquipélago?

É impossível responder duma maneira precisa, pela seguinte razão: A espessura dos gelos varia entre 165 a 3500 metros. Mais: em determinados locais, como por exemplo na estação americana de Mary Byrd apurou-se uma altitude de 3000 metros de gelo enquanto a altitude da estação é apenas de 1650 metros. Portanto, o solo examinado pelo sábio está manifestamente abaixo do nível do mar. Em alguns locais poder-se-ia falar de «boudiques» e concluir pela existência de um braço de mar, portanto, dum arquipélago. Entretanto, as experiências provam ainda que não há interrupção, nem água, entre o fundo deste gelo e a sapata rochosa. Surge portanto a ideia que o continente «abateu» no centro sob o peso fabuloso dos gelos até a um nível inferior ao do mar.

Se acaso os gelos fundissem o continente erguer-se-ia? Não se sabe, é preciso ver — e a decisão de fazer fundir todos os gelos do Pólo Sul ainda não foi tomada... Esta questão leva os habitantes do Pólo Sul a interrogarem-se sobre o fenómeno do frio; porque é que faz lá mais frio que no Pólo Norte; desde quando faz frio, etc.

As descobertas feitas a esse respeito foram surpreendentes e quase absurdas. Faz muito frio no Pólo Sul, dizem presentemente os sábios, porque a massa dos gelos é considerável, muito mais importante que no Ártico. Muito bem; mas o raciocínio inverso também é válido: há grandes glaciares porque faz muito frio. Só, aparentemente, é que o círculo é vicioso, como o testemunham os os ódis.

*

Uma expedição alemã avistou em 1938 um primeiro oásis, isto é, uma região montanhosa, sem neve e sem gelo. Em 1948, os aviadores do almirante americano Byrd assinalaram uma outra de 500 quilómetros quadrados, que equipas soviéticas exploraram em 1956 com auxílio de helicópteros.

«O espectáculo que se nos ofere-

(Continua na página central)

10 LIVRO DA SEMANA

ACABA DE SAIR

A TRAVESSIA DA ANTÁRTICA

Obra de alto nível científico e de profundo interesse, escrita pelos próprios dirigentes da grande expedição

SIR VIVIAN FUCHS
SIR EDMUND HILLARY

É o primeiro volume da nova colecção

O HOMEM
E O DESCONHECIDO

profusamente ilustrado com mapas e documentos fotográficos

*

Na série das Obras Completas de

TEIXEIRA GOMES

foi agora posta à venda

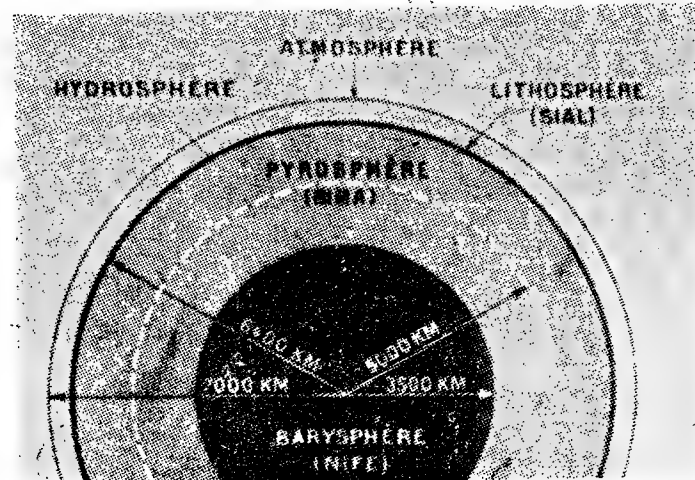
CORRESPONDÊNCIA

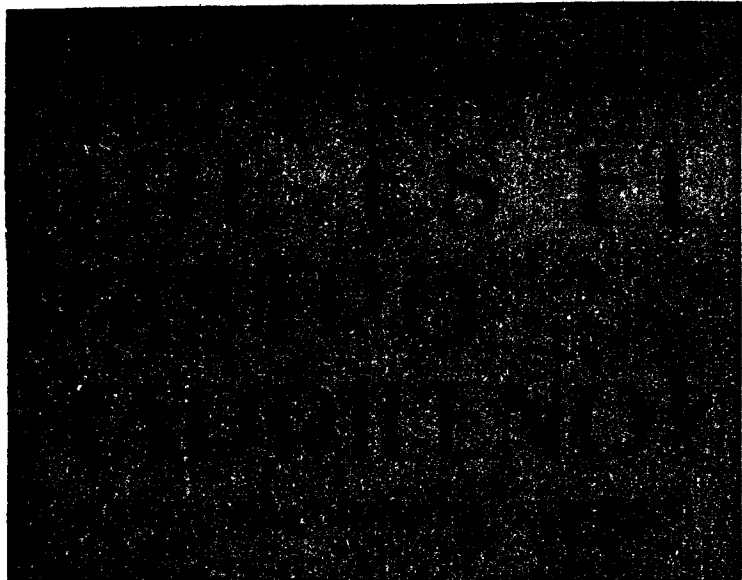
Vol. I

CARTAS PARA POLÍTICOS
E DIPLOMATAS

*

PORTUGALIA EDITORA





Ao estrangeiro que pergunta em Madrid o que fazer numa manhã de Domingo, deve-se-lhe aconselhar que vá ao Rastro. Se o estrangeiro é dos que só se interessam por corridas de toiros e «cante jondo», não irá; mas se é daqueles que gostam de descobrir a realidade debaixo dos disfarces que a ocultam, então aceitará o conselho e irá até ao Rastro.

O que é o Rastro madrilenho? É um bairro popular, um desses bairros que descem até ao rio, cheios de gente trabalhadora;

que o percorrem sem compreender bem todo aquele ajuntamento e mistura de gente faladora que apenas faz lembrar um «Zoco» oriental.

O coração do Rastro é uma rua estreita, numa rampa pronunciada onde se encontram os lugares de venda mais elegantes e edifícios com lojas de comércio de cerâmica antigas e tapetes persas. As ruas adjacentes estão ocupadas por vendedores que, na sua maioria, estendem os artigos no chão ou sobre uma tela. Às vezes vêem juntos um



aos Domingos, de manhã, um bom número das suas ruas vêem-se evadidas por milhares de vendedores que oferecem os objectos mais imagináveis. Uma massa compacta de público procura o que quer entre fonógrafos antigos, cintas usadas, montões de livros, quadros, figuras de porcelana, bicicletas, etc., mas em tal profusão que é impossível dar uma ideia do conteúdo de tudo que cada vendedor expõe. Toda a decoração, adornos, móveis do século passado, ali se encontram, completamente incapazes de servir.

O Rastro era, antigamente, um pequeno mercado das classes populares, principalmente de roupa usada. Pouco a pouco atraiu a atenção dos antiquários e dos curiosos. Nessa altura podiam ali encontrar-se surpreendentes pechinchas, como gravuras autênticas de Rembrandt e um colar de pérolas verdadeiras, pelo qual se pagavam umas quantas pesetas, crendo o vendedor que eram falsas.

Depois, o Rastro foi crescendo de categoria e hoje encontramos tendas luxuosas onde há antiguidades de grande valor. Mas ainda é possível, entre a quantidade surpreendente de coisas raras, fazer as delícias de muitos apreciadores de surpresas. Entre eles contam-se os turistas americanos,

moinho de café, um candelabro partido, um jarro chinês, etc.; outras vezes o vendedor é especializado e apenas se dedica a peças de automóvel ou vergas de ferro. São frequentes os postos de ferramentas, de roupa, de sapatos; e daquelas coisas que nunca podiam vender-se ou interessar para nada, mas que estão ali, vendem-se e são úteis a muitas pessoas. Também ali tem lugar o mercado de pássaros e suas gaiolas, e vendem-se chifres de touro, utilizados para fazer figuras de adorno, muito populares agora, pois se podem fazer nos cárceres.

Junto a um que vende remédio que faz crescer o cabelo vê-se outro que abre chaves e apre-goa o seu trabalho com graciosos comentários. Um paquistanês, fixado há muitos anos em Madrid, vende perfumes orientais. Até se vendem ali cruzes para caixões e lápides, umas novas e outras que já estiveram largos anos nalgum cemitério. Entre o público, movimentam-se ciganos oferecendo canetas estilográficas e relógios que só funcionam o tempo necessário para convencer o ingénuo comprador. Toda esta gente, rápida nas falas e nos gestos, que tem de ganhar o sustento em luta duríssima, se cruza com diplomáticos milionários, que vão ali procurar algumas raridades.

No centro principal do Rastro é o sítio onde a ingenuidade e a boa fé mostram ser das qualidades mais espalhadas: ali estão os charlatães, empoletrados no alto, rodeados de muita gente, oferecendo rosas de enfeite sem flor, tira nódos que é apenas água limpa. Mas deve ser um prazer deixarmos-nos enganar e comprar alguma coisa, depois de ouvir uma dissertação interminável do charlatão, que quase chega a fazer uma representação teatral com os seus gestos e maneios.

Sem dúvida, que o Rastro é um dos melhores sítios de observação do carácter e dos costumes madrilenos; numa manhã de domingo pode o estrangeiro aprender mais que em todo um mês passeando nas ruas centrais de Madrid.



A 19 de Setembro do ano passado, o Director do Museu Nacional da França, Georges Salles, abriu ao público a antiga capela do Castelo Vallauris, completamente decorada pelo grandioso fresco de Pablo Picasso: «A Guerra e Paz».

A escolha desta capela foi significativa, não apenas por se tratar dum lugar que convida ao recolhimento mas ainda por razão da sua própria história. No século XVII as mulheres de Vallauris foram ali fechadas e massacradas por mecenas alemães a soldo do Príncipe Amadeu de Saboia. A tragédia faz lembrar a de Oradour...

O grande fresco ocupa toda a abóbada. O visitante é inteiramente cercado de uma atmosfera extraordinariamente sugestiva que o prende e o emociona.

À esquerda, em cores muito violentas, exprime-se a ameaça e o horror duma forma bárbara. Vê-se uma sinistra agitação de personagens da noite, brandindo armas, espalhando a morte. Um carro funebre é conduzido por um verdadeiro monstro, nas mãos uma faca sangrando e às costas um cesto cheio de crânios. Todo este sombrio grupo semeia à sua volta o luto e a devastação.

À direita, tudo é diferente. Um mundo bucólico encantador se ergue, de tons azuis e brancos, um mundo onde brincam crianças livres do medo, um mundo de trabalho frutuoso em que os cavalos são alados, os peixes voam, e os pássaros nadam. Todo um mundo de encanto indescritível.

Ao fundo, dois homens tocam a Lua com as mãos e uma grande pomba de asas abertas anuncia a chegada da Paz. O visitante é forçado a escolher. Os imensos painéis fecham-se sobre a sua cabeça, envolvendo-o. O Sol que ilumina o painel da Paz situa-se na própria abóbada num verdadeiro Céu.

Este extraordinário fresco triplo é o fruto de um árduo trabalho de sete anos,

cheio de força, de unidade e de inspiração.

Publicamos hoje algumas reproduções desta gigantesca obra que ilustra a paciência e o esforço dum génio hoje reconhecido pelo Mundo inteiro, e cujo poder de expressão simbólica é cada vez mais intensa.

Quando a acabou, em 30 de Junho de 1958 (a capela esteve fechada até agora), Picasso declarou na altura em que ofereceu a sua obra ao Governo francês:

«Não há muita claridade nesta capela e eu desejaria mesmo que a não iluminassem. Que os visitantes passem ao longo da paredes, como nas grutas pré-históricas, descobrindo as figuras que

pintei, com a ajuda de velas, ou duma pequena luz de candieira».

Correspondendo, talvez, ao desejo manifestado pelo grande artista, o director do Museu Nacional, do qual a capela desde agora pertence, declarou no dia da inauguração:

«Os homens do futuro virão a Vallauris como nós vamos a Lascaux. Entrando aqui, deixando-nos envolver. Entrando as imagens entramos como num sonho que gela os corações do nosso tempo oscilando entre promessas de Paz fabulosa e os malefícios duma guerra sem remissão».

A capela de Vallauris tem tido por certo, visitantes aos milhares. Que estes frescos iluminados por uma luz rara ajudem a materializar uma séria mensagem de fraternidade humana.

Do alto destes diques 60 séculos vos contemplam

A palavra é quase verdadeira no que diz pelo menos respeito ao numero de séculos. De facto, anuncia-se na Holanda que, no ano passado, o numero de habitantes que tinham atingido ou ultrapassado os 100 anos ia a 58, repartidos da seguinte forma:

Que atingiram 100 anos exactos ...	27
Com a idade de 101 anos	11
Com a idade de 102 anos	3
Com a idade de 103 anos	5
Com a idade de 104 anos	6
Com a idade de 105 anos	2
Com a idade de 106 anos	1
Com a idade de 107 anos	2
Com a idade de 109 anos	1

De ano a ano as estatísticas respeitantes a centenários modifica-se e por

isso estes numeros serão provisórios mesmo assim se pode concluir que não só os bolhos que se dão bem no país dos moinhos e das bicicletas. É curioso assinalar que daquele numero, 36 são mulheres.

CURIOSO PERFUME

Foi agora tornado publico que os célebres perfumes «Molynex» mundialmente conhecidos nos meios elegantes, pertencem, quase na sua totalidade, a uma empresa internacional de comércio de carne.

A relação técnica entre a carne dos talhos e os perfumes de luxo não é assim muito clara, mas nunca se sabe...

A CASA IDEAL?

A primeira casa em plástico, inteiramente transparente, foi construída por Hikonosuke Inone, de 53 anos, de Kyoto, que, com a ajuda da mulher, terminou os seus trabalhos em 6 meses.

A casa parece-se com uma gaiola para pássaros. É de três compartimentos: uma divisão tipo japonês, um diving-room de estilo ocidental e um quarto. Nem um unico prego foi utilizado e nenhum elemento em aço ou ferro.

Hikonosuke comprou tudo quanto precisava nas lojas da terra e não precisou nem de pedreiros nem de carpinteiros. Os tectos são de matéria plástica meia opaca com desenhos cinzentos e amarelos. A sala de banho é cor leitosa e todas as dependências são equipas de folhas de plástico de certas cores destinadas a oporem-se aos olhares discretos de quem passa. A notícia não fala no preço da compra nem das tendas e isso é que interessava...

(Continuação da 2.ª página)

ceu aos olhos logo que o aparelho se aproximou do oásis fez-nos reter a respiração. — narrou o explorador Denissov.

«Imaginat, surgindo das imensidades geladas, uma cordilheira de colinas rochosas, toda entrecorta-

tência do oásis explicava-se pelo facto dos gelos descendo o interior do continente encontraram no ca-minho essa cordilheira rochosa e serem forçados a contorná-la. No Verão, a superfície sombria das rochas aquece, armazenando uma grande quantidade de calor. Num dia de Janeiro, mês de Verão nes-

netismo te-
ozone atm-
ciologia. e
ções sovié-
idêntico m-
lhos de bi-
médicos. O
andlogos e
guelen, m-

A VAIDADE HUMANA EM ROBE DE CHAMBRE

No meu ultimo artigo, falei sobre o luxo e a ostentação na Antiguidade e referi-me a austeridade de costumes imposta, no começo da Idade Média, pelos primitivos cristãos. Mas pouco tempo durou essa vida simples, porquan-

to já o autor da «Divina Comédia» lamentava que as mulheres de Florença se ornatassem em demasia. Nos castelos e nas cidades populosas, o luxo depressa voltou a aparecer, embora menos faustoso que nos antigos tempos. Os cavaleiros do século XI usavam armas, couraças, selas e freios ornados de ouro e prata. A arte de tecer e de bordar tam-

bém tinha atingido, por essa mesma altura, grande perfeição e o imperador do Oriente admirou-se bastante com a magnificência dos cavaleiros cruzados que, em 1096, se lhe apresentaram.

Da existência de unguentos e pinturas para realçar a beleza feminina, dá-nos notícia a violenta diatribe de Leão Baptista Alberti, que nos «Trattato del governo della famiglia» lhes chama «papas venenosas, causa de muita e sempiterna infamia, capazes de apodrecer a cara».

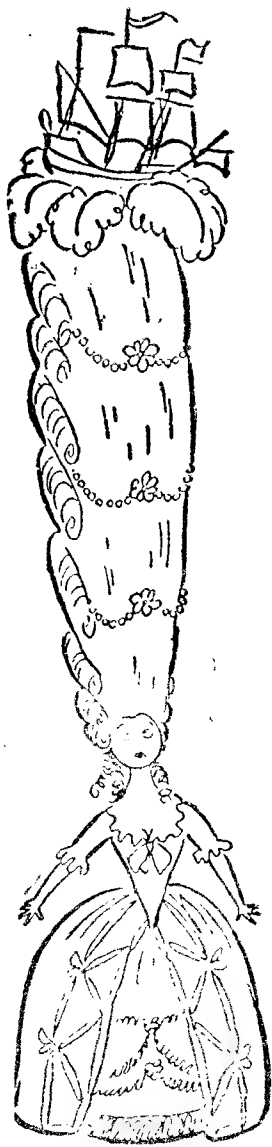
Até meados do século XIII, o luxo foi privilégio de muito poucos e só com a conquista da liberdade comunal se estendeu a camadas mais vastas. A seda, o veludo, o brocado e as jóias começaram a não a aparecer em tal quantidade, que a autoridades se viram forçadas a intervir.

É conhecido o grande apreço em que a mulher tem os prazeres das exterioridades e por isso to-ram elas o alvo das leis promulgadas no século XVI com vista a repressão do luxo imoderado. As cidades italianas eram, por essa altura, as mais ricas da Europa e, por conseguinte, aquelas onde a ostentação era maior. Em 1324, na cidade de Florença, foi publicada a primeira «lei sumptuária», estabelecendo «muitas regras e severas ordens contra os desordenados ornamentos das mulheres». Em breve as pequenas Comunas seguiram o exemplo e na cidade de Viterbo foi estabelecido que «nenhuma mulher da cidade ou distrito possa mostrar-se em publico com coroa de ouro, ou de prata, ou de pérolas, ou de gemas, ou de outro metal precioso, sob pena de 25 libras de multa para as da nobreza e de 10 para as do povo. Nem possam trazer vestidos, mantos ou pelicas com guarnições esmaltadas, cujo peso seja superior a duas onças de prata; nem cintos, com borlas de prata dourada ou não dourada, de peso superior a 10 onças; nem toucados preciosos nos cabelos, nem ornatos nos vestidos, com um valor superior a 6 florins de ouro». Os anéis de ouro não podiam ser mais de dois; os ornamentos de plumas eram absolutamente proibidos. Eram permitidos os vestidos de grandes mangas, desde que estas não excedessem seis palmos de largura.

Mas não se fez esperar muito a reacção feminina. E não só feminina, porquanto muitos homens não viam com bons olhos a proibição de ostentarem cintos de prata e ricos gibões. Começou por tentar iludir-se a lei e, pouco a pouco, ela foi esquecida. As próprias autoridades foram transgindo e os provedores das pompas da República de Veneza, que haviam proibido a todas as mulheres o uso das pérolas, com excepção das dogaresas e das suas filhas, reduziram o prazo de interdição para os primeiros dois anos de casadas.

Com o Renascimento e antes que os descobrimentos de Portugueses e Espanhoes tenham feito deslocar o eixo do comércio mundial do Mediterrâneo para o Atlantico, as ricas repubblicas italianas de ban-

queiros e mercadores chegaram a fazer reviver a magnificência dos antigos tempos pagãos. Mas após os descobrimentos, o luxo das cortes ibéricas conseguiu ofuscar o da própria Itália. E bem conhecido, por exemplo, o esplendor da embaixada que o nosso rei D. Manuel I enviou, em 1514, ao Papa Leão X e que conseguiu deslumbrar a curia romana com a sua pompa verdadeiramente oriental. Trezentos cavalos das melhores raças cobertos de mantos de brocado com franjas de ouro, um elefante recamado de xairéis preciosos, dois leopardos e uma onça domestica-



dos. Os trajos da comitiva eram de um fausto incrível. Os azeméis que conduziam os animais vestiam as mais belas sedas. Os fidalgos ostentavam chapéus de plumas, sedas, veludos, rendas e jóias de alto preço. Nicolau de Faria, estribeiro do rei, montava um cavalo cujos arreios eram esmaltados de ouro cravejado de pérolas. Tristão da Cunha, que dirigia a embaixada, batia todos pela sua magnificência.

E não se pense que a ostentação da embaixada portuguesa tenha sido um mero expediente para deslumbrar Roma e o chefe da Cristandade. Também em Lisboa o luxo era enorme e o rei só aparecia em publico com um cortejo esplendoroso no qual figuravam um rinoceronte, cinco elefantes recamados de xairéis de brocado, um cavalo persa com uma onça domesticada á garupa e um inumerável séquito de cortesãos magnificamente trajados.

O exemplo do faustoso monarca não deixou de frutificar entre os

fidalgos enriquecidos na índia, que se passeavam nas ruas da cidade precedidos de grande numero de escravos negros engalanados de ouro ou prata: um para levar o chapéu de plumas, outro o capote, um terceiro para segurar a rédea da mula ricamente ajazada, mais outro para ir ao estribo amparan-

POR
ALFREDO BRAZ

do o sapato de seda, um quinto para afastar as moscas, ainda mais um para varrer o pó, um sétimo com a toalha de pano de linho para limpar o suor da besta e assim por diante. De ouro não havia falta, porque a índia o dava em abundancia. Também não se carecia de escravos importados de Africa, pois somente em Lisboa viviam dez mil desses desgraçados, ou seja a oitava parte da população da capital. O corruptor sentimento da vaidade, esse transbordava todos os diques da moral e da religião nesse tempo em que os «fumos da índia», como dizia Afonso de Albuquerque, turbavam inteligências e consciências.

Depois, nos dois séculos seguintes, o luxo perdeu a sua magnificência para ganhar um tom falsamente amaneirado e de decadência em decadência, tombou-se no apertado, nas anquinhas e na peruca. Mas as grandes convulsões sociais do século XVIII originaram um período de relativa austeridade, que se prolongou até ao fim da primeira guerra mundial.

Foi talvez a noção do efémero de uma civilização disposta a tais hecatombes colectivas que levou os homens ao desprezo dos valores espirituais sempre implícito na ostentação do luxo e no servilismo á moda.

A subordinação á moda tem a sua origem no poder imitativo e demonstra, por conseguinte, a falta de imaginação e de personalidade de quem servilmente a segue. Vejamos, porém, como a néscia vaidade dos imitadores conseguiu engendrar algumas modas, porque assim ficará ainda mais patente o ridículo de quem a elas se escraviza.

A moda da famosa gola alta quinhentista teve a sua origem na preocupação que tinha Ana Boleua de esconder uma horrível cicatriz do pescoço. A «criolina», que foi uma das grandes modas do tempo dos nossos avós, foi ideada pelo célebre costureiro Worth, para permitir que a imperatriz Eugénia tomasse parte num baile da corte, não obstante o seu adiantado estado de gravidez. A bota alta, de foles, tanto em uso no século XVI, foi primeiramente usada por Francisco I com o fim de evitar os calos. A moda do salto alto deve-se á pequena estatura de Luís XV e o «rouge» pintou a face dos homens depois que Luís XIV o usou para disfarçar as covas das bexigas.

É também sabido que os casacos militares da infantaria e dos granadeiros napoleónicos acabaram por ficar só abotoados no pescoço, em atenção ao aumento da barriga de Bonaparte. A moda de conservar desabotoado o ultimo botão do colete, esta mais recente e ainda geralmente usada, teve origem na doença de que sofria Eduardo VII, considerado o homem mais elegante da Europa e é ainda em homenagem aos sofrimentos gástricos-desse monarca que continuamos com o ultimo botão fora da respectiva casa.

Muito haveria ainda para dizer sobre as manifestações físicas da vaidade, mas resolvo ficar-me por aqui. Voltarei talvez ao assunto, mas para encerrar as manifestações desse sentimento nos campos atinentes ás manifestações psíquicas.



da de lagos. Os nossos sábios puderam efectuar nessa região várias descobertas importantes, e encontraram a explicação de um fenómeno que se attribuia a causas vulcánicas e até mesmo a uma combustão de hulhas subterraneas. A cris-



Um explorador americano com o fato especial

tas paragens, quando a toda a volta o termómetro marcava 2 graus negativos, no oásis marcava 25 positivos. Efluvios de ar quente subiam do solo pedregoso. Por toda a parte correm regatos e cursos de águas. Nos lagos descobriram-se microscópicos seres vivos».

Desde então vários oásis foram recensados alguns em «formação», e a explicação é sempre a mesma.

Uma causa fortuita suprime o glaciar, mas lá onde ele existe e é volumoso (alguns têm centenas de quilómetros de comprimento e cinquenta de largo) serve de acumulador de frio. Está aliás, confirmado desde a origem da Terra, que o Antártico tem conhecido, como o resto do Globo, períodos sucessivos de aquecimento e de arrefecimento. Actualmente, reacquece-se, gradualmente. Jazigos de carvão foram descobertos, o que testemunha a existência de antigos pantanos onde detritos orgânicos se transformaram em hulha.

Foram também localizados locais com vestígios subterráneos.

O que é que os sábios procuram no Polo Sul

Julga-se hoje que toda a meteorologia mundial está condicionada a extraordinária massa de gelo do Antártico e isso explica também a de uma vida á que os cientistas se submetem nessas regiões. O programa de trabalhos das estações americanas compreendem o estudo de: auroras boreais, ionosfera, mag-

próprio
experien-
guiram
próprio
nabos.

O norte
homem

amores
sido o
Entr-
bios na
do sol
intern-
bios, e
ções q-
ce a
servi-
plo a
em qu-
argen-

A FRÁGIL ALFACE TORNA-SE SILVA OU URTIGA

(Continuação da 1.ª página)

tos e pelo agrado. Por seu lado as mulheres colocadas assim num pedestal sentiam-se envergonhadas de serem tão ignorantes. As escolas abriram-se às raparigas e o estudo das letras passou a ser honroso.

Beatrice de Die encontra um lugar entre os trovadores e escreve: «Aquele que me tomou, amo-o mais do que a tudo sobre a terra». Marie de Ventadour pretendia que a mulher fosse igual ao homem no amor: «A mulher terá o dever de honrar o seu amado», «como um amigo e não como um senhor». A história literária retém igualmente o nome da Dama de Casteldouze e de Clara d'Anduse.

A moda das belas-artistas, o luxo, as festas permitidas por uma relativa prosperidade material que começava a gozar-se, deram origem a novas formas da vida social.

As mulheres, objecto de atenções novas rivalizam em coqueteria: Etienne Fougères e muitos outros autores da época deixaram-nos descrições dos vestidos largamente decorados com longas caudas, das cintas luxuosas que comprimiam a cintura, de pelicas que se colocavam nos vestidos, peles aliadas a estofos de seda bordados luxuosos, sapatos estreitos, afilados, perfurados, os penteados muito erguidos, as cabeleiras enriquecidas com cabelo artificial, coroadas de argolas esculpidas, e de faixas douradas. E todos estes artificios e receitas de beleza: «rouge» para a face, líquidos para clarear a pele, cosméticos de fel de carneiro e de gordura de cão, pastas depilatórias de cal viva...

Concebe-se que os moralistas se tenham aterrozado: «a primeira virtude a ensinar às raparigas é a obediência» — escreve Philippe de Navarre. «Não é bom que uma mulher saiba ler e escrever senão para compreender a religião, porque uma

cardadoras, tecelãs, cabeleleiras, chapeleiras, parteiras, amas, etc. As fiadoras de seda e as tecelãs, constituem-se em corporação como os homens. Cada mestra tem direito a duas aprendizas e a aprendizagem dura de seis a oito anos. O livro dos ofícios dá a lista dos bordadores e bordadoras. Muitas mulheres são casadas e os maridos exercem outros ofícios.

Ordena-se que possam ser bordadores ou bordadoras quem queira, desde que saibam o ofício. Assim ninguém poderá trabalhar de noite, porque a obra de noite não pode ser perfeita. Esta interdição é válida



Alcoforado vista por Matisse

da para todos os ofícios e estende-se aos domingos e dias feriados. Jean de Garlande informa que as roupeiras se queixam de que os homens exercem o ofício de roupeiros usurpando funções que deveriam pertencer apenas às mulheres.

Esta independência relativa é consagrada pela nova jurisdição. As mulheres, primeiro excluídas da sucessão, são admitidas a herança. Podem ter feudos, e as viúvas obtiveram autorização para continuar a profissão do falecido marido na condição de se casarem com um aprendiz ou homem do ofício.

O trabalho deu às mulheres uma liberdade de movimentos que suscita



mulher instruída está pouco segura». E isto que parece sair do coração: «Uma boa educação permite às raparigas pobres fazerem casamentos ricos». Moral hipocrita, quanto ao resto: «Há mais vantagem num casto porte acompanhado duma virtude um pouco fraca, do que uma virtude robusta que não se faça acompanhar de boa maneiras e de aparência de inocência». Mas as mulheres gostaram da liberdade. Descobriram que a liberdade não é nada sem independência assegurada pelo trabalho. Jean Renaud, poeta do século XII, conta a história de uma rapariga nobre obrigada pelos acidentes do destino a viver como rapariga do povo e a ganhar o pão pelo trabalho. Foi exilada para longe dos seus e juntamente a filha duma pobre mulher que a recolheu acabou por ganhar dinheiro com o talento de costureira. Sabendo bordar a fio de ouro e seda, breve se instalou, aluga uma casa e recebe numerosas encomendas.

mas críticas, calúnias e malidicências. A corrente literária que se inspira na crítica às mulheres, e que, momentaneamente, renara pela acção dos trovadores, reaparece mais forte:

Jean-de-Meun, continua o «Romance da Rosa» de Guillaume Lorris mas ao contrário daquele que aconselhava aos homens a honrar as mulheres, este escreve: «Subtrai-te ao jugo imposto pela mulher» e o seu romance tão cruel para as mulheres, será o ponto de partida duma longa questão que se chamou «a guerra das rosas».

Quem toma agora a defesa das mulheres — e pela primeira vez na História — será uma própria mulher. Christine de Pisan. Numa série de poemas célebres toma corajosamente o seu lugar na batalha. A sua «Carta ao Deus do Amor» é uma verdadeira defesa judicial. Espiritualmente forte vira as costas quer aos detractores quer aos admiradores exagerados do sexo feminino. Encontra aliados em Jean Gerson e no preboste de Paris. Mas ela vai mais longe: numa outra obra aconselha as raparigas a que sejam mais instruídas.

A discussão vai durar toda a Renascença, mas, caluniada ou elogiada, as mulheres, no fim da Idade Média, tinham conquistado uma independência e liberdade que nunca mais deixaram pôr em questão.



Photo Roger Monner.

(Continuação da 1.ª página)

Um dia, ou antes, uma noite, vem o sonho... o pesadelo. Qualquer ideia que se associou, um facto decorrido que se avolumou no cérebro da criança, aí temos a inquietação e a angústia de mãos dadas.

A ideia de morte é das mais frequentes; no mundo afectivo da criança, ainda muito pequena. Uma filha minha, dizia-me um dia que lhe custava adormecer. Custava-lhe adormecer porque pensava em coisas tristes que lhe tiravam o sono. Que coisas tristes são essas? perguntei-lhe. E depois de alguma insistência, ela desabafou com voz trémula: «Gostava que morresse depois de mim». Explicando-lhe que, pela ordem natural das coisas, eu iria primeiro, embora isso pudesse dar-se só muitos anos depois, quando lhe não fizesse falta e ela tivesse já filhos também, ela teimou na sua. E acabou por completar aquela preocupação: «É que gostava de morrer agarrada à tua mão»...

Isto define, por si só, a que ponto, com a sua explicação, pode fazer mal à criança, tirar-lhe a espontaneidade, a alegria, a confiança na vida. Normalmente, não há o mínimo sentido das conveniências no que respeita a conversas próprias ou impróprias para as crianças. Pensa-se que a criança «não liga», «não percebe», «não está a ligar»... mas a criança está a ouvir, sim, com quantos ouvidos tem. Ouve e medita. E sofre. Cria um mundo de pavor. A criança não pode recorrer a si própria para resolver uma difícil situação. Recorre, evidentemente, aos crescidos. O adulto, com a sua explicação, pode diminuir ou agravar a tensão levantada por um mau sonho. O deixar

uma criança descobrir a verdade das coisas é um grande erro; a criança possui um equipamento ainda muito frágil, para poder, por si só, vencer grandes dificuldades.

O problema põe-se, por isso, aos pais, em primeiro lugar. É preciso ajudar as crianças, levando-as a resolver os problemas mais ou menos complicados, mas de uma forma simples e sábia, que não deixe dúvidas algumas que irão reflectir-se no seu comportamento.

A criança muito pequena, quatro anos por exemplo, tem da morte uma ideia muito limitada e quase puramente verbal. Antes disso, a morte não tem ainda sentido; mas o problema inverso — as origens da vida — já a preocupa, por vezes. Só passa a existir, quando a consciência da morte, da sua significação, lhe é sugerida afectiva e intelectualmente: começa a preocupá-la o desaparecimento da mãe e o isolamento, e desamparo que isso representa. Mas aqui, a morte está quase sempre ligada à violência, a morte causada pela determinação de matar! Por volta dos 7 anos, a morte torna-se mais pessoal; pode supor que também ela morrerá um dia e apresenta forte curiosidade por tudo o que se relaciona com a morte: enterro, cemitérios, etc. (o desenho infantil é um forte indicativo desta tendência). Aos 8 anos passa o interesse do enterro e do cemitério, para o «que se passa para além da morte». Aos dez aceita o problema filosoficamente, considera a morte como um fenómeno natural.

Ora, para a criança chegar a esta filosófica aceitação do problema que tanto a preocupa é preciso que os adultos a tenham auxiliado, lhe tenham feito compreender que a vida tem por base fisiológica a nutrição, o crescimento, a circulação e a respiração; e que a morte sobrevém quando estas características fundamentais acabam por faltar. A morte como processo biológico só pode ser posta à criança, quando esta está disciplinada para encarar as coisas pelo seu lado melhor. Antes disso, tudo o que se poderá fazer é criar um mundo ferido nos seus alicerces, um mundo que se desmorona.

Mais uma vez podemos dizer que a criança vê o Mundo pelos olhos do adulto. O optimismo, a coragem, a calma, a alegria, existem na criança sábia; mas não se desenvolvem, estas qualidades se o adulto não trabalhar para isso. A criança, deixada a si própria ou pior ainda, mal dirigida, poderá fazer da vida um conceito triste e pessimista, em contradição com a sua própria natureza. A psicologia da criança está,

intimamente, ligada ao seu sistema nervoso e a todo o seu organismo. Não podemos separar o espírito, do resto todo. Um espírito mal formado implica, sem dúvida alguma, todo um conjunto defeituoso. Nenhum adulto pode julgar a criança bastante maleável, como um pedaço de barro; a criança cresce — o barro não. Orientar a criança de maneira inteligente é mais difícil: tem de partir-se desta concepção de crescimento.

As relações criança-família têm uma importância maior do que se poderá imaginar: determina mesmo a estrutura primária da personalidade da criança. É preciso que haja harmonia nesta estrutura. É preciso que o adulto-família encare a vida da criança como qualquer coisa simples em que pode confiar. Deixemos, a criança, toda a sua confiança e o seu optimismo. Haverá algo de mais belo e de melhor que encerrar a vida de frente, sem receio de papões ou fantasmas negros da morte?

Seja previdente
minha senhora



tenha na sua mala
de mão

Cafiaspicina

comprimidos soberanos

contra mal-estar

• abatimento



MOVEIS

Comerciais e domésticos
modernos e todos os estilos
estojos e decorações

Encontra V. E. nos nossos estabelecimentos em exposição ou executamos nas nossas oficinas próprias por preços acessíveis e com facilidades de pagamento e troca.

Armazéns de móveis Jorge
Av. Almirante Reis, 35 (aos Anjos)

ARL, Rua Andrade, 64

104-114, Av. Almirante Reis, 186
(frente ao Cinema Império)

UM GRANDE ACTOR! A tragédia dum patriota que era «estrangeirado»

Por AUGUSTO DA COSTA DIAS

O caso passou-se numa pequena cidade da provincia, em festa. No pequeno teatro toda a gente se esforçava por levar a cena um destes dramalhões de faca e alguidar, que seria o numero mais importante dos festejos.

O principal papel da peça, drama dos mais negros e patéticos, obrigava em certa altura o actor a abrir a sua secretária donde retiraria um grosso maço de papéis da mais alta importancia, numa cena tão emocionante como indispensável, pois toda a acção futura andava á volta dessa papelada.

Na noite da estreia, no momento de atacar a grande cena, o actor procura em todos os bolsos e, nada de chave.

— Ah! (exclama ele, improvisando com desembaraço) onde é que estará essa maldita chave? Neste bolso? Ou será neste? Não. Veja-mos nesta gaveta.

Procurou em toda a parte e não encontrou da chave nem o rasto.

— Ah! (corajosamente, continua). Talvez a tenha no meu sobretudo. Mas não estava também no sobretudo.

O criado assume á porta e o nosso homem encontrando uma saída, diz-lhe:

— João, não viste por acaso a chave da minha secretária?

A resposta demora e o pobre actor já está aflito.

Então, enfia o chapéu na cabeça, veste o sobretudo e conclui:

— Bom, não há outro remédio. Tenho que ir procurar a minha mulher que foi á missa. É concerta ela que a traz consigo!

O pano desce.

Rápidamente, um carpinteiro de cena faz saltar a fechadura á martelada. E o pano volta a subir.

Muito senhor de si o heroi entra, com toda a calma e boa disposição, pela porta que tinha saído. Tira o chapéu e o sobretudo e diz:

— É como eu tinha calculado. Tinha a chave com ela. Estou farto de dizer que é preciso fazer outra por causa destas coisas. Agora já posso abrir a porta, pois tenho a chave.

E enquanto caminhava triunfalmente para a secretária, a porta, sem ajuda de ninguém, abre-se, lentamente.

Foi uma gargalhada geral no teatro, mas o persistente actor foi calorosamente ovacionado pelas suas qualidades de improvisador.

Como se teve ocasião de ver no

nosso primeiro artigo, Gomes Freire de Andrade só em Fevereiro de 1781 conseguiu conhecer Portugal. Fizera 24 anos em Janeiro e desde os 13 (altura do falecimento do pai, nosso embaixador na corte de Viena) que o jovem inicia a dolorosa odisseia de querer ser português. Durante esses longos anos, apesar das cartas que, por várias vezes, ele e a mãe dirigem ao Governo de D. Maria I, os resultados são sempre os mesmos: silêncio e abandono. Também os nossos representantes em Viena se interessaram pela miserável situação em que ficara a família de Ambrósio Pereira Freire de Andrade e Castro, mas sem melhor êxito. É possível que a Corte de D. Maria não sentisse qualquer interesse em ajudar a viúva e os filhos daquele que fora um dedicado auxiliar do marquês de Pombal, especialmente na sua luta contra os jesuítas. Por este motivo ou por outro qualquer, o moço Gomes Freire passará toda a adolescência na Áustria e na Boémia, pátria de sua mãe. Prepara-se o melhor que pode no conhecimento da língua e coisas do País a que teima em pertencer. Habitado á brilhante, embora superficial, civilização vienense (onde é forçado a fazer figura de «parente pobre»), imagina talvez Portugal com as tintas maravilhosas que o sonho e o desejo reforçados com distancia sempre produzem.

Que decepção! O Portugal de 1781 é um anacronismo europeu, uma curiosidade arqueológica, onde só uma análise percuciente e repousada alcançaria encontrar os indícios de um pensamento renovador que se lançava á dura tentativa de actualizar a carcomida estrutura mental do País. Mas Gomes Freire não terá ensejo para essa análise, ou, se o teve, não é, por então, nos escotos dos «estrangeirados» que fixa a sua actividade: apenas o apresentam á família e á Corte, assenta praça, como cadete, no Regimento de Peniche, ascendendo, em Outubro do ano seguinte, ao posto de alferes. Pobre e sem padrinhos, a carreira das armas é a que se lhe apresenta mais favorável.

Mas aqui mais uma vez se afirma um dos traços característicos do futuro justicado de São Julião: sua vida correrá quase toda longe da pátria, onde nem a morte lhe consente os três palmos de terra mal medidos. Em 1784 embarca na Armada luso-espanhola, contra os piratas berberescos; distingue-se

pela bravura, no ataque a peito descoberto contra a bateria do Escoclo; finda a luta, regressa ao País, segue a carreira da Marinha até ao posto de tenente de mar, mas acaba por voltar ao seu antigo regimento onde, em 1788, sobe a sargento-mor.

Nesse mesmo ano, escreve-lhe, de Viena, o velho amigo H. Julien, oficial do Exército austriaco. Dá-lhe uma notícia que, mais uma vez, o afastaria de Portugal:

«Como sabe, o nosso grande monarca, o illustre José vai entrar em guerra com os Turcos; o regimento onde estou pertence ao numero dos que partem e pertencemos ao corpo destinado ao assedio de Belgrado; vimos da Boémia e da Morávia para embarcarmos aqui, no Danubio. Os oficiais e os soldados morrem-se de impaciência para vir ás boas com estes orgulhosos Otomanos e contamos fazer-lhes sentir a ponta das nossas balonetas. Os soldados têm uma raiva fanática contra os Turcos; brevemente ouvireis falar, nas «Gazetas», da bravura alemã.

Diz-se que o grão-visitir virá em pessoa, com todas as forças reunidas do império otomano abater-se

Quando, pela bravura manifestada na tomada de Oczakow, recebe a Cruz de Cavaleiro de S. Jorge e está a pontos de subir ao posto de tenente-coronel do exército russo, facto notável num estrangeiro, ele comenta o acontecimento nestes termos:

«Eis-me Cavaleiro de S. Jorge, mas não é tudo, pois também estou em vésperas de ser promovido a tenente-coronel e, provavelmente, de receber o comando de um batalhão de Caçadores. Fiz tudo o que de mim dependia para dar honra ao uniforme do Exército Português...»

Fizera, de facto. O tenente-coronel Irakli Markow passou a seu respeito o certificado de alto interesse que vamos transcrever:

«O Cavaleiro Freire, Primeiro Major do Segundo Batalhão do Corpo de Caçadores Livónios, encontrou-se sob as minhas ordens durante o cerco de Oczakow, demonstrando a maior bravura, distinguindo-se sobretudo no assalto á cidade, sendo um dos primeiros no vedente e, depois da tomada do intrincheiramento, foi por mim enviado com diversas ordens que cum-

«Se a corte (portuguesa) não faz qualquer coisa por mim, não sei para que lado me hei-de voltar. Decidi-me ainda uma vez, a escrever ao sr. Pinto (ministro da guerra de D. Maria) a carta anexa que peço a V. Ex.ª lha entregue, e uma cópia da mesma para Petersburgo, a fim de que uma ou outra cheguem até vós. Não peço gratificações, mas apenas que me deem um avanço, durante a minha ausência, de seiscientos mil réis por ano, e que retenham em seu poder até ao meu regresso, a importancia dos meus soldos. Recuso que me recusem, porque o sr. Pinto nem sequer respondeu á carta em que lhe pedia, como ministro da Guerra, solicitasse, da Rainha, licença para usar a Cruz de São Jorge (...). Todas as cortes cujos oficiais receberam a Cruz encarregaram os seus embaixadores de cumprimentar aquelas (cortes) por tal facto, e nenhuma, salvo a nossa, não testemunhou ao menos que sabia que um destes oficiais a tinha recebido; e no entanto eu fui ganhá-la, lá, onde nenhum outro a foi conquistar!».

De facto nem uma palavra de louvor lhe enviaram. Fingiram totalmente esquecer os feitos em que se distinguira o seu compatriota. Custava muito ser-se português!

Entretanto Gomes Freire prossegue a sua notável actividade nas fileiras do exército russo: suspensas as operações na frente oriental, ele pede para entrar ao activo contra os suecos, no que é atendido prontamente.

De novo os nossos representantes diplomáticos têm ensejo de falar em Gomes Freire. Em officio de 27 de Agosto de 1790, Noronha Torrezaõ comunica ao Governador da Senhora D. Maria:

«Chegou já a esta capital o príncipe de Nassau, que foi muito bem recebido de S. M. Imperial; e vários officiais que serviram com ele: deste numero é o Comendador Gomes Freire de Andrade, de quem o príncipe de Nassau e os officiais seus companheiros louvaram muito a bravura e a actividade com que serviu. A sua bateria flutuante foi a pique e ele foi o ultimo que saiu dela, perdendo toda a sua equipagem».

E em 24 de Setembro:

«O Comendador Gomes Freire de Andrade recebeu ontem uma Espada de Ouro com a inscripção «Pelo seu valor», que S. M. Imperial lhe mandou dar pelo Príncipe de Nassau. Faz gosto ouvir os elogios, que não só os chefes, mas os seus companheiros, fazem da bravura, do zelo e da actividade do Comendador Gomes Freire de Andrade».

Quando, no nosso tempo, um cripto-historiador teve o arrojo de baptizar o illustre e desgraçado general como o título de «mau carácter, mau soldado e mau português», vem muito a propósito relembrar todos estes documentos.

SOLDADO EM TERRA ALHEIA

sobre nós. A Asia vomitará hordas de bárbaros; mas, com o auxilio do Todo Poderoso, nós zurzi-los-emos; haverá uma batalha como a Europa nunca viu. Nós andaremos por duzentos e oitenta mil combatentes; os Turcos, ao que se afirma, contam uns setecentos mil.»

A carta é datada de 12 de Março; pois mês e meio mais tarde, em 28 de Abril, já, Martinho de Melo e Castro, secretário de Estado dos Estrangeiros, enviava ao embaixador português na Rússia o seguinte despacho:

«Gomes Freire de Andrade, que obteve licença da rainha Nossa Senhora para servir nos Exércitos da imperatriz na presente guerra contra os Turcos, mereceu também a Sua Majestade a honra de o mandar recomendar a V. S.ª para que o apresente á mesma soberana e aos seus ministros; e lhe procure todas aquelas distincções de que se faz digno pelo seu nascimento e pelas suas qualidades; facilitando-lhe quanto for possível, os meios de adiantar os conhecimentos militares adquiridos pela sua applicação, e de verificar as esperanças que o seu génio e actividade até agora constantemente deram de criar nele um official muito distinto e muito util ao serviço de sua majestade.»

Em 13 de Junho Gomes Freire chega á capital russa. Qual o seu intento? Di-lo numa carta: «vai de Lisboa a Oczakow para ser um dia util á pátria».

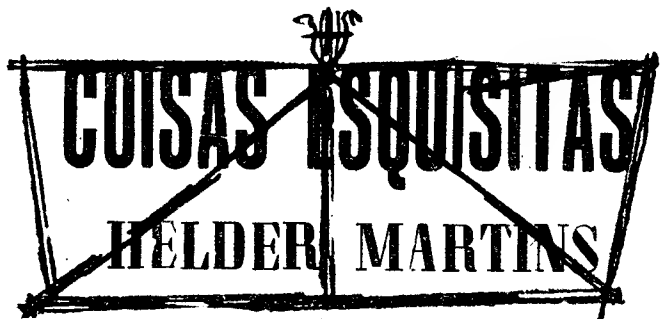
priu com o maior zelo e exactidão, do que não deixei de informar o Chefe Supremo e em fé do qual lhe passo este certificado».

O embaixador português na Corte de Catarina II, officia ao seu governo que a imperatriz convidara Gomes Freire para uma cerimónia no Palácio do Ermitage, «o que — conclui — aqui é uma grande distincção».

O nosso compatriota continua, entretanto, a fazer brilhante carreira. Mas como o recompensa o Governo de D. Maria? O moço official queixa-se da extrema penúria em que vive, obrigado a pagar «foragens e comida a peso de ouro»; escreve carta sobre carta; a resposta é a mesma que obteve em Viena, ao ficar orfão: silêncio, abandono.

Vale a pena ler as suas desesperadas palavras, dirigidas ao primo, o Marquês de Pombal (filho):

«Eis-me no fim de uma segunda campanha não menos penosa que a primeira, em virtude das grandes marchas que fizemos, e não menos custosa, pois, aqui, pagamos as foragens e comida a peso de ouro; provi a tudo, mas cheguei ao fim dos meios que tinha para fazer face ás despesas que se é obrigado a fazer, não para viver decentemente mas apenas para sobreviver. Comi até ao fim de Novembro as minhas rendas do ano; contudo não posso viver sem dinheiro até ao mês de Maio».



TOADA SALOIA ENAMORADO COISAS ESQUISITAS A GRAÇA DA JOANINHA

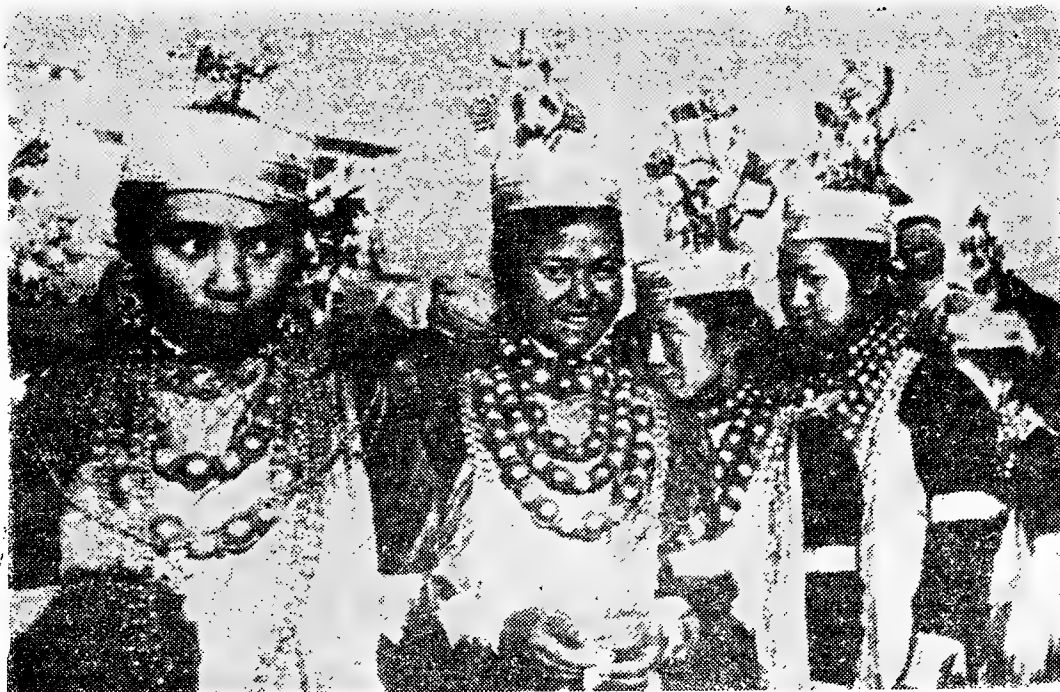
DISCO PARLOPHONE CGEP 25

Traduzir em movimento as palavras fáceis o conteúdo inerte de uma ideia difícil, eis o propósito desta breve nota explicativa. Ora «Coisas Esquisitas» são, por exemplo, a quadratura do círculo, a pedra filosofal, a teoria da relatividade... Neste caso, porém, «Coisas Esquisitas» nada mais é do que um título. Talvez um pouco estranho e subjectivo, mas, na verdade, pretexto natural e sólido para que Helder Martins — um «novo» cheio de qualidades excepcionais —, enfrente a crítica com o sentido da própria sensibilidade artística e a frescura musical do seu conjunto. Ao talento pessoal de Helder Martins, á serenidade do estilo, ao colorido do arranjo instrumental, ficam estes quatro minutos gravados a dever a maior parte do êxito.

Discos publicados pela

Estabelecimentos VALENTIM DE CARVALHO, LDA.

R. Nova do Almada, 97



Rapargas representando algumas provincias da India, em Nova Delhi, durante as comemorações da Independência



há enormes serviços de planificação que ocupam muita gente, coisa que entre nós pouca gente retém. Não vamos também indagar porque é que um operário ou um camponês «produz» e um ferroviário e factor não produz. Para falar nisso iríamos muito longe.

Do que queremos falar é do paradoxo a que se assiste desde há meio século em que cada vez há menos pessoas ocupadas directamente na produção de bens. Nos Estados Unidos, por exemplo, a população total passou de 76 milhões de indivíduos em 1900 para 173 milhões em 1957. Mas o numero de pessoas que trabalham na agricultura baixou de 11 milhões para 5,5 milhões. Os operários passaram de 8,6 milhões para 20 milhões. Aumentou, mas dado o crescimento da população e a industrialização crescente seria de esperar mais. Pelo contrário, são os trabalhadores «não produtivos», no sentido largo da palavra que se multiplicaram de uma maneira fabulosa: 7,5 milhões para 31 milhões.

Em França não é tanto, mas a tendência é a mesma: a população passou de 39 milhões em 1906 para 44 milhões, hoje. Os trabalhadores agrícolas passaram de 8,8 para 5 milhões; os operários, de 6 milhões para 7; e os «não produtores» de 5 para 7 milhões.

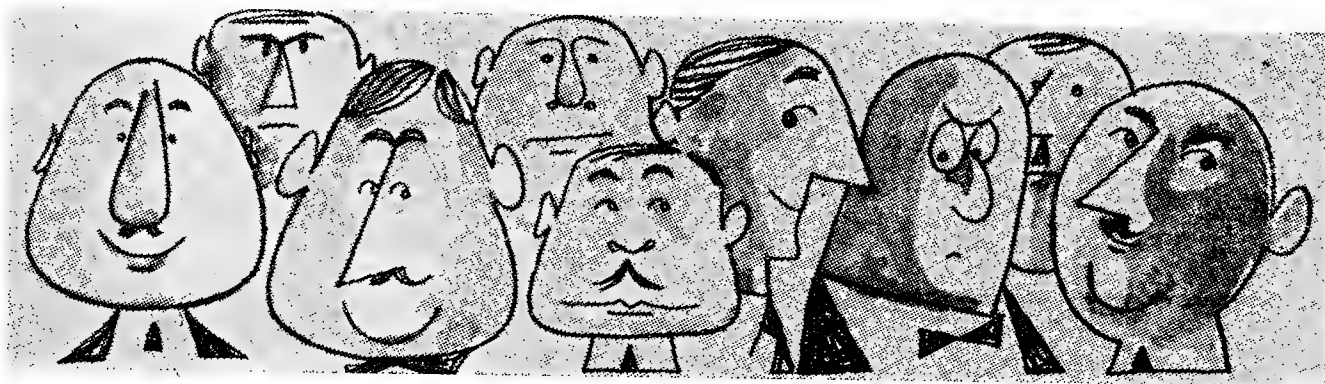
E quanto a comerciantes? No princípio do século em cada 1.000 que trabalhavam em França haviam 66 comerciantes e empregados do comércio. Hoje há 100.

O peso de aço de cada habitante não pode simbolizar o poder económico do país a que pertence. A ser assim o pequeno ducado do Luxemburgo seria o mais poderoso Estado do Mundo, pois detém um «record» verdadeiramente imbatível. Sendo como é um dos mais pequenos países, a sua produção de aço por habitante foi de 11,263 quilos em 1958, enquanto que a média mundial foi de 100 quilos por cabeça (o dobro, aproximadamente, em relação a antes da guerra). Uma outra pequena região, aliás, vizinha do Luxemburgo, o Sarre, oferece igualmente um numero impressionante: 3.436 quilos.

Claro que se não podem tirar conclusões de tais «records». As populações são fracas, as superfícies são insignificantes e o acaso geográfico fez com que o subsolo fosse quase unicamente constituído por mineral de ferro e de carvão.

Os numeros em relação aos principais países são: Bélgica, 674 quilos; Estados Unidos, 451; Alemanha Ocidental, 432; Checoslováquia, 410; Grã-Bretanha, 392; França, 339; U. R. S. S., 274; etc. A China que no ano de 1958 já ocupava o 7.º lugar na produção nem aparece neste numero pois para que

3 HISTORIAS PROIBIDAS



A estagnação ou depressão económica, diremos mesmo, a crise que, desde há algum tempo, vem afectando os países ocidentais, não ajuda muito as boas relações entre si. Cada um deles tenta defender-se restando as importações a fim de limitar o desemprego, e, por fim, ninguém se entende.

Há, presentemente, vários mal-entendidos que se têm vindo a avolumar, originando uma atmosfera carregada de nuvens negras, que no horizonte anunciam forte tempestade. Não é por isso de estranhar que perante ameaça de chuva, cada um abra o seu chapéu e se abrigue o melhor que pode.

E assim, nesta época de «mercados comuns» e de «zonas de livre troca» ressurgem um novo protecctionismo que ameaça durar o tempo que durar a crise.

O aspecto mais espectacular dessa política vem da América (e não do Entroncamento) com a fixação pelo Governo dos Estados Unidos dos contingentes de importação para o petróleo. Londres protestou ruidosamente pela boca do seu ministro do Comércio Externo, e os protestos aumentaram ainda mais quando a pressão americana forçou a organização internacional da aviação civil a rejeitar um sistema inglês de navegação aérea em proveito de um sistema idêntico americano. E tornou a subir de tom quando uma proposta, britânica para a construção de uma grande central eléctrica foi rejeitada «por razões militares» em proveito de uma americana que era mais alta.

Subiu ainda mais a indignação quando Washington impôs contingentes às importações de chumbo e de zinco, o que afectou directamente a Austrália e o Canadá, países da Comunidade.

Mas a Inglaterra também não está inocente. Nos Países-Baixos, critica-se ázperamente o «protecctionismo britânico» por ter aumentado em 50 % os direitos aduaneiros para as flores holandesas que diariamente chegam a Londres para enfeitar e perfumar as frígidas casas das loiras «lady».

Pior do que isso é a história do tráfego aéreo com Singapura. A companhia holandesa KLM fazia duas vezes por semana a ligação com esse grande porto do Sudoeste Asiático e o Governo inglês proibiu aos aviões holandeses de lá poisar mais do que uma vez por semana — em proveito da B. O. A. C., inglesa.

Também os 6 países do «Mercado Comum» estão a estudar medidas de protecção contra o que classificam de «concorrência algodoeira anormal».

O protecctionismo em economia liberal é uma arma de dois gumes.



que pode virar-se contra quem a usa. De qualquer modo é, neste caso, o resultado de fortes perturbações que afectam a economia geral, cujas consequências se fazem sentir no baixo poder de compra dos países produtores de matérias-primas. As exportações inglesas baixaram sensivelmente, para a Nova Zelândia, 47 %, Africa do Sul 20 %, Rodésias 27 %, Malásia, 25 %, Austrália, 16 % e India, 13 %. A situação é praticamente a mesma em relação aos países da América do Sul.

Não há duvida de que a chuva começa a cair forte nesse terreno...



Muitas vezes se houve esta pergunta atrevida: Não haverá muitas pessoas ocupadas em trabalhos não produtivos?

Não se trata agora de saber o grau de utilidade social de esta ou aquela profissão, tanto mais que aquelas que parecem indispensáveis num regime económico não são noutra. Assim, no Ocidente, há numerosas pessoas ocupadas na publicidade e nos serviços da Bolsa, coisa que não há nos países do Leste: inversamente nestes ultimos

Mas se repararmos nos Estados Unidos a percentagem é outra: em 1900 haviam 2.500.000 trabalhadores comerciais e em 1957 eram mais de 11 milhões. Em cada mil americanos 178 têm actividades comerciais. Não se pode dizer que seja pouco...

a cada chinês fosse atribuída a capitação de um inglês seria preciso que a sua produção atingisse 250 milhões de toneladas, isto é, aproximadamente a produção total do Mundo inteiro neste momento.

E' muito importante saber ler os numeros...



DIA 5

EM PORTUGAL — O secretário do Comércio fez um discurso no Porto indicando os auxílios que o Governo tenciona dar para as exportações. Na Avenida desfilaram marinheiros, no Dia da Marinha. Foi nomeado comandante da Polícia de Viação e Trânsito o capitão Fontes Pereira de Melo. Na Marinha Grande, foram inauguradas 18 salas de aula em oito edifícios escolares. Em Tomar, um cortejo de Cavalaria dos Templários comemorou o oitavo centenário da cidade. Foram eleitos novos dirigentes da Federação Portuguesa de Futebol, com a presidência do sr. Francisco Mega. Foi nomeado presidente da Comissão Coordenadora do Serviço Social Corporativo, o dr. E. Belo Salgueiro.

NO ESTRANGEIRO — O presidente Sukarno dissolveu o Parlamento da Indonésia. O rei Mahomed de Marrocos, declarou-se disposto a empenhar a sua fortuna pessoal para a reconstrução de Agadir. Quando praticava esqui, caiu e torceu um pé, o rei Balduino da Bélgica. No Estado de Santa Catarina, no Brasil, as grandes inundações deixaram mais de mil pessoas sem lar.

DIA 6

EM PORTUGAL — O ministro da Presidência visitou a barragem do Picote e as minas de ferro, em Moncorvo. Em Tomar continuaram as comemorações centenárias da cidade, com parada militar e missa campal. Nos jogos do Campeonato Nacional de futebol: Benfica, 2-Atlético, 1; Belenenses, 4-Leixões, 0; Setúbal, 1-Sporting, 7; Braga, 0-Porto, 0. Em Lisboa, morreu inesperadamente o grande escultor João da Silva. Faleceu em Cascais o pintor Romano Esteves.

NO ESTRANGEIRO — Na região de Agadir, continua a haver tremores de terra. Harold MacMillan foi eleito chanceler da Universidade de Oxford. Correm boatos de conversações secretas entre Paris e os chefes rebeldes argelinos. Oficialmente se diz não haver peste em Agadir onde prossegue a desinfectação das ruínas. Na constituição de Ghana prevê-se um Governo presidencialista.

DIA 7

EM PORTUGAL — O embaixador Paulo Carneiro foi agraciado com a grã-cruz de Cristo pelo Chefe do Estado. Ao prof.

**JOÃO CÂNDIDO
BELO & C.ª, L.ª**

**VILA FRESCA DE AZEITÃO
PORTUGAL**

Telefones: 028029-028062-028078

**A TRANSPORTADORA
SETUBALENSE**

Serviço público de transporte de passageiros, na maior rede de camionagem do País. 220 viaturas percorrendo 23.000 quilómetros diários. Aluguer de autocarros para todo o País e estrangeiro.

**«BELOS» — AGÊNCIA
DE VIAGENS E TURISMO**

Av.ª 5 de Outubro, 52 — Tel. 23291
SETUBAL — PORTUGAL

Excursões para todo o País e estrangeiro em autocarros de luxo. Concessionários exclusivos de circuitos na ZONA TURÍSTICA DA ARRÁBIDA.

«CIRCUITO TURÍSTICO DA REGIÃO DOS 3 CASTELOS»

«CIRCUITO TURÍSTICO DA SERRA DA ARRÁBIDA»
CONSULTE OS NOSSOS PREÇOS, ITINERÁRIOS E CALENDÁRIOS DE VIAGENS

Freitas Simões foi prestada homenagem pelas suas qualidades, ao atingir os 70 anos. Na S. N. B. A. foi inaugurada a Exposição de Arquitectura Finlandesa. No mar de Timor naufragou um barco que andou á deriva durante 5 semanas, morrendo 12 tripulantes á fome e á sede.

NO ESTRANGEIRO — Diz-se que está em actividade um submarino ao largo de Agadir, prevenindo-se a formação de uma ilha no mar. Anthony Armstrong-Jones completou 30 anos recebendo um automóvel como prenda da sua noiva a princesa Margarida. Anuncia-se que a princesa Suga, filha do imperador do Japão, vai casar com um empregado bancário.

DIA 8

EM PORTUGAL — Partiu para Londres em visita oficial o ministro dos Negócios Estrangeiros. Foi nomeado conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça o dr. Diogo Osório da Cunha Mesquita. Foram promovidos a brigadeiros os coroneis Mário da Conceição Almeida, Fernando Marques de Oliveira e Mário Pereira da Silva. Foi assinado o contrato colectivo de trabalho para os tripulantes da navegação fluvial do rio Tejo. Em Aveiro foi comemorado o centenário do nascimento do jornalista Homem Cristo. Os cadetes brasileiros apresentaram cumprimentos ao sr. Presidente do Conselho. O secretário do Comércio partiu para Viena a fim de participar numa reunião da Associação Europeia de Comércio Livre.

NO ESTRANGEIRO — Em Paris fala-se do conflito entre o presidente de Gaulle e o Parlamento. O foguetão «Atlas» executou uma rotação em voo sem se desviar da trajectória. Eisenhower declarou em Washington que há divergências entre os Estados Unidos e a América Latina. Em Roma o chefe do grupo cristão-democrático do Senado, Pic-

cioni, não aceitou o convite para formar Governo. O primeiro-ministro de Israel chegou aos Estados Unidos em visita oficial.

DIA 9

EM PORTUGAL — Partiu para o Rio de Janeiro, a missão dos cadetes brasileiros que esteve de visita a Portugal. Na Casa do Alentejo, o prof. Vitorino Nemésio proferiu a primeira conferência da série «O Romance Contemporâneo», promovida pela Sociedade Portuguesa de Escritores, sob o patrocínio da Fundação Gulbenkian. O ministro da Marinha visitou as instalações dos Pilotos da Barra. Em Almada foi inaugurada uma delegação da «Alliance Française». Faleceu o antigo deputado dr. Francisco Menano, presidente da direcção da Companhia Eléctrica das Beiras. Em Almada foi condenado a vinte anos de prisão um homem que estrangulou uma criança no Pinhal da Charneira.

NO ESTRANGEIRO — Istambul foi sacudida por um abalo de terra, mas sem estragos. O palácio do presidente da Indonésia foi metralhado por um avião que desapareceu com o piloto cujo pai fora preso há três semanas. Em Londres, o ministro dos Negócios Estrangeiros de Portugal avisou-se com MacMillan. António Segni foi encarregado novamente de constituir ministério. Nikita Kruchchev enviou uma carta a Eisenhower supondo-se que sobre a viagem do presidente dos Estados Unidos á Rússia.

DIA 10

EM PORTUGAL — Passou por Lisboa o presidente da República do Peru, dr. Manuel Prado, tendo sido recebido pelo Chefe do Estado. Em Alverca foi inaugurado o Depósito-Geral do Material da Força

Aérea. O prof. Freitas Simões foi louvado pelo ministro da Saúde que deixou de exercer as funções de director do Hospital de Santa Maria. Na Assembleia Nacional foi homenageada a memória do poeta Correia de Oliveira. Na Casa da Imprensa foi inaugurado o II Salão de Arte Moderna. Morreu em Coja o antigo ministro da Justiça, dr. Alberto de Moura Pinto.

NO ESTRANGEIRO — A comissão jurídica do Senado da Califórnia rejeitou, por 8 votos contra 7, a proposta do governador Brown para a abolição da pena de morte. Foi preso, perto de Bandung, o piloto militar que metralhou o palácio presidencial de Djakarta. Em Tóquio a princesa Suga, filha do imperador do Japão, casou com um plebeu, empregado bancário. O primeiro-ministro de Israel, David Ben Gurion, conferenciou com o presidente Eisenhower. Na cidade peruana de Arequipa fez-se sentir um violento tremor de terra.

DIA 11

EM PORTUGAL — O almirante Paulo Viana foi nomeado comandante da Base Naval de Lisboa. O Aero Clube de Portugal comemorou o seu aniversário da fundação. Foi dado o nome de Ferreira do Amaral a uma rua de Lisboa, evocando-se a sua memória.

NO ESTRANGEIRO — Anuncia-se em França que um inquérito chegou á conclusão de que o descarrilamento do rápido Paris-Costa Azul foi provocado. Em Cabo Canaveral explodiu um foguetão quando era lançado. Em Viena começou a conferência ministerial da Associação Europeia do Comércio Livre. Nela participam o secretário do Comércio dr. Correia de Oliveira. Moreu em Paris o economista Edouard Payers. Em Londres o dr. Marcello Mathias terminou as suas conferências com Selwyn Lloyd.

Comentário internacional

Perspectivas para o alto nível

Em meados de Maio reunir-se-á em Paris a conferência de alto nível. A sua realização representa um acontecimento de excepção importância. Porque? Porque com ela voltam a juntar-se, em volta da mesa das negociações, os vencedores da última guerra. Outras, com a mesma composição se reuniram anteriormente. De onde resulta, então a significação especial da que vai realizar-se dentro de dois meses? De se tratar nela exclusivamente — ou pelo menos predominantemente — da sorte dos vencidos. Em relação á situação existente nos últimos doze anos, isto é depois de 1943, pode dizer-se que se trata de uma inovação.

O que se alterou profundamente, desde a viagem aos Estados Unidos do chefe do Governo soviético, foi a agenda dessa conferência e a ordem de precedência dos assuntos a tratar nela. Em Setembro do ano passado, quando daquela visita e do encontro de Camp David, estava assente que na agenda o problema do desarmamento ocuparia o primeiro lugar e o lugar mais importante. Depois esta intenção modificou-se. As razões da modificação foram várias. Mas é incontestável que uma delas, talvez a mais expressiva, foi a série de vicissitudes que se registaram na política interna da República Federal e no seio da aliança atlântica.

O chanceler Adenauer abandonou o propósito de se deixar eleger para a chefia do Estado e confirmou a sua autoridade como chefe do Go-

verno, inspirador e artífice da política externa do seu país e, em certa medida, da da aliança ocidental. O advento da V República em França e a crescente influência do general de Gaulle na evolução da coligação ocidental, exercida directa ou indirectamente, emprestaram novas perspectivas ao problema alemão. Este passou a ser o principal motivo de inquietação para os dirigentes soviéticos.

Este estado de espírito, latente em Novembro de 1958, quando foi enviada ás nações ocidentais a nota de Kruchchev sobre Berlim, radicou-se definitivamente e a U. R. S. S. não ocultou, nos últimos meses e sobretudo nas ultimas semanas, que se propõe colocar os seus aliados durante o conflito perante um dilema que se estadeará na conferência de alto nível e cuja gravidade é superfluo pôr em relevo. Para os Russos, que supõem ter beneficiado no campo diplomático da alteração que se deu desde o fim de 1957 na balança de forças mundial, chegou o momento de liquidar as sobrevivências do conflito, terminando há quinze anos, com a celebração de um tratado de paz com os vencidos de então. Essa atitude, a ser levada até ás ultimas consequências, significaria uma transformação revolucionária na situação, no equilíbrio da coligação ocidental, na missão da aliança atlântica e nas

relações da República Federal com os seus aliados.

Que é essa a intenção dos dirigentes soviéticos não há dúvidas. A dúvida está em saber até que ponto as nações ocidentais, sem exclusão do principal interessado, a Alemanha Ocidental, estão na disposição de lhe corresponder em nome do espírito de Camp David e, em caso contrário, se os Russos correrão o risco de uma política mais enérgica pondo em prática as suas ameaças, formuladas nos últimos tempos — realização de um tratado de paz separado com o Governo da Alemanha Oriental, entrega aos agentes desse governo da fiscalização das vias de acesso a Berlim e pressão crescente sobre a população desta cidade nos planos económico e psicológico. Se assim fosse, estaríamos perante o reacender da guerra fria, com as suas características mais violentas.

É evidente que no campo ocidental se recusaram, até agora a encerrar essa hipótese, o que se justifica tendo em conta as divergências nele existentes sobre o melhor caminho a seguir para negociar com os Russos a liquidação definitiva da guerra. As visitas aos Estados Unidos do chanceler Adenauer e do «mayor» de Berlim Ocidental, Brandt, contam no lado positivo do balanço ocidental. No lado negativo figuram a orientação da política externa britânica e o facto de os Estados Unidos terem mergulhado já na campanha eleitoral, a qual se prolongará até Novembro.

É corrente em Paris a versão de que, até ao final do corrente ano, haverá uma importante recomposição ministerial, a qual abrangerá o chefe do Governo, Debré. Este substituirá, na presidência do Conselho do Estado, o professor René Cassin, um fiel do general desde a primeira hora da Resistência que foi atingido pelo limite de idade. Seria uma compensação honrosa, dado que o actual chefe do Governo é um perito de assuntos jurídicos de alta qualidade e merecida reputação.

A candidatura do secretário-geral do Partido Socialista, Guy Mollet, á sucessão do sr. Debré parece irremediavelmente comprometida depois das últimas declarações do general de Gaulle durante a sua recente viagem á Argélia feitas aos oficiais do Exército que ali se encontram. Essas declarações apagam o traço de união entre o regime degaullista e o Partido Socialista, o qual proclamava, até aqui, que o general fazia a sua própria política na Argélia. Esse argumento deixou de ter validade.

O primaz da Polónia, cardeal Wyszyński, acaba de dar mais uma prova do seu espírito de conciliação em relação ao Governo comunista de Varsóvia e á União Soviética. O arcebispo de Kielce, mons. Kzmarek, cuja atitude antigovernamental se tornara notória, foi por ele enviado para uma estância terminal dos Carpatos, Krynicia, onde lhe fixaram residência. Esta decisão foi vista nos meios católicos da Polónia e no estrangeiro como uma nova concessão para melhorar as relações entre o Estado e a Igreja naquele país.

No programa da viagem de Kruchchev a França foi incluída uma diversão que causou espanto justificado a quantos dela tiveram conhecimento. O chefe do Governo soviético manifestou desejo de visitar, demoradamente, o castelo de Brede, onde quer ver os aposentos de Montesquieu e consultar os manuscritos deixados pelo famoso autor do «Espírito das Leis». Trata-se, segundo afirmam de fonte soviética, de estudar as origens do direito público ocidental, tal como ele foi criado por um dos seus mais eminentes e expressivos fundadores.

Nos bastidores da campanha eleitoral, que pode considerar-se aberta nos Estados Unidos, avulta com um relevo cada vez maior, a figura do antigo senador e governador de Connecticut, Chester Bowles. Este categorizado dirigente do Partido Democrático desempenhou algum tempo as funções de embaixador na União Indiana, sendo considerado como o mais activo amigo do Pandita Nehru no seu país. Não se exclui a hipótese de o seu nome, em última instância, ser apresentado como candidato do partido em que milita.

OPTIMAS APLICAÇÕES DE CAPITAIS

Possue a EMPRESA PREDIAL NORTENHA, em condições vantajosas para os Senhores Capitalistas. Prestamos toda a assistência e garantimos todos os investimentos. Consultando-nos tem vantagens.

**EMPRESA PREDIAL
NORTENHA**

«Colham Referências»

LISBOA
Praça da Alegria, 58-2.
Tels. 366812 - 32228

PORTO
Praça D. João I, 25-1.
Tels. 26706 - 30181

A quem pedir

responsabilidades
PELO QUE SE PASSOU?

Numa imprudente tentativa de salvamento do arrastão espanhol «Virgen del Sufrágio», encalhado próximo da barra de Faro-Olhão, perdeu a vida o marítimo José Carlos que deixou na miséria a mulher e quatro filhos. Segundo lemos num cotegia, cinquenta e seis homens receberiam uma remuneração se desencalhassem o barco, se tal não conseguissem — e não conseguiram — não receberiam nada.

Em face do desastre, que roubou a vida a um chefe de família, o que causou geral indignação, os trabalhadores abandonaram a arrastada empresa.

Perguntamos: por que lei se regeu o empresário do desencalhe para contratar homens sem quaisquer garantias e quem foi o técnico incumbido de uma operação de tanta responsabilidade? Sim, porque não se pode confiar o desencalhe de um navio a qualquer curioso.

Perguntamos também: quem indemniza a família do desgraçado que perdeu a vida e que ficou reduzida a mais negra miséria?

Para factos de tanta gravidade chamamos a atenção dos srs. capitães dos portos de Faro e de Olhão, que certamente não sancionariam uma tentativa de desencalhe sem que a mesma estivesse confiada a um técnico responsável, igualmente chamando a atenção do sr. delegado do Instituto Nacional de Trabalho para o modo como foram contratados os trabalhadores, sem qualquer garantia da retribuição do seu esforço.

Gostaríamos que abusos deste género tivessem o devido correctivo da parte das autoridades... e ficamos à espera, nós, a opinião pública, a viúva e os órfãos.

(Jornal do Algarve, de Vila Real de Santo António).

POLICLINICA

DA RUA DO OURO

Entrada: RUA DO CARMO, 982.
Dr. Amaro d'Almeida — Medicina, coração e pulmões — às 18 h.
Dr. Coelho de Castro — Cirurgia, ossos e articulações — às 18 horas.
Dr. Miguel de Magalhães — Rins e vias urinárias — às 13 horas.
Dr. Romão Loft — Doenças nervosas, electroterapia — às 14 h.
Dr. António Ferrão — Doenças nos olhos — às 14 horas.
Dr. Mário Jacquet — Fisioterapia — às 16 horas.
Dr. Casimiro Affonso — Doenças das senhoras e operações — às 15 h.
Dr. Gonçalves Coelho — Doenças das crianças — às 18 horas.
Dr. Pinto Bastos — Boca e dentes, prótese — às 10 horas.
Dr. Luís Malheiro — Pele e sifilis — às terças, quintas e sábados, das 14 às 16 e 30 horas.
Prof. dr. Alen Saldanha — Raios X — às 16 horas.
Dr. A. de Barros Simão — Garganta, nariz e ouvidos — às 16 h.
Dr. Fernando Vasconcelos Dias — Estomago, figado, intestinos e doenças ano-rectais — às 18 horas.

AUTOMOTORAS

PANORÂMICAS

Os caminhos de ferro franceses puseram recentemente ao serviço nas suas principais regiões de turismo um novo tipo de automotoras que pela disposição especial da sua construção permitem uma ampla vista sobre o exterior.

Estas interessantes automotoras dispõem de dois andares — um à altura normal, com duas divisões nas extremidades, outro na parte superior, com poltronas reversíveis e inclináveis — têm 27 metros de comprimento e podem circular a 130 quilómetros à hora com dois atrelados.

Na Secção de Informações da estação do Rossio encontra-se exposta ao publico uma miniatura daqueles veículos.

A situação dos lavradores do Bombarral

Temos presente o Relatório da Caixa de Crédito Agrícola Mutuo desta vila, referente à gerência do ano findo, pelo qual, mais uma vez, se constata a criteriosa administração e a sólida situação financeira desta prestimosa instituição local de crédito agrícola, flagrante-

Santa Vitória sem correio

Dirigem-se-nos vários leitores de Santa Vitória, informando-nos de que há cerca de duas semanas que os habitantes daquela localidade estão privados de receber a sua correspondência, vendendo-se na necessidade de uma deslocação a Ervidel quando supõem que o «correio lhes possa trazer quaisquer notícias».

A situação, verdadeiramente insustentável nesta época e dada a situação geográfica da referida localidade, parece ter origem no facto de a remuneração dada à pessoa que se desempenha do serviço não lhe convir, por motivos óbvios.

Seja como for, queremos fazer-nos eco da reclamação dos habitantes de Santa Vitória (reclamação justíssima, afinal) e chamarmos para o assunto a costumada boa atenção dos serviços administrativos dos Correios Telegrafos e Telefones.

E que se ponha termo imediatamente a esta vicissitude por que estão passando os residentes naquela populosa terra. Assim o esperamos.

(«Diário do Alentejo», de Beja)

mente documentadas nas actas das inspecções que anualmente são feitas aos serviços da Caixa e no seguinte passo do relatório da gerência finda:

«Temos dinheiro de mais. Os fundos amontoam-se no depósito da Caixa Económica Portuguesa ou em financiamentos a associações congêneres. Mais de 5.000 contos estão nesta situação e muitos lavradores, com garantias reais, carecem de auxílio que, infelizmente, por nós tem de ser negado. E que tristeza isto nos causa! Um regulamento decrépito, hoje em flagrante contraste com os fins que o determinaram, impede o desenvolvimento das Caixas...»

Conclui-se, pois, que a actividade da nossa Caixa Agrícola, que é já deveras notável, poderia ser muito mais ampla se não estivesse condicionada legalmente por um regulamento anacrónico...

Segundo os numeros publicados no relatório, verifica-se que os lucros da gerência de 1960 atingiram a verba de 246.407\$55, elevando o fundo social a 2.951.193\$70. Foram concedidos 492 pedidos de empréstimo aos sócios no valor de 9.806.190\$00 e liquidaram-se 590 no montante de escudos 9.869.810\$00, transitando para o ano corrente 807 empréstimos em dívida no total de 13.446.560\$00. Os depósitos à vista e a prazo tiveram um acréscimo de 1.099.318\$90, elevando estas rubricas a escudos 15.622.009\$30.

Estes numeros ilustram bem a óptima situação económica da Caixa de Crédito Agrícola Mutuo do Bombarral e a sua relevante actividade dentro do seu campo de acção.

(«Ecos do Bombarral»)

Apontamentos de linguística e pitorescos da linguagem

Séries frascológicas e unidades frascológicas.

Aos conjuntos de palavras em que os elementos andam mais ou menos intimamente ligados para exprimirem determinadas ideias dá-se o nome de grupos fraseológicos. São idiotismos, frases feitas, locuções estereotipadas. É muito diverso o grau de cristalização desses grupos, consoante a intimidade dos elementos que o formam. Assim, a coesão entre as palavras não é idêntica nas frases seguintes:

POLICLINICA

CAMPO D'OURIQUE

Rua Francisco Metrass, 24, 1.º-D.º.
Telefone 66 99 84

Dr. A. Ferreira Gomes — Doenças das crianças

Dr. Coelho Puga — Doenças dos olhos.

Dr. Eduardo de Albuquerque — Doenças das senhoras — Partos.

Dr. E. de Oliveira Machado — Clínica médica.

Dr. Henrique Soudo.

Dr. Coelho Lopes — Raios X.

Dr. Eugénio Marques Lito — Análises clínicas.

HIPOTECAS

Sobre propriedades ou automóveis. Em todo o País. Rapidez e agilidade.

A FINANCIADORA

Companhia Nacional de Crédito S. A. R. L.
Av. da Liberdade, 3 — Telet. 24446 LISBOA

«Tem cuidado, filha!», «Não tens nada com isso» ou «Fomos ter com ele à piscina». Nas duas ultimas expressões a síntese foi muito longe, posto que «não tens nada com isso» equivale a «não tens nada que ver com isso». «Fomos ter com ele...» representa, por outro lado, uma ligação quase incrível, mediante a qual em três curtas palavras se diz o equivalente «dirigimo-nos a (determinado local) com a intenção de nos reunirmos a ele». As frases do tipo das duas ultimas referidas chamam-se unidades fraseológicas, dado que nelas existe realmente uma unidade. Para as outras, mais despegadas, do género de «Tem cuidado, filha!» ou «Aquele sujeito já tem carunchos», é preferível guardar a designação de séries fraseológicas.

Tara

A palavra tara vem do árabe taraha e significa originariamente a perda de valor de uma mercadoria, resultante de diminuição na quantidade ou de deterioração da qualidade. Era, portanto, o equivalente de quebra ou falha. Tomou depois o sentido figurado de desequilíbrio orgânico ou avaria moral.

Compreensor

«Compreensor» significa «aquele que compreende» e mais particularmente «o que compreende mistérios» ou «que tem visões beatíficas». Vem do latim *comprehensor* por *comprehensus* (afeiçoado ao espirito da nossa lingua). O padre Manuel Bernardes escreveu, em «Luz e Calor»: «Vindes de muito longe, a fazer comprehensores os caminhan-tes».

TIRA-TEIMAS

General de Gaulle



CHARLES DE GAULLE

A visita à Argélia do presidente da Republica francesa e as declarações por ele feitas estabeleceram uma confusão maior à volta do problema argelino e da solução por ele prevista. Depois disso é impossível dizer qual a fórmula que o general de Gaulle prefere e essa carência reflecte-se nas hesitações de uma política que decorre entre contradições e conceitos paradoxais e antagonicos. Desde que tomou conta

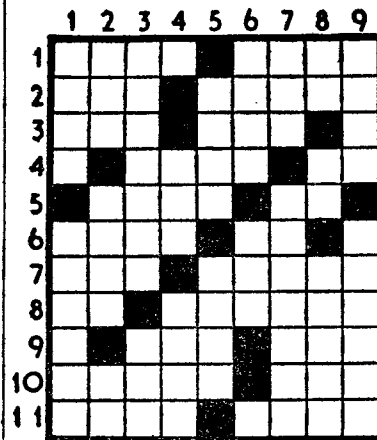
do Poder, em Junho de 1958, pronunciou-se ele por três soluções diferentes daquele problema — pela Argélia Francesa, embora nunca proferisse a palavra integração, pela autodeterminação, cujo epílogo inevitável seria a independência da Argélia, e pela criação de um Estado federal constituído sobre as linhas da divisão étnica das populações que ali vivem.

No estrangeiro e nos meios nacionalistas argelinos o seu discurso de 16 de Setembro suscitou grandes esperanças que se desvaneceram com a recente viagem à Argélia a qual decorreu em condições curiosas. O general foi apenas acompanhado por um jornalista, o enviado especial da Agência France Presse, o qual teve o encargo de dar conta das suas declarações feitas nas conversas com os militares que especialmente visitou. A estes disse ele que a guerra continuaria por um prazo indeterminado e que a sua tarefa consistia em derrotar o movimento simbolizado pela F. L. N.

Esta declaração, acolhida com entusiasmo entre os europeus da Argélia e os elementos da extrema direita na metrópole, foi porém desmentida depois do regresso do general a Paris onde nos meios oficiais continua a dizer-se que a sua política é a que definiu em 16 de Setembro e se consubstancia na autodeterminação. Estas contradições não contribuem para esclarecer o problema argelino o qual, mais do que nunca, continua envolto, pelo que diz respeito à única pessoa em condições de o resolver, num denso mistério que, segundo todas as probabilidades, se não desvanecerá tão cedo pelo menos enquanto de Gaulle e o Exército não encontrarem uma plataforma de acordo.

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVERBIO)
Problema n.º 1890



HORIZONTAIS: 1 — Aquele que tira proveito. 2 — Acusado (inv.). Pão. 3 — Abarrei. Util. 4 — Intesidade. Pedra de moinho. 5 — Correntes de água. Nota musical. 6 — Invulgar. Basta! 7 — Bolo de farinha de arroz e azeite de coco usado na Asia. Estado do que é são. 8 — Batráquio. Alimentos líquidos. 9 — Existe. Ribeira de Portugal que ajuda a formar o rio Sorraia. Amarra. 10 — Cole. Lobrigar. 11 — Abastado. Caruma.

VERTICAIS: 1 — Que. Tornar-se raro. 2 — Pronome possessivo (inv.). Raspa. 501 em romano. 3 — Elevava. Textualmente. 4 — Ri-lhe. Enrubescer. 5 — Faldas. Nome de mulher bíblica. 6 — Ave pernalta. Igual. 7 — Povoação do conceito de Alenquer. Cumprimentava. 8 — Nome da 11.ª letra árabe. Nota musical. Dêem em dote. 9 — Macaco americano. Ofendera.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora, em segundo passatempo, o PROVERBIO nele inscrito.

Solução do problema n.º 1889

HORIZONTAIS: 1 — Trás. Atrá. 2 — Acartai. 3 — Anual. 4 — Em. TAL. Af. 5 — Detonasse. 6 — Ora. O. Ror. 7 — Mâ. Asa. Ut. 8 — Ar. Lá. 9 — Psi. Til. 10 — Desataras. 11 — Aro. Era.

VERTICAIS: 1 — Redoma. Dá. 2 — Rã. Mera. Per. 3 — Aça. Tá. Asso. 4 — SANTO. Ária. 5 — Ruas. Tu. 6 — Atala. Alta. 7 — TAL. Sr. Aire. 8 — Ri. Asou. Lar. 9 — A. OFERTA. Sã. (Provérbio: TAL O SANTO TAL A OFERTA).

(NOVA MODALIDADE)

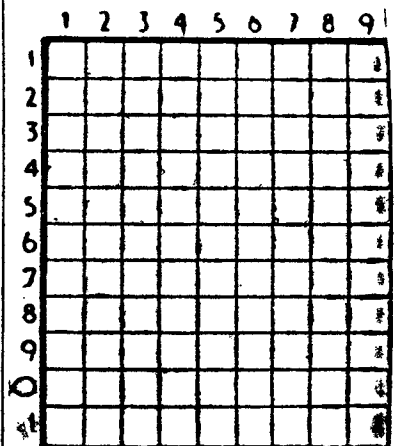
Problema n.º 3937

HORIZONTAIS: 1 — Vulcão italiano. Depois de. 2 — Nome de homem. Rabino. 3 — Grande. Nome de mulher. 4 — Cidade da antiga Caldeia. Tempo do verbo ser. 5 — Pequenos barcos de

recreio. Olé! 6 — Executa. Nome de mulher. 7 — Doença. Urde. 8 — Braço de mar. Símbolo químico do érbio. 9 — Agrícola. Dê mios. 10 — Arcos. Xaile usado pelas mulheres persas e cristãs na India. 11 — Jaz. Ressoa. VERTICAIS: 1 — Levantei. Ciência que ensina as regras para praticar o bem e evitar o mal. 2 — Espécie de renda. Larva das feridas dos animais. 3 — Escalvada. Igual. Ratei. 4 — O mais. Antiga capital do Marrocos francês. Rente. 5 — Pedras de amolar. Tília. 6 — Lavar. Data célebre. No caso de. 7 — Parceiro. Ovário dos peixes. Primeiro apelido do presidente da América que foi assassinado por Czogolsz. 8 — Rio da Sibéria. Lama. 9 — Fechara as asas para descer mais depressa. Praia.

Solução do problema n.º 3936

HORIZONTAIS: 1 — Clorofila. 2 — Sobe. Ares. 3 — Tracoma. 4 — Dea. Ais. 5 — Ossa. Ansa. 7 — Per. Uma. 8 — Lá. Ias. Dá. 9 — Açor. Apis. 10 — Moda. Doai. 11 — Ases. Ária. VERTICAIS: 1 — Cs. Dor. Lama. 2 — Lotes. Paços. 3 — Obrasse. Ode. 4 — Rea. Riras. 5 — Cá. 6 — Fão. Usada. 7 — Irmanam. Por. 8 — Leais. Adiai. 9 — As. Saf. Ásia.



CAFÉ CORUJA

Restaurante típico
Coruche — Telefone 114

Pratos regionais
Caldeirada à Sorraia
Ensopado de Enguias
Lampreia com arroz à moda da casa

Filetas à Marisqueira
Lombo de Porco no Espeto
Frango de Caril à Coruja
Bifes de Vaca na Caçola
Cabrito à Moda da Casa

Todos os domingos ranchos folclóricos e fandanguistas da região (6 anos)



A morte fazia parte do «menu»

(ÚLTIMO
CAPÍTULO)

RESUMO DO CAPÍTULO ANTERIOR — John Nicholas, misteriosamente envenenado durante um jantar de família, deixa um testamento com uma cláusula curiosa — uma soma desconhecida, que se julga ultrapassar os 200 mil dólares, deverá reverter a favor do «membro da minha família que tiver coragem». Entre aqueles, são imediatamente candidatos os dois filhos de John: Blair e Dan; o irmão de John, o tio Frank; Lola, a mulher de Dan. Blair, que nunca foi estimado pelo pai, sente que o mausoléu da família representa um papel importante nos planos do pai.

UM CRIMINOSO DESESPERADO

Blair saíra. A cubra fustigava-o, fria e agressiva. Dirigiu-se para a porta do mausoléu. Meteu a chave na fechadura. Não parava de pensar.

A porta rangeu e abriu-se. O foco de luz da lanterna uerscrutou a escuridão interior.

Começou a vacilar. Sentia as suas pernas demasiado fracas para dar um passo. Dirigiu a luz da lanterna em direcção às paredes. Não tinha nada a temer! Havia teias de aranha no outro lado do cubículo. Continuou a perscrutar. Finalmente, descobriu três urnas num nicho na parede.

Se o dinheiro se encontrava no mausoléu, tinha de estar numa daquelas urnas, pensou. Precisava de mais alguns segundos para se habituar ao ambiente. Podia deixar a porta aberta.

Fez um esforço. Tinha de ir para diante! De frente, via o mundo dos seus antigos pesadelos. A lembrança de aranhas na escuridão provocou-lhe uma sensação de mal-estar, arrepiando-o todo.

Caminhou entre as teias até ao nicho. Era alto demais para que pudesse ver as urnas. Estas, por sua vez, eram demasiado pesadas para serem transportadas para o chão. Tinha de alcançá-las com as suas mãos.

A mão direita atravessou a barreira de aranhas aninhadas na urna. Abriu os dedos, examinou o interior. A respiração começou a faltar-lhe e tirou a mão para fora.

Trazia nos dedos um comprido e espesso envelope. Encostou-se à parede. Agora, não tinha medo: estava demasiado exausto para sentir alguma coisa.

Observou cansadamente o envelope. Viu escrito em traços decididos: «Para o meu filho Blair».

Ouviu um ruído, junto da porta, um foco de luz iluminou-o.

Dan estava no limiar do mausoléu, observando-o. Os seus cabelos desganhados estavam completamente molhados.

— Conseguiu o dinheiro! — disse Dan, avidamente. — Quem diria que o pai considerava uma prova de coragem a entrada no mausoléu? Felizmente que vi Hessie Lou entregar-te a chave.

Dan aproximou-se do irmão, arrancou-lhe o envelope e lançou Blair ao chão.

— E' meu... — protestou Blair.

Dan soltou uma gargalhada e correu para a porta. — Preciso muito deste dinheiro para a vida que vou iniciar. Deixo-te a minha querida mulher.

Blair ergueu-se.

Dan deu meia volta rapidamente, saiu para fora do mausoléu e fechou a porta atrás de si. A chave girou...

— Dan! Não! — Blair atirou-se de encontro à porta, dando socos. A lanterna partiu-se com a violência do choque e o mausoléu caiu num silêncio.

«ESTORIL»

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Caminho de Ferro Eléctrico do Cais do Sodré a Cascais

Capital: 10.000.000\$00

Sede: Estação do Caminho de Ferro do Cais do Sodré — Lisboa

SERVIÇO DE OBRIGAÇÕES DE 4,5% DE 1958

Avisam-se os Senhores Obrigacionistas de que os Bancos Nacional Ultramarino e José Henriques Totta pagarão, a partir do dia 15 do corrente mês de Março, o cupão n.º 4 das obrigações de 4,5% de 1958, desta Sociedade, pela quantia líquida de Esc.: 2513,7 por obrigação.

Lisboa, 7 de Março de 1960.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Blair não acordaria. Ninguém viria procurá-lo antes que fosse muito tarde. Perdeu as esperanças.

Sentiu o barulho da chuva como se revivesse. Um ruído subiu, na porta, despertou-o. Uma luz verde apareceu, alargou-se. Soltou um grito de alívio. A porta abriu-se.



Correu para fora do mausoléu, tropeçou num corpo e caiu. Ficou um momento por terra, cheio de palpitações. Depois, ergueu-se. A

luz iluminou o corpo e reconheceu o seu irmão.

Dan estava morto. Ele viu a rigidez da morte.

Tentou afastar-se. Subitamente, deram-lhe uma forte pancada na cabeça e ele desmaiou...

Blair abriu os olhos. Estava numa cama. O sol entrava pela janela. Lola encontrava-se a seu lado. O cheiro de medicamentos explicitou o lugar onde estava.

— Estou no hospital — balbuciou, pensando na morte.

— E tem muita sorte em estar aqui — disse Preston, vindo do fundo do quarto.

— Que aconteceu? — perguntou Blair. Lola agarrou-lhe as mãos.

— O seu tio Frank — explicou Preston — deu-lhe uma pancada na cabeça. Desculpe-me não ter chegado mais cedo. O seu irmão não teve tanta sorte. Mas o seu tio Frank já está na prisão. Não fará mais distúrbios.

— O tio Frank envenenou a sala-

Preston aquiesceu. — Ele precisava de dinheiro. Muito dinheiro. Tinha hipotecado a casa e parte da sua preciosa biblioteca para entrar nuns negócios de Dan. Perderam tudo. Estava desesperado. No entanto, não era um assassino muito

brilhante. Os assassinos nunca o são.

— Esteve quase a triunfar — disse Blair.

— Não. Se o seu pai, ou você ou Dan quisessem matar o resto da família, teriam envenenado a comida e não a salada. Todos vocês sabiam que o tio Frank nunca comia a salada.

Depois de ter falado com todos, cheguei à conclusão de que o tio Frank nunca gostara de Hessie Lou. Se a tirara do manicópio, fora por algumas razões: para tê-la como suspeita do crime. Planeou tudo. Quando vi, durante a leitura do testamento, percebi pelos seus olhos que ela estava debaixo da influência de entorpecentes. O médico do seu tio disse-me que lhe dera uma receita, três dias antes.

— Pobre Hessie Lou! — exclamou Blair. — Achei estranho o seu olhar mas nunca pensei que lhe tivessem dado entorpecentes.

— O seu pai nunca lhe teria dado a chave naquele dia se ela não estivesse curada, mentalmente... O seu pai pensava muito em si, depois de começar a descer de Dan. Sabia que você tomara conta de Hessie Lou, também. Há uma nota juntamente com o dinheiro — entregou o envelope a Blair. — Mas quem disparou os tiros sobre o tio Frank? — perguntou Blair.

— Ele próprio. Mas cometeu o erro de segurar a espingarda tão perto dos vidros que nunca teria falhado, se estivesse dentro do carro. E' um velho truque e nunca dá resultado. No entanto, como eu disse, o seu tio estava desesperado.

— Se você tinha provas, porque não o prendeu? — disse Blair.

Preston sorriu com satisfação. — Esperei até apanhá-lo em flagrante, até que as provas se consolidassem. Você não calcula quantas vezes um assassino consegue ficar livre, só porque os jurados não acreditam em evidências circunstanciais. E há advogados que sabem defender os criminosos de uma maneira espantosa. Temos de apressar provas indesejáveis.

Preston dispunha-se a desenvolver o tema, mas os olhares apaixonados que Lola e Blair trocavam entre si foram o suficiente para calá-lo. Preston tinha o faro do detetive e conhecia os momentos em que se tornava uma testemunha superflua...

«ESTORIL»

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Caminho de Ferro Eléctrico do Cais do Sodré a Cascais

Capital: 10.000.000\$00

Sede: Estação do Caminho de Ferro do Cais do Sodré — LISBOA.

Subscrição de 130.000 obrigações do valor nominal de 100\$00 cada uma, últimas obrigações da emissão autorizada por portaria publicada no «Diário do Governo», III Série n.º 173 de 25 de Julho de 1958.

Estas obrigações vencem o juro de 4,5% ao ano, e, nos termos da referida portaria os juros destas obrigações estão abrangidos pela isenção constante do artigo 43.º do Decreto n.º 13.829 de 17 de Junho de 1927. O pagamento dos juros far-se-á nos dias 15 de Março e 15 de Setembro de cada ano, sendo o próximo cupão pago em 15 de Setembro do corrente ano.

A amortização destas obrigações será efectuada, no prazo de 10 anos, a começar em 15 de Setembro de 1961, devendo, portanto, estar concluída em 15 de Setembro de 1970, por sorteio ou por compra no mercado, com a faculdade de a Sociedade emissora as poder reembolsar antecipadamente pelo seu valor nominal, se assim lhe convier.

CONDIÇÕES DA SUBSCRIÇÃO

A subscrição destas obrigações fica sujeita a eventual rateio e está aberta à subscrição pública de 1 a 15 do próximo mês de Março, nos seguintes estabelecimentos de crédito que a tomaram firme:

— Banco Nacional Ultramarino — Sede;

— Banco Nacional Ultramarino — Filial do Porto;

— Banco José Henriques Totta — Sede.

As obrigações são oferecidas pelo seu valor nominal (100\$00 cada obrigação) devendo a respectiva importância ser paga no acto da subscrição.

Lisboa, 25 de Fevereiro de 1960
O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

**INCRÍVEL! NOVA
VAQUEIRO**
ainda mais saborosa!



EXPERIMENTE SEM DEMORA!

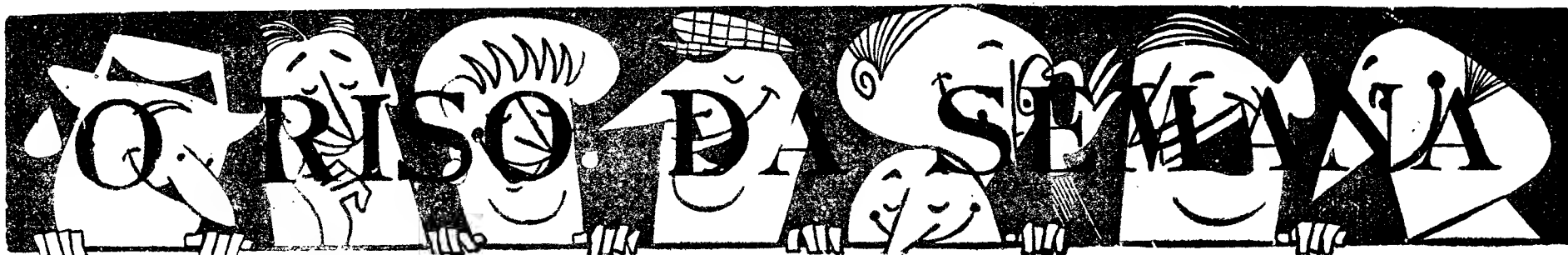
Faça como de costume um dos seus cozinhados habituais mas, com a nova Vaqueiro! Verá! Se o paladar que a Vaqueiro dava a todos os pratos era já fino e requintado, agora... ah! agora... não há palavras que o expliquem — é ainda mais fino, mais apetitoso, mais requintado e gostoso! É verdadeiramente sensacional! Cozinhe já com a nova Vaqueiro!

*torna tudo
ainda mais
apetitoso!*

Vaqueiro



FÁBRICA IMPERIAL DE MARGARINA, LDA. - SACA VÉM - 60-VA-32



O ponto exacto

CONTAVA o sábio almirante Gago Coutinho que numa via-veiu dar-lhe uma severa mas graciosa lição de instrução de alunos sa lição de boa camaradagem, de da Escola Naval, sendo ele imedia- pois de durante alguns dias estar to do navio, todas as manhãs man- bem atento às manobras do moço, dava os rapazes tirar o ponto. Pe- Estudou-o bem, certificou-se ine- gava cada um em seu sextante e quivocamente do seu feitiço de la- ta fazer as suas observações, e «manteigueiro» e quando, cinco ou os seus oficiais para marcar o pon- seis dias depois ele lhe apresenta- tão exacto quanto possível, da va o seu trabalho, como sempre posição do navio, cena que á tarde se tornava a repetir.

Os rapazes procuravam desempe- nhar-se da sua missão o melhor que podiam e sabiam, porque aqueles cálculos, se não eram verdadeiras provas de crame, contavam pelo menos como autênticas lições.

Havia nessa viagem um rapaz que tentava sempre salienta-se, tável precisão dos seus cálculos, procurando sobrepujar os seus ca- maradas, com mais pormenores e maior precisão nas observações e nos cálculos.

Feitos estes, vinha cada um apre- sentar ao imediato o seu trabalho e Gago Coutinho, que desde o pri- meiro dia começou a notar as pre-

Perguntar por perguntar

Um rio pode seguir o seu curso sem abandonar o leito?

Porque é que sendo casados o dia e a noite, quando esta cai, logo o outro se levanta?

Os floristas vivem num mar de rosas?

As folhas dos livros caem no Ou- tono?

Água quente apaga o lume?

O Brasil tem as costas quentes?

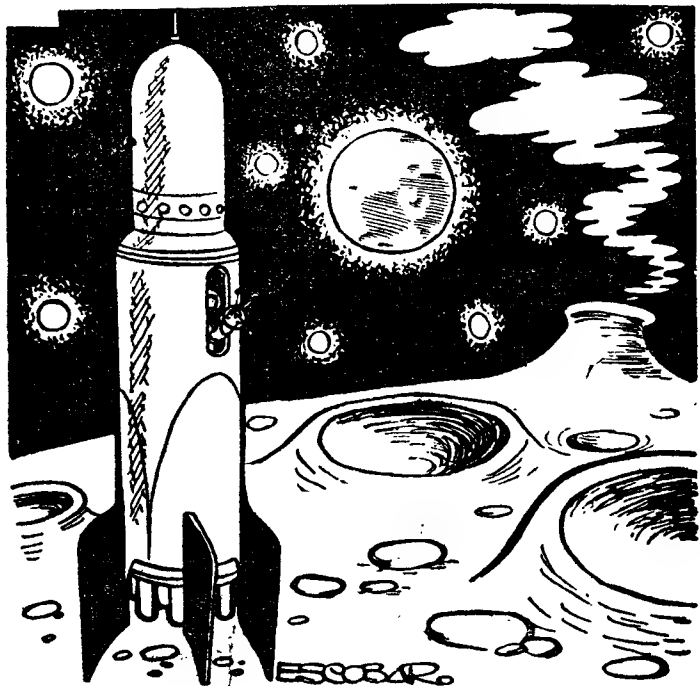
Quando o diabo disparou a tranca qual foi a bala que saiu?

Se o rei do baralho corresponda- ao rei do Mundo que diabo é o ás?

Riso e sorriso

As pessoas que sorriem são criaturas que não têm a sinceridade bastante para rir descarada- mente. O sorriso é pois irmão do riso amarelo. Por isso é que os chineses estão sempre sorrindo mesmo quando se lhes dá um pontapé.

A chegada á Lua



— Oh, co'os diabos, lá nos esquecemos da escada.

Diário de Lisboa * PAGINA 4

No manicómio

Eram dois doidos á janela do manicómio, á espera que nascesse a Lua, porque tinham es- tado a discutir, afirmando um que era Lua-nova e o outro que era Lua-cheia, mas fazia uma noite de inverno, de densissimo nevoeiro que quase não deixava ver os candeeiros da rua.

A certa altura, já muito can- sados de esperar, disse um de- les:

— Olha, vamo-nos deitar por- que a Lua com certeza não sai com um tempo destes.

Um caso estranho

Aquele belo exemplar de ele- fante do Jardim Zoológico era verdadeiramente gigantesco, mas de uma grande delicadeza para com os animais mais pequenos. Não era capaz de pôr uma pata em cima dum pardal, duma mos- ca, duma formiga e toda a gente se admirava dos cuidados daque- le brutamontes com os outros animais.

Veu o veterinário, examinou-o cuidadosamente e chegou á con- clusão de o pobre animal sofria dum complexo de inferioridade.

A. F.

Onde está o perigo



— Não, não estou atrapalhada. A sua aproximação é que me pode criar perigo!

Terrível preocupação

Estava o homem muito pre- ocupado, porque tinha a impres- são de ser o centro do universo e que tudo girava em volta dele, tornando-o o homem mais vaidoso do Mundo. Cismava naquilo e afligia-se com tantas coisas e tanta gente girando á sua roda!

E afinal aquilo não era uma preocupação: era uma grande bebedeira...

A ponte sobre o Tejo

Lisboa, só duma banda,
Já era grande cidade.
Mas quando um dia se expanda
Daqui para a Outra Banda
Vai ter outra majestade.

Só duma banda já era
Uma cidade bonita
Cá dentro da sua esfera,
Mas ao que ainda se espera
Vai ficar bem mais catita.

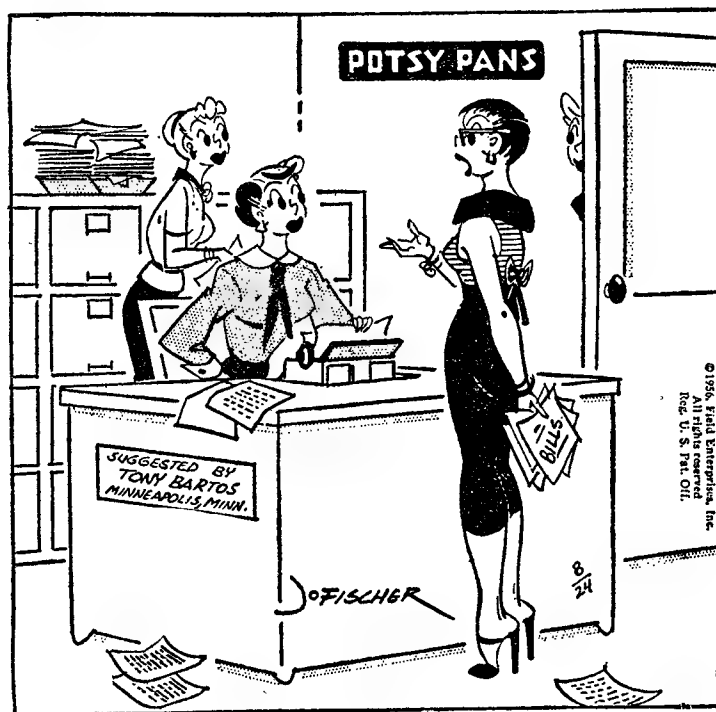
Duma só banda, Lisboa
Com seus montes elevados
Era uma terra bem boa
E agora nada destoa
Vê-la feita em dois bocados,

Dois bocados que vão ser
Por uma ponte ligados
E que com grande prazer
Ainda havemos de ver
Sobre o Tejo dos dois lados.

E assim acaba a nefanda
Cantiga do solidó
Que afirma que a veneranda
Cidade é só duma banda
E que é duma banda só!...

A. F.

Camaradagem



— Vocês lembram-se do peditório que fizemos quando eu me casei? Vinha pedir-lhes que fizessem outro para pagar a renda da casa.

CASAR

Há homens que se casam contra vontade só porque a vontade que têm certas mulheres de se casar é mais forte do que a vontade deles de ficarem solteiros. Parece uma maratona negativa, mas não é. É porque há homens que não se importam de ser apanhados e mulheres que se importam. (Importam, do verbo importar, claro está...)

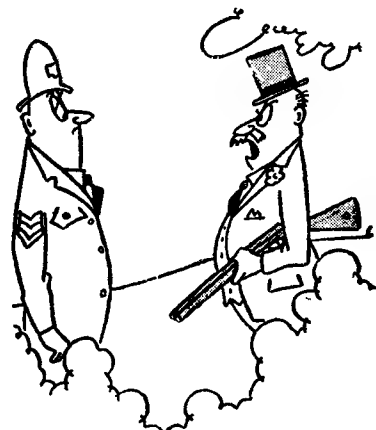
Um susto sem razão Complexo de inferioridade

Andava um coelho no campo quando inesperadamente sentiu o sibilar de uma bala, mesmo junto da sua orelha. Estremeceu mas logo se refez do susto racio- nando com toda a calma:

— Safa! Apanhei um susto porque, de repente, não me lem- brei de que não estamos agora na época da caça!...

Aquele pobre marido andava de médico em médico á procura de um especialista, porque a mulher tinha um complexo de inferioridade e ele queria que um médico lhe desse a certeza de que aquilo não tinha cura.

Confusão



— Caçador furtivo, eu? Assim ves- tido? Venho do casamento da minha filha, seu ignorante!

Casaco de «vison»

Quando aquela senhora elegante ia de carro pela estrada deserta, teve uma pâne e como não sabia nada de mecanica teve de esperar que passasse alguém que a auxilias- se.

Entretanto deitou-se á beira da estrada cobrindo-se com o seu casa- co de «vison» que ela dizia ter-lhe custado oitenta contos.

Entretanto, dois cochitos que an- davam por ali á brincar, logo que a viram desataram a fugir com quan- tas pernas tinham:

— Foge, foge que está ali um coe- lho tão grande, tão grande, como nunca vi nenhum, nem julgava que existisse.

12-3-960

Num belo dia, o comandante Cousteau e Dumas acabavam de filmar uma série de cenas, debaixo do mar, quando um arpejo apertou a nuca do comandante. Fez sinal a Dumas, que voltando-se, ficou gelado. O que tinham diante dos olhos trespassava-lhes o coração de susto. Decididamente, o lugar do homem não é debaixo do mar... A uma dúzia de metros dos dois valentes mergulhadores, surgiu, da bruma cinzenta, uma massa esbranquiçada com reflexos plumbeos: uma autêntica Carcharodon carcharias de oito metros de comprimento — o tubarão comedor de homens, aceite como tal por todos os especialistas. Instintivamente, um pensamento barroco emerge da angustia de Cousteau: quem sabe, o animal também seria sujeito a câimbras de estômago antes de digerir as três garrafas dos mergulhadores!... Sem pensar, Dumas e Cousteau cerram alças. O bruto avança preguiçosamente. Vê-os. A sua reacção é a última que os valentes mergulhadores poderiam, alguma vez, imaginar: tomado de verdadeiro terror, o monstro imobiliza-se, depois larga uma nuvem de excrementos e foge a incrível velocidade.

Olham um para o outro e desatam num riso nervoso. A confiança que lhes veio desse dia arrasta-os a uma louca negligência. Depressa abandonam o sistema de guarda-corpo que adoptavam nas paragens perigosas, e renunciam à maior parte dos cuidados habituais. Os encontros que depois disso tiveram, incluindo nas várias espécies de tubarões com que se cruzaram, o tubarão-tigre, exaltaram o seu complexo de superioridade: todos lhes fugiam.

Ao fim de algumas semanas passadas nas ilhas de Cabo Verde, sentem-se prontos a afirmar, sem réplica, que todos os tubarões são mandriões, tão pusilânimes que nem mesmo podem ficar tranquilos enquanto filmam.

Um dia, o comandante Cousteau e Dumas mergulham, em perseguição de uma baleia que haviam ferido. Já a trinta metros de profundidade, Cousteau percebe, no azul sem limites, um

O MUNDO DO SILÊNCIO

por MARIA HELENA DA COSTA DIAS

tubarão de cinco metros de comprimento que passa, indiferente, posivelmente atraído pelo sangue do cetáceo. Bem mais abaixo, fora já da vista, estende-se uma camada difusa, profunda, onde talvez paste um rebanho de leviatões (monstros citados pela Bíblia; ali por perto, rodam outros tubarões... Subimos para bordo, contra vontade.

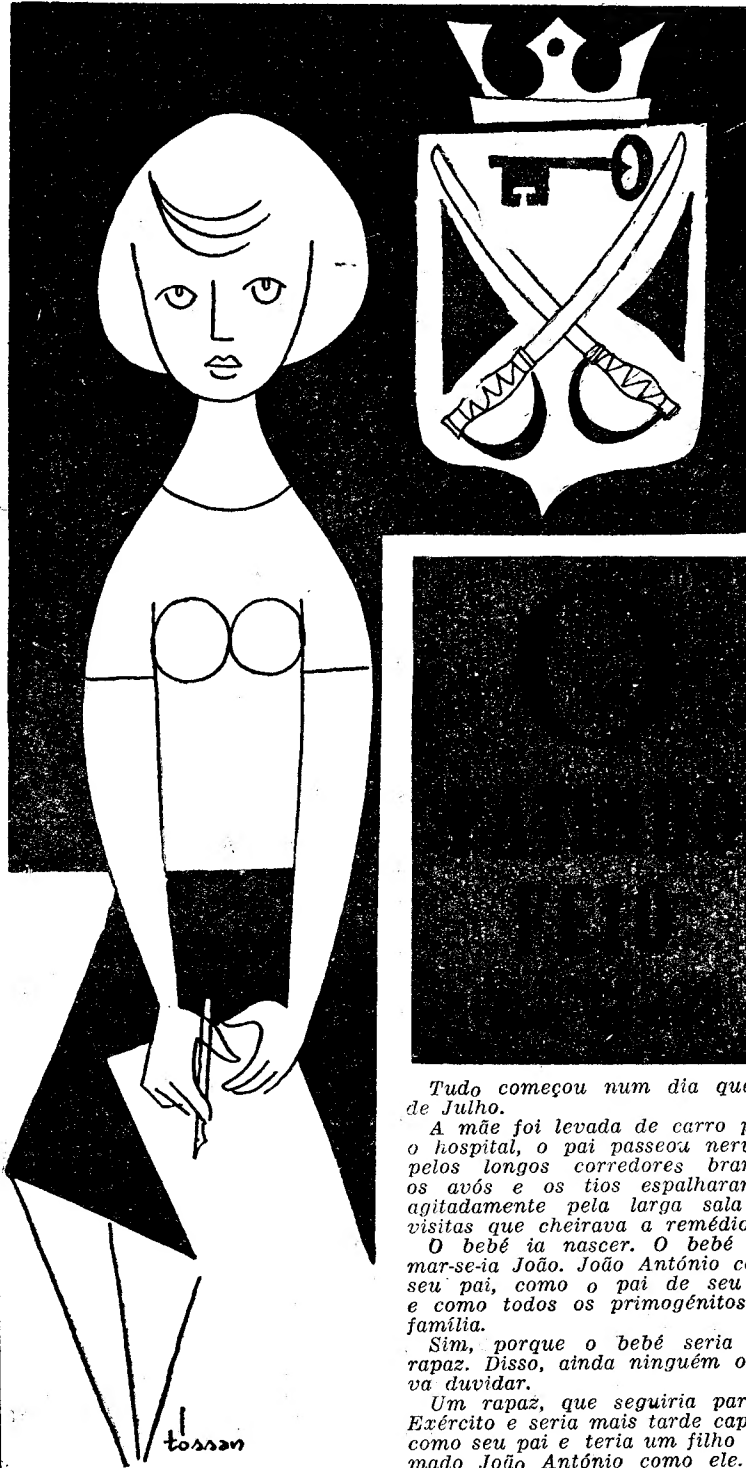
Na cobertura da popa, apenas têm o tempo preciso para mudar de aparelho respiratório e de fixar uma tablete de acetato de cobre ao arnelho e outra à cintura. Já tinham visto que este produto químico, dissolvendo-se na água, é bom para afastar os tubarões. Mal Didi, entra na água, vê logo um tubarão enorme; mas ele some-se antes que tenham conseguido vê-lo bem. Nadam um pouco. Tinha apenas dado algumas brachadas, caíem em cima de outro tubarão de dois metros e meio a três metros de comprimento, duma espécie que nunca haviam antes encontrado. Era duma clareza impressionante, cinzento claro, limpo, um verdadeiro «bi-belot». Nadámos ousadamente para ele, persuadidos de que iria fugir como todos os outros. Mas não. Por cima do dorso cinzento nada um peixe de vinte centímetros, listrado de branco e preto, sem dúvida o famoso peixe-piloto. Aproximam-se ainda mais, até ficarem a três metros dele. É espantoso! Em volta do tubarão, como se estivessem arrumados em fila está uma dúzia de peixes-pilotos. Há-os muito pequeninos, outros do comprimento de um dedo. Estão ali como um diadema, seguem o ritmo do animal, mantendo-se sempre a alguns centímetros dele. Nem dão a impressão de o seguir; fazem parte dele, como apêndices. Um outro mais pequeno que todos — apenas o tamanho de uma unha do dedo polegar — agita-se justamente diante do focinho do tubarão e fica miraculosamente no seu lugar, enquanto a cabeça deste avança, possivelmente impulsionado e retido por uma onda de pressão.

As lendas marinhas pretendem que o tubarão vê pouco e que o peixe-piloto funciona como o cão de cego, guiando-o até à presa, para comer depois as migalhas. Modernamente, despreza-se esta opinião, se bem que a dissecação tenha dado o tubarão como um animal de curta vista. Mas Cousteau afirma que a experiência lhe mostra ver ele como qualquer pessoa.

O belo tubarão cinzento não mostra a mínima apreensão. O comandante regozija-se por poder, finalmente, filmar um tubarão em excelentes condições. Filma o bicho atrás de Didi, depois Didi atrás do bicho. Cousteau quase se julga um realizador de verdade. Dumas e o tubarão partilham o papel de vedeta. Didi segue o animal, aproxima-se, segura-o pela cauda, dividido entre o desejo de puzar com força para estragar aquele belo arranjo de montra com os peixes-pilotos e o receio de ver o monstro voltar-se e dar-lhe uma boa dentada. Larga-o pois e regula as suas evoluções pelas do animal. Mas é-lhe preciso nadar o mais depressa que lhe é possível para se não deixar distanciar por ele, que avança, calmamente, sem se agitar. Cousteau, esse, gira no centro da cena, mas passado o primeiro entusiasmo, o comandante apercebe-se do perigo. O animal não parece importar-se com eles, mas o seu olhinho imóvel não os larga.

O tubarão cinzento arrasta-os, pouco a pouco, a uns vinte metros de profundidade. Então, Dumas aponta para baixo; surgindo do azul sombrio, no limite da visibilidade, dois outros tubarões sobem, lentamente, na direcção dos homens. São muito maiores, mais azuis, mais selvagens de aspecto. Instalam-se debaixo dos nadadores e têm peixes-pilotos. O tubarão cinzento aproxima-se deles, descrevendo círculos cada vez mais apertados...

(Estas notas são tiradas do livro do comandante Cousteau, «O mundo do silêncio» que brevemente será posto à venda).



Tudo começou num dia quente de Julho.

A mãe foi levada de carro para o hospital, o pai passeou nervoso pelos longos corredores brancos os avós e os tios espalharam-se agitados pela larga sala de visitas que cheirava a remédios.

O bebé ia nascer. O bebé chamava-se João. João António como seu pai, como o pai de seu pai e como todos os primogénitos da família.

Sim, porque o bebé seria um rapaz. Disso, ainda ninguém ousava duvidar.

Um rapaz, que seguiria para o Exército e seria mais tarde capitão como seu pai e teria um filho chamado João António como ele.

A história do bebé estava assim

EM PRIMEIRO LUGAR, UMA GRANDE NOTÍCIA

É verdade, amigos: ontem reuniu-se pela primeira vez a Redacção do «Juvenil», constituída inicialmente pelos seguintes amigos: Maria Luisa Chaves Dias, Maria Teresa Romano Ventura, Carlos Campino, Eduardo Serra, Eugénio Pinto Basto, José Carlos Junça de Moraes, Manuel Machado da Luz e Rui Salvação Barreto.

Cumpram-se, desta forma, mais um dos objectivos do nosso jornal: conseguir que os nossos colaboradores e leitores nele desempenhem sempre um mais importante papel, desenvolvendo o seu sentido das responsabilidades e as suas faculdades de trabalho. Esperamos (e estamos disso certos), que a criação de uma Re-

CONVERSA DA SEMANA

dacção constituída por gente nova será um grande passo para a crescente melhoria do «Juvenil», suplemento de jovens para jovens. Esperamos também, como é justo, que tal notícia será motivo de muito regozijo para todos os nossos amigos.

Além de questões de ordem geral, a Redacção tratou dos seguintes assuntos:

1.ª — Crítica aos Concursos. Resolveu-se substituir o concurso «Qual é a coisa qual é ela?». Embora se considere o muito interesse pedagógico do concurso «Gigantes de Portugal», pensa-se que haverá vantagem em procurar renová-lo. Eduardo Serra propôs que além de figuras notáveis se variasse o concurso, incluindo nele a menção de uma obra (de pintura, literatura ou científica) cujo autor os nossos amigos deveriam descobrir ou de qualquer facto importante na História humana.

Resolveu-se, ainda sobre este assunto, pedir a todos os nossos leitores que nos digam a sua opinião. Quer dizer:

— Qual o tipo de concurso que propõem? Nenhum dos amigos deverá deixar de responder a esta pergunta.

Tratou-se ainda de uma entrevista que Eugénio Pinto Basto acaba de fazer a um grande actor português.

Na próxima semana redigir-se-á uma circular que vamos di-

(Continua na página seguinte)

traçada pelos homens. Tinha sido sempre assim naquela família e nada os faria mudar.

Nada, senão Deus que às vezes gosta de contrariar os homens como aqueles que têm a convicção de que a vida é deles e eles tudo podem.

Para já o bebé começara a fazer partidas.

Recusava-se a nascer como todos os seus antepassados no grande quarto de mobília escura da casa dos avós. Começara a opor uma certa resistência e a mãe fora forçada a ir para o hospital.

Era por isso que o pai estava nervoso.

Acontecer uma coisa daquelas com o seu primeiro filho...

Já lhe começava a trazer dificuldades.

A família devia estar aborrecida de ter de se deslocar toda de casa para o hospital!

Passeou agitado pelo longo corredor, depois desceu até à sala e sentou-se perto do pai e dos irmãos.

Ele, que era o mais velho e portanto o que se casara primeiro era o último a ter filhos. Todos os outros irmãos já tinham um João António que mais ou menos prometia vir a seguir a carreira de seus pais. E ele fora o último. E agora ainda por cima ter que vir para o hospital. Era um pouco forte de mais para o seu orgulho!

Uma porta abriu-se devagar. Os olhos de todos cravaram-se na simpática enfermeira de bata branca que sorria.

O pai foi o primeiro a falar enquanto se levantava:

— Como é, e como está ele?

— Ela! — disse a enfermeira sorrindo.

— Não me refiro à mãe que julgo estará bem mas ao filho...

— Filha, quer dizer.

Um ah de espanto e despeito encheu a sala enquanto toda a família se entreolhava.

— Está a brincar? — inquiriu o pai um tanto furioso.

— Mas é a verdade, é uma menina, bonita, de olhos verdes. Quer vê-la?

— Eu? Mas eu tinha a certeza de que seria um João António de olhos escuros como os meus! E Inês, minha mulher, já sabe!

— Ficou um pouco desiludida quando lhe disse, mas assim que viu a menina ficou encantada. Garanto-lhe que a deve ter preferido a ter um rapaz.

— Não há aqui questão de preferências. Não verei a miúda!

E foi assim.

O bebé, porque não era um rapaz, porque não se chamava João, porque não tinha os olhos escuros, foi considerado algo de estranho na família.

Os próprios primos da sua idade faziam-lhe sentir uma inferioridade não existente.

Um ano passou e, na grande casa de família, na grande cama escura do maior quarto nasceu um rapaz.

Inês, pois baptizara-se com o nome da mãe, ficou radiante com a vinda do irmãozinho mas depois começou a sentir que ele era mais do que ela naquela casa e no amor da família.

Ele seria aquele que manteria as tradições, que iria para o Exército, que teria um filho como ele.

Ela seria sempre uma miúda baixa e magra com uns olhos verdes enchendo-lhe a casa e a quem ninguém ligava.

E o tempo passou.

O rapaz entrou para o Exército. Inês acabou os estudos e começou a sentir que aos 18 anos não podia continuar a mesma vida igual e igual em que tudo lhe fazia sentir que o irmão ocupava dois lugares, o dele e o dela.

Ou que fora ela que ocupara o lugar dele. Sim, porque tudo teria sido diferente se ela fosse mais nova.

Assim o ter que esperar que ele fosse de uma determinada idade para ela poder fazer o que queria era um pouco de mais.

Porque tudo na sua vida era subordinado à vida dele.

Só depois de ele ter idade e ter começado a estudar é que ela começou; só depois de ele ter ido ao primeiro baile é que ela fora, agora só depois de ele arranjar noiva ela poderia namorar.

E dissera-lhe o pai:

— Um rapaz como teu irmão, ca-

(Continua na página seguinte)



HISTÓRIA DUMA NOITE

Pelo céu profundamente negro, cavalgavam nuvens em legiões fantasmagóricas. A chuva caía com fúria sobre o caminho pedregoso e, o vento soprava forte e com rudeza. De quando em quando, o zigue-

— «Sim? Não veio contigo?».
— «Não, não está em casa?».
— «Disse-me de tarde, vou ter com o pai... e nunca mais apareceu.»

Pedro não esperou mais e, dei-

por **António Ruy S. de Sá** — 13 anos

zaguar de relâmpagos acompanhados pelo bramido imponente dos trovões iluminava a triste paisagem lamacenta e caudalosa.

Soaram nove badaladas plangentes e rufenhadas, uma nota triste sob o ar molhado. Era o relógio da torre que marcara as horas.

Por entre a escuridão impenetrável da mata, divisava-se uma tênue luz vermelha que escapava por entre a greta de uma porta.

De vez em quando, um rosto de mulher chapava-se contra a vidraça embaciada da janela, perscrutando a noite com o seu olhar assustado. Pouco tempo depois ouviu-se um matraquear de socos e, quando mais um relâmpago alumiu a escuridão, viu-se um homem todo alagado. Quando próximo da moradia, gritou:

— «Eduarda, a luz, que não vejo nada!»

— «És tu, Pedro? Já vou.»

A mulher desceu lesta. Desandou os ferrolhos e, com uma rajada de vento que apagou a fraca luz, entrou Pedro.

— «Que noite, Santo Deus!... Acende a luz.»

— «O Neca que entre depressa!».

— «O Neca? Mas ele não está aqui...».

AMIGO 1804

DIÁRIO DE BORDÓ

Amigo 53 — Maria do Céu Bilet Alves (Colimbra). Lemos com atenção, a tua carta. Para já tenho a dizer-te que deves ser corajosa, como tens sido, de resto, noutras circunstâncias da tua vida, bem mais graves. Infelizmente, que a que agora te preocupa. A vida é assim mesmo, Amiguinha. Mas este assunto merece uma carta particular que vamos procurar enviar-te por estes próximos dias. Vamos fazer o que nos pedes, embora estejamos convencidos de que estás a ver bem a situação; e deves ser-lhe superior.

Amigo 1409 — Alcídia Maria Ribeiro (Lisboa). O teu artigo será publicado, apesar da demora e apesar da poeira — como tu dizes e muito bem. Mas se viesses o que cá vai de trabalhos ficarias boquiaberto

ta e terias pena de nós. Tudo irá a seu tempo. Tem, pois, um pouco de paciência para esperar.

Mais uma grande obra

da coleção «A Vida Quotidiana». É da autoria de Geneviève Bianchis e tem por título

A VIDA QUOTIDIANA NA ALEMANHA

na era romântica (1795-1830)

Livro de profunda seriedade histórica que todos os jovens interessados em elevar o seu nível cultural deverão ler. EDIÇÃO DE LIVROS DO BRASIL

CONVERSA DA SEMANA

(Continuação da página anterior)

rigir a todos os amigos que há muito nos não escrevem. Aqueles que não responderam serão riscados do ficheiro. Depois procederemos a uma nova numeração que corresponderá à realidade, pois registará efectivamente os autênticos amigos do «Juvenil».

A Redacção dirigiu uma carta de amizade à Delegação do nosso jornal no Porto.

2

Sessões de cinema

Continua a trabalhar-se no sentido de realizar boas sessões de cinema, periódicas. Alguns dos nossos leitores costumam assistir aos espetáculos do «Cine-Clube Uni-

versitário de Lisboa», realizados no Imperial.

A seu pedido, e muito gostosamente, informamos que aquele Cine-Clube oferece todos os meses, aos jovens maiores de 17 anos, as seguintes vantagens:

- 2 sessões de formato normal.
- 1 sessão de formato reduzido.
- 1 boletim.

A quota é apenas 7\$50.

Todos os nossos amigos, maiores de 17 anos, se poderão inscrever como sócios do C. C. U. L., ou na bilheteira do Cinema Imperial, à hora das sessões, ou através dos delegados do C. C. U. L. nas Faculdades, ou na Associação dos Estudantes do Instituto Superior Técnico, através do empregado, sr. Domingos, ou finalmente dirigindo-se, por carta, à nossa Redacção.

CARAVELA

por **MARIA JOSÉ LANCASTRE** (13 anos)

Caravela majestosa
Que Portugal ajudaste
A tornar-se bem maior,
Caravela carinhosa
Que depois O embalaste
Quando gemia de dôr,
Caravela mui formosa
Que, altiva mulher,
Nos braços O apertaste,
Caravela, diz-me lá,
Quando a luta era mais dura,
Porque não desanimaste?
«Como o poderia fazer.
Se para mim ele era amante,
Era filho, era pai, era marido;
Como o poderia abandonar,
Vendo-o humilhado, ferido:
Eu era a sua ilusão!
Era parte do seu coração
Eu era o porto seguro,
No meio da tempestade,
Era refúgio puro
Entre tanta maldade.
E, quando escondia sua fronte no
meu peito,
No meio da sua dôr,
Eu sentia nessa altura,
Aumentar o meu amor!...

Amigo n.º 1172

Desenho de RUY CONÇALVES — Amigo 1893

HISTÓRIA DA DANÇA E DO BALLET

SEGUIDA DO

DICIONÁRIO DO BALLET MODERNO

PELOS MAIORES ESPECIALISTAS DE RENOME UNIVERSAL

Cada fascículo de 48 páginas impressas a 2 cores contendo 7 ilustrações em heliogravura e uma policromia, além de vários desenhos incluídos no texto, preço 25\$00. Obra completa de 15 fascículos (os dois volumes) 330\$00

BOLETIM DE ASSINATURA

Nome

Morada

deseja assinar a edição ilustrada da «História da Dança e do Ballet» e «Dicionário do Ballet Moderno», pagamento por fascículos ou de uma só vez.

(a)

Cortar o que não interessa e enviar o presente boletim, depois de preenchido, aos editores e distribuidores:

REALIZAÇÕES ARTIS — Rua das Taipas, 12, r/c, esq. — LISBOA-2

3

Estímulos

Diz-nos o novo amigo n.º 1887 — Maria Ausenda Mendonça Monteiro (16 anos), do Porto:

«Assisti na semana passada à reunião da Delegação portuguesa dos amigos do «Juvenil», que me agradou bastante, tanto pelo interesse dos assuntos debatidos como pelo ambiente de camaradagem que existe entre todos. Li também o «Juvenil», e achei-o de muito interesse e merecedor de aplauso e ajuda. Gostaria, pois, que me contassem no número dos amigos do jornal».

Escreveu o amigo n.º 1492 — António Manuel Simões Coutinho (19 anos), do Porto:

«Fui ontem pela primeira vez assistir a uma das reuniões na Casa dos Jornalistas. É admirável a camaradagem entre os amigos do nosso jornal e para isso é que o «Juvenil» serve».

4

Sugestão aceite

O secular amigo n.º 367 — Armando Hasse Ferreira (de Lisboa) sugere que, havendo também colaboração de desenhadores jovens no nosso jornal, se substitua, nas condições dos concursos, a palavra «artigos» (menção dos 3 artigos proferidos por estoutora, mais conforme com a realidade, «colaboração».

Está certo.

5

Assinaturas

Pergunta-nos o amigo n.º 1495, de Loulé, Jorge da Silva Santana, se as assinaturas do «Juvenil» (1\$00 cada numero) chegam aos domingos, à Província. Salvo caso anormal, assim é.

6

Voltou...

Voltou ao nosso convívio um amigo muito querido, o José João Maurício Esteves (n.º 465), da Figueira da Foz. Fazemos votos para que nos escreva todas as semanas, pois sentiremos com isso um grande estímulo.

7

Amigo n.º 593

A jovem americana Louise Brian Russel quer pôr-se em contacto com os nossos colaboradores-desenhadores Vivaldo Graça, Louro Artur, Filipe Leandro Martins, Vítor Ricardo Jorge Rodrigues e Vítor Neves Ferreira. Desejaria propor-lhes a organização de uma exposição de arte juvenil. Ótima ideia. A morada da Louise é: Quinta da Saudade. Livramento. São João do Estoril.

8

Uma amiga na Suíça

A jovem suíça Annie Sturzenegger, de 18 anos, moradora em La Tour de Peilz (Vaud), empregada no Departamento de Publicidade da Société Nestlé, em Vevey, é mais um dos novos amigos do «Juvenil». Foi o amigo n.º 735 — Joaquim Leitão da Silva — quem no-la apresentou.

Eis uma aquisição que muito nos alegra. No próximo numero publicaremos uma poesia sua, em francês.

9

Crítica da colaboração

Vamos criticar, como de costume, a colaboração recebida:

1) — Remorsos, por Carlos Alberto Colação, de Lisboa (amigo n.º 1154, de 17 anos).

O teu conto está um pouco desleixado, tanto quanto a forma como a própria maneira de conduzir a narrativa. Os diálogos são pouco naturais; muita coisa poderia ser cortada em troca de pormenores que dariam mais veracidade humana à história. Em todo o caso possui interesse e publicá-lo-emos.

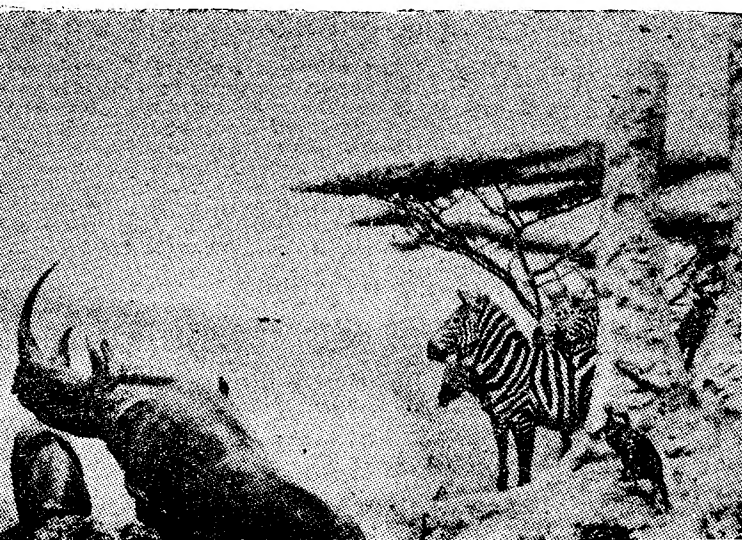
2) — Poesias de João Casimiro Crespo, de Viseu (amigo n.º 1850).

A melhor das tuas composições é «As Andorinhas», que brevemente aparecerá no «Juvenil». É singela, de toada agradável. Os defeitos que lhe notamos evidenciam-se melhor nas três restantes poesias: não as submeteste a uma crítica objectiva, não as trabalhaste uma, duas vezes até lhe corrigires os senões mais notórios. Um deles é o recurso a rimas em «inha», muito fáceis e sem beleza (salvo em casos especiais como, por exemplo, o passo dos «Lusiadas» dedicado a Inês de Castro, que cito de cor e

(Continua na página seguinte)



O PARQUE DE KRUGER



A 400 quilómetros de Pretória encontra-se o Parque Nacional de Kruger. Este parque ocupa uma faixa relativamente estreita e excessivamente longa em relação à sua largura, orientada na direcção Norte-Sul. As pastagens e o sentido de mi-

Podemos vez os macacos saltitando de árvore em árvore, fazendo uma algazarra, avisando deste modo os outros grupos de animais das redondezas.

As impalas, que são cuidadosas sentinelas, dão o alarme à menor aproximação de perigo. As aves também ajudam a que-

felizes e simples animais, a bomba K, o senhor X e a civilização que tão incivilizada se encontra.

Mas a vida continua sempre,

sempre para a frente como bola de neve em colina escarpada.

Tiremos uma lição do viver anónimo dos animais de Kruger e vivamos como Homens.

Aqui têm mais uma adivinha:

Sou bastante rija,
Com muitos olhos formada,
Ainda que mos tapem á força
de pancada
Sempre fico destapada.
Corro por frios e calmas,
E até me trazem nas palmas
E se desamparo o posto,
E me tornam a apanhar
A' força de pancadas
Me tornam ao mesmo lugar.

Esta é a ultima adivinha da série. Na próxima semana mudaremos, por isso, de concurso. Mas devemos acrescentar que esta é uma adivinha do encantador livro «Qual é a coisa, qual é ela?», da autoria de Fernando Pires de Lima — um livro que nos proporcionou a todos, uns belos momentos de distração.

As respostas devem estar na nossa Redacção, Rua Luz Soriano, 44-48, até o dia 19 do corrente, acompanhadas do nome do concorrente, morada, idade, e bem assim da menção dos três artigos de que mais gostaram neste numero.

O patinho feio

(Continuação da página anterior)

mo eu e como tu terias sido se não tivesses nascido rapariga.

Sim, teria que usar de preferência uma farda, ser alto, prático e rico. E ela teria que ter filhos e ser feliz a maneira de sua mãe.

Mas não, com ela não poderia ser assim. Ela tinha que ser sobretudo feliz, tinha que amar, tinha que saltar por cima das barreiras e das convenções, tinha que viver uma vida diferente da de sua família.

Se ela fora diferente em tudo. Desde que nascera. O que a impediria de ser diferente no amar e na morte?

Começou a fazer versos.

O irmão troçou da ideia mas não disse nada.

E a poesia encheu a vida de Inês. Depois escreveu alguns contos. Começou a publicá-los com outro nome. Começou a ser conhecida.

Um dia publicou um livro de versos.

Mas a família não sabia nada e procurava com insistência um pretendente que Inês aceitasse e, clamava contra ela porque era diferente até das outras raparigas da família, diferente do que tinham sido suas tias e sua mãe.

Todavia para ela a vida era agora uma coisa deliciosa. Sentia que pisava um terreno onde a família nunca andaria. Sentia que enfim conseguira ser diferente das outras. Que fizera o que Deus esperava dela e não tracara ela o seu próprio destino igual ao das outras e do que tinha sido traçado para as outras.

E depois Deus recompensou-a porque Ele recompensa sempre os que O Amam e deu-lhe um noivo.

Um noivo que a amou e a fez feliz.

Um noivo que a compreendeu e a pôs a viver, às claras, para todos a sua verdadeira vida.

E sobretudo um noivo que agradou a toda a família porque reunia nele todas as qualidades de força, tradição e amor que alguém poderia desejar.

E Inês foi feliz.

Foi feliz depois de ter sido infeliz e de ter sido considerada pela família uma coisa diferente de todas.

Porque na verdade ela era diferente...

(AMIGO N.º 1.639)

ALGUÉM

por MARIA ELISA GONÇALVES (14 anos)



É Alguém.
Na rua escura e triste.
Mas quem?
Ninguém.
Um de entre tantos
Na multidão...
Passamos por ele,
Olhamos o seu rosto com indiferença,
E passamos...
Mas aquele rosto frio e fechado.
Reflectirá o que lhe vai
No coração?
Não sei, ninguém sabe...
É um de entre tantos na multidão...
É Alguém nesta vida
Que não para.
É Alguém no Mundo imenso
É Alguém, mais nada!

Amigo N.º 1644

Uma obra de JACK LONDON

A colecção «JUVENIL», editada pela Portugália, foi criada com o objectivo de fornecer aos rapazes e raparigas grandes obras de escritores clássicos e contemporâneos.

Pois acaba de sair o terceiro volume, o romance

APELO DA SELVA

por
JACK LONDON

com uma bela capa de Octávio Clérigo.

Jack London é por demais conhecido. Não necessita, por isso, de qualquer apresentação. Este seu livro é dos mais belos que escreveu.

Soluções do Concurso do Juvenil

Qual é a coisa, qual é ela? — A LUA

VENCEDORES

1. — Amigo 1 — Isabel Maria Sousa Guerra (Lisboa).

2. — Amigo 7 — Anabela Margarida Sousa Guerra (Lisboa).

3. — Amigo 365 — Maria Guilhermina Lobato (Barreiro).

4. — Amigo 1237 — João Fernando Santos Mendes (Estoril).

5. — Amigo 1580 — Maria da Piedade Gandarez (Lisboa).

6. — Amigo 1477 — Maria Manuela Entrudo Viegas (Faro).

7. — Amigo 81 — Maria Luisa Costa Dias (Lisboa).

8. — Amigo 1863 — Maria Eloisa Ferreira (Lisboa).

Prémio para o trabalho mais votado do numero 146:

9. — Amigo 1786 — Afonso Jorge.

9. — «NÃO ESTAMOS SÓS», colec. Miniatura, de Livros do Brasil;

Prémio para o melhor artigo do n.º 146:

10. — Amigo 1033 — Maria José Lamas Caeiro.

10. — «O Potro Vermelho», da colec. Miniatura.

Prémio para o trabalho mais votado do n.º 147:

11. — Amigo 1680 — António Nunes de Almeida.

11. — «Um beijo no leproso», da colec. Miniatura.

Prémio para o melhor trabalho do n.º 147:

12. — Amigo 735 — Joaquim Leitão da Silva.

12. — «A Velha França», da colecção de Bolso — Portugália.

PRÉMIOS

1. — «Coesette», por Víctor Hugo — da Portugália Editora.

2. — «EM FAMÍLIA», por Hector Malot, da Portugália Editora.

3 a 5. — «VELHA FRANÇA», da colec. de Bolso da Portugália Editora.

6. — «BENITO CERENO», da colec. dos Rapazes, edição da Portugália Editora.

7. — «O véu pintado», colec. Miniatura, Livros do Brasil, Lda.

8. — «Um casamento em Florença», da Miniatura, Livros do Brasil, Lda.

(Continuação da página anterior)



Tristão não sabe, mas também não sabe que as horas se tornaram lentas, lentas só desde que entre Isolda e ele se levantou a lonjura do oceano. Mas sabe que desta maneira sentem todos os namorados e não houve nenhum que assim não fosse.

Os meses, no entanto, vão correndo; Tristão é novo; não se passa um instante que nojas distrações o solicitem: são as caçadas, os torneios, as festas, os solaus; e aos poucos e poucos vai minorando a sua mágoa de ave prisioneira. Por toda a parte se erguem louvores à sua beleza, à sua generosidade, à sua destreza, à sua coragem. Se entra numa caçada, numa justa — é ele sempre o primeiro. Como ruínas escarpadas começa a medrar a sua volta o despeito. Assim está escrito que tem de ser! Mas aonde se havia de aninhar a serpente da inveja? Ah! maldade humana! Triste fraqueza a dos homens que parecem mais fortes! São eles os mais débeis.

El-rei Marcos já se esqueceu do que o seu pai deve ao jovem Tristão. Só pensa, noite e dia, que o sobrinho e amado pelo povo e pela maioria da corte. Quando o vê triunfar, há uma voz que lhe murmura: «Eis o teu inimigo! eis o teu inimigo! Acalenta uma vibora no teu seio. Amanhã te morderá. De soberano passarás ao mais pobre dos vassallos e teu sobrinho envergará a coroa que só a ti pertence».

Assim pensa Marcos. De início, ainda procura lutar contra a tentação: mas já ela o enredou na sua teia. Agora Marcos só pensa desfazer-se de quem o salvou. Mas como? Um crime tem de ser bem feito. O soberano revolve-se, noites sem conto, no seu leito. Mas como?

Até que lhe ocorre a ideia venenosa. Escutai! Escutai! Ele mandará mais uma vez Tristão à corte da Irlanda. Mas antes, enviará um mensageiro a contar que foi o jovem quem matou Morolte. Ainda supõe

que o seu antigo adversário não sabe esta notícia.

Mas qual o motivo para lá enviar o sobrinho?

El-rei Marcos sorri-se. Que ideia extraordinária! Pois mandá-lo lá como embaixador para pedir para si a mão de Isolda.

Quando o monarca lhe dá conta da missão, o jovem sente tanta alegria que tem medo que o tio ouça como trota o sangue nas suas veias.

Vede o barco partir! Pelas ribas do mar, acenam as asas de centenas de lençóis. E o vento investe nas velas e enfuna-as...

As ondas do oceano encrespam-se para ouvir um som de cítara. Os marinheiros ficam-se horas perdidas a escutar as mais belas canções que

e dias entre céu e mar. Tristão não toca nenhuma das suas canções. Tristão foge de encontrar Isolda. E pensa a jovem: «Afim! este cavaleiro traiu a palavra que me deu. Pois não me disse: «serei vosso fiel cavaleiro até ao fim dos meus dias»? E que fez? Leva-me para junto de um homem que não amo e foge de me falar, para não confessar a sua traição».

Mas Tristão fugia de Isolda para não abrir as portas ao seu coração. Ora estava escrito que tal não poderia evitar. Vem a manhã em que ambos os jovens se encontram de repente face a face. Olham-se em silêncio. Na face de Isolda florescem as lágrimas e Tristão que procurava fugir sente-se preso ao chão.

o rei Marcos — a flor da graça oculta pela noite escura! O velho soberano, fingindo-se absorvido pela cerimónia nupcial, não perde de vista a esposa e o sobrinho. Seus espões na Irlanda vieram informá-lo de que os jovens se amam. Ah! que talvez encontre aqui um pretexto para mandar matar o sobrinho! Enquanto os dias deslizam, ele continua a perseguir os mínimos passos de Tristão. Sabe onde ele esteve, hora por hora. Mas já desespera. As suas suspeitas esbarram sempre na beleza moral de ambos os jovens. O amor que os liga, sofre no em silêncio com as lágrimas. Não há ciladas, traições que o desmascarem. A tentação nada pode.

Marcos desespera. Um dia, finalmente, consegue que Tristão e Isolda se encontrem a sós numa sala. Mal o jovem ultrapassa a porta e faz um gesto para recuar, vendo a sua amiga, um vômito de esbirros empurra-o para a frente, rodeia-o, procura prendê-lo. Quem viu traição mais negra?

Nos primeiros instantes o moço cavaleiro protesta altivamente; mas as cutiladas com que o agridem, fazem-lhe passar uma onda vermelha pelos olhos. Desembainhando a espada, defende-se, ao mesmo tempo que exclama em alta voz:

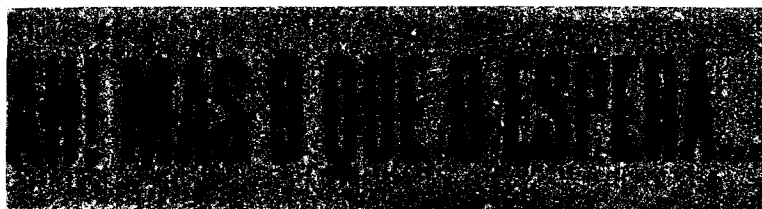
— Traição!

O seu brado foi logo seguido de um grito terrível: Isolda caía nas lajes, sem acordo. Então o jovem, esportado pela angustia, move-se como um possesso.

Se ninguém viu o deus da justiça com a sua espada de fogo, venha ver Tristão, o cavaleiro sem mácula. Os inimigos tombam, fulminados. A grande sala do castelo enche-se de imprecações e de gritos de dor. Novos sicários acorrem. Isolda acorda. Ergue-se, lentamente, como uma flor de espanto.

Parece hesitar um segundo. Depois corre para a janela e abre-a. Tristão compreendeu. A sua amiga aponta-lhe a salvação. Sorri, embora sintas seu corpo ausente e já sem forças. Olha Isolda e o amor puro que dela emana, dá-lhe alento para lutar. Seus golpes abrem nos inimigos clareiras de terror. Aproveitando a confusão, encaminha-se rapidamente para a janela, que salta sem vacilar.

Ah! amigos! Mas o que o esperasão os rochedos, lambidos pela habugem do oceano.



até então ouviram. E assim passa o tempo. E assim vem a manhã em que as verdes costas da Irlanda surgem pela proa da nave.

Que regozijo, quando Tristão desembarca! Isolda pensa que ele a veio buscar eternamente para esposa.

— A que vindes, querido amigo? — pergunta o soberano, logo que se encontra a sós com ele.

— Vim pedir, senhor, a mão de vossa filha para meu tio, o rei Marcos.

— Preferiria que o fizésseis para vós — lamenta o soberano. — Porque não há-de antes ser assim.

— Ah, meu senhor, se tal fizesse seria um homem desonrado. Não prometi a meu tio que me incumbiria da missão?

A notícia corre, célere, pela corte e pelo povo da Irlanda. Isolda irá casar com o rei da Cornualha. Todos têm pena que Tristão não seja o noivo.

Eis os preparativos prontos. Eis a nave a balouçar-se, empurrada pelo vento. Eis a verde Irlanda a submergir-se no azul do oceano. Dias

O momento que sempre temera, chegou. Irá sossobrar?

Quem assim duvida não conhece a alma do cavaleiro. Ele irá pelo caminho recto da verdade.

— Minha amiga — diz — o que me vai na alma não é lícito revelá-lo. O destino quis que nos apartássemos. Mas nunca esquecerei o amor que vos tenho. Trar-vos-ei sempre na memória. O que de melhor fizer será a vós que o dedico, pois de vós me vem a força para o fazer. Mas que lutas teremos de enfrentar para isso? Se olharmos à nossa volta, só vemos a maldade e o egoísmo. Os cavaleiros usam da espada não para defender a Paz, mas para acrescentarem os seus bens. Que dever é o nosso, jovem, senão o construir um mundo melhor? Dos mais velhos que nós, não o herdámos: teremos, pois, que o erguer de novo, pedra por pedra, com a mágoa do nosso sacrifício.

Assim ficou selado o mais nobre amor que o Mundo jamais viu. Mas porque será que a beleza está fadada a morrer cedo?

Olhai os esponsórios de Isolda com

PORQUE NÃO?

por MARIA DE LOURDES DOS SANTOS MARTINS (17 anos)

**PORQUE DUVIDAM
QUE A RAPARIGA DA FÁBRICA
POSSA TER UMA DIGNIDADE,
UMA GRANDEZA,
UM IDEAL?**

**PORQUE NÃO ACREDITAM
NA POSSIBILIDADE
DE UMA ALMA EM SI
CHEIA DE SONHO, DE LUZ, DE BELEZA?**

**PORQUE NÃO ENTENDEM
O SEU NATURAL DESEJO
DE FELICIDADE?**

**LÁ, NO TRISTE INTERIOR DA FÁBRICA,
LÁ, ONDE A VIDA É UMA MÁQUINA,
QUANTO ESFORÇO
PARA SE SER GRANDE,
QUANTO DESEJO DE FUGIR
A INSENSIBILIDADE
E DE VOAR PARA O BELO !...
QUANTA LUTA !
E QUANTOS CRITOS, ÍNTIMOS, DE DOR E ANSEIO
QUE NINGUÉM ESCUTA !...**



8) — *A Fábula do Mandarim*, por António da Costa Barradas (amigo n.º 1892).

Bastante boa, esta tua fábula. Publicá-la-emos num dos próximos números.

Manda-nos dizer a data do teu nascimento.

9) — *Gnothi Seauton*, por Frederico Nunes Abel (19 anos, amigo n.º 1682).

Não acreditamos muito que aquele «Nosce te ipsum» viesse resolver os problemas do teu reporter esfomeado... Para aceitarmos a solução que adoptaste era preciso que, antes, a tivesses preparado convenientemente, integrando-a nos problemas do herói da história. Mas publicaremos o trabalho, pois revela qualidades.

10) — *Esperança perdida*, por Fernando José Clemente.

É uma narrativa com bastante interesse. Será publicada.

11) — *As Dólicas*, por António José Barbosa de Oliveira (amigo n.º 1820, 17 anos).

Esta poesia, amigo, necessita dum pequeno retoque. Dá uma forma mais humanística às seguintes expressões, que não acredito sejam sentidas:

Como eu, odiavam. Odiavam os homens.

Eu odiei mais os homens.

Pois que é isso, António José?

A poesia tem nível. Modifica-lhe aqueles aspectos verdadeiramente negativos e excessivos e publicá-la-emos.

12) — *Faina no cais*, por Julio Maggioly Novais (não indica o número de amigo).

Este pequeno revela bastantes qualidades de escritor. Mas escreve sem qualquer cuidado: as palavras repetem-se («os barcos que iam passando iam rasgando as águas», o «comboio ia arrastando uma serpente de carruagens, de todos os feitios, e ia deixando um rasto de fumo branco», etc.) e há pequenos passos confusos.

Poderíamos publicar o conto tal como está, mas sentimos que não é prestar serviço a quem possui tantas condições para fazer muito melhor. Amigo Julio: sê exigente contigo. Podes fazer belas coisas. Autocrítica-te. Cá esperamos a nova versão do teu conto.